

Maçonaria

Revelada



Os Segredos do Mestre Maçom

O mais alto grau do simbolismo maçom
sua lenda e seus segredos

Estudo Interpretativo e Instruções Para o Terceiro Grau Maçônico

Introdução

Trata-se do terceiro e último Grau do Simbolismo. Para muitos Irmãos, principalmente para os adeptos dos três Graus, é o coroamento final do aprendizado maçônico. Nas Potências ou Obediências Simbólicas é o Grau em que é concedida ao Iniciado a plenitude dos direitos maçônicos e obviamente a contrapartida dos deveres maçônicos.

O Grau é muito esotérico e é dedicado inteiramente ao espírito.

Neste Grau aparece pela primeira vez a pregação de uma doutrina através de uma lenda. Trata-se da Lenda de Hiram. Ei-la:

Prosseguiam os trabalhos de construção do Templo de Jerusalém, que eram dirigidos e coordenados por um triângulo composto dos seguintes personagens: Salomão, Rei de Israel; Hiram, Rei de Tiro; e Hiram Abi, artífice e especialista na arte de fundição em bronze, filho de uma viúva da tribo de Neftali.

Segundo suas aptidões e conhecimentos os trabalhadores eram divididos em três categorias — Aprendiz, Companheiros e Mestres, recebendo salários equivalentes aos postos. Quando a construção encontrava-se adiantada e prestes a acabar, alguns Companheiros, desejosos de retornar às suas pátrias, portadores da dignidade que lhes conferiria o título de Mestre, mas não tendo capacidade para adquiri-lo por seus próprios méritos, arquitetaram um plano de conseguir as Palavras de Passe, que lhes dariam a possibilidade de frequentar a reunião dos Mestres, a Hiram Abi. No meio da intentona, a maioria deles desistiu, restando três maus Companheiros que estavam firmemente decididos a levar adiante o traiçoeiro plano. Eram eles: Jubelas, Jebelus e Jubelum.

Penetraram no Templo à noite e foram ocupar, respectivamente, as portas do Sul, do Ocidente e do Oriente, onde aguardou Hiram terminar suas Orações. Hiram sai pela porta do Sul. Jubelas intercepta-o, exigindo a Palavra de Passe. Hiram nega, alegando que dois motivos o impedem de transmiti-la. Primeiro porque havia jurado que só em presença dos reis de Israel e de Tiro, além de Hiram, é que a Palavra poderia ser transmitida. Segundo, porque o Companheiro solicitante não tinha qualidades para recebê-la. Raivoso, Jubelas dá-lhe uma pancada com a Régua, cortando-lhe a garganta.

Hiram corre para a porta do Ocidente para fugir à agressão, mas ali encontra Jubelas, que lhe faz a mesma intimação. Recebendo a mesma resposta, aplica em Hiram um golpe com a ponta do Esquadro sobre o peito.

Ferido, Hiram corre para a porta do Oriente, onde Jubelum dá-lhe implacável pancada com o Maço sobre a cabeça, prostrando-o morto.

Os três maus Companheiros escondem o corpo do Mestre e fogem.

Sentidas as ausências nos trabalhos, Salomão desconfia da ocorrência e expede diligências para esclarecer as dúvidas. Os três maus Companheiros são descobertos e a conversa deles sobre o crime é ouvida, sendo os três presos e levados a Salomão, que os condena à morte, segundo sentença que eles mesmos haviam pronunciado.

O Corpo do Mestre Hiram é descoberto, pois o sepulcro estava assinalado por um ramo de Acácia. Com Hiram Abif morto e preservando o Juramento que haviam feito, ficaram perdidas as Palavras e os Sinais de Mestre. Para solucionar o problema, Salomão determinou que as primeiras palavras a serem

pronunciadas ao descobrir-se o corpo de Hiram Abif e os primeiros Sinais realizados passassem a ser os novos Sinais e Palavras de Mestre.

No simbolismo maçônico, o grau de Mestre representa o Outono da vida, estação em que o Sol termina o seu curso e morre para renascer: é a época em que o homem recolhe os frutos do seu trabalho e de seus estudos. É o emblema que indica a compreensão das lições de Moral que a vida ensina e a experiência que se alcança.

O Mestre deve ser um todo harmonioso. É a meta que deve procurar todo Maçom. É o mérito do Iniciado de ter atingido este desenvolvimento que o constitui dentro da verdade como um ser intelectual.

O Terceiro Grau maçônico: o Grau de MESTRE é o complemento necessário dos dois primeiros. Se não existisse, a cumeeira do edifício faltaria e a Maçonaria Especulativa não seria outra coisa senão uma irrisória caricatura da Maçonaria Operativa.

O Mestrado conduz a novas sínteses. O Aprendiz dedicou-se ao trabalho material do desbaste da "Pedra Bruta". O Companheiro ao trabalho intelectual que implica na realização da "Pedra Cúbica". Ao Mestre não pode ser atribuído senão o trabalho espiritual. A sua missão é derramar a luz e reunir o que está esparso.

O Mestrado não é um dom. É uma conquista. É a vitória do homem sobre si mesmo. O Mestre deve se esforçar por enxotar o velho homem, isto é, por eliminar paciente, mas definitivamente, todos os erros, as antíteses, as contradições de costumes e usos de nossa civilização, a fim de edificar sobre um terreno novo o ser superior que o colocará em comunicação com as regiões de igual natureza.

O Mestre não deve esquecer que, em sua ascensão para a espiritualidade o pensamento é uma força soberana, guiada com bom-senso e lógico. Convém ter sempre no espírito a meta de atingir e concentrar os seus desejos, os seus pensamentos e os seus atos para um mesmo ponto de vista dirigido com amor para uma ordem de coisas, mais perfeita, para as múltiplas definições do Bem, do Belo e do Verdadeiro.

O Mestre Maçom deve celebrar o companheirismo que amálgama os Irmãos pelo esquadro e pelo compasso, animados não somente pelos feitos dos nossos antepassados, mas também, pela vontade de superar obstáculos de hoje e do porvir.

Ser Mestre significa ser Mestre de si mesmo, trabalhar com inteligência e força de vontade em si mesmo, no seu próprio aperfeiçoamento, tendo sempre em mente o fato de que nada mais somos do que simples aprendizes, mesmo que nos denominemos Mestres.

Ser Mestre é aceitar que não nos pertencemos, mas à coletividade e que por isso mesmo sua inteligência e sua vontade devem estar sempre a serviço dessa coletividade.

Ser Mestre é acender luzes pelo caminho por que passa, luzes de amizade e sabedoria, de bondade e justiça, de harmonia e compreensão, de solidariedade e fraternidade.

Ser Mestre é não se considerar juiz dos defeitos e erros dos outros, mas saber compreender e perdoar. Ser Mestre é saber aceitar um conselho, para ser ajudado.

Ser Mestre é retribuir com ternura aos que o odeiam.

Ser Mestre é ser perfeito nas mínimas realizações.

A ARCA DA ALIANÇA

(Êxodo 25:10:22)

A Arca da Aliança é o item mais conhecido do Tabernáculo, famosa por seus misteriosos poderes contra os inimigos de Israel (I Samuel cap.5e6).

A Arca da Aliança ficava no Santo dos Santos, na parte dos fundos do Tabernáculo. O acesso só era permitido uma vez por ano, no Dia da Expição (Yom Kippur). Este acesso era restrito a uma pessoa, o sumo sacerdote. Ele deveria entrar no Santo dos Santos trazendo o sangue de um bode, oferecido em favor dele mesmo e dos pecados do povo de Israel.

A Arca por si só era uma pequena caixa, feita de madeira de acácia e recoberta de ouro. Suas medidas eram: 1,15 metros de comprimento, 0,7 metros de largura e 0,7 metros de altura. Ela era carregada por meio de duas barras longas, feitas de madeira de acácia e também recoberta de ouro.

A Arca era o trono de Deus em Seu lugar de habitação no Tabernáculo. Muitas pessoas, corretamente, associam a Arca da Aliança com o julgamento e a ira de Deus. O dia em breve virá, quando Deus julgará os segredos dos homens (Romanos 2:16) e "Do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens, que detêm a verdade em injustiça" (Romanos 1:18).

"Aquele que fez o ouvido não ouvirá?

E o que formou o olho, não verá?" (Salmo 94:9).

Caso você não esteja certo disto, leia a respeito do grande trono branco do julgamento de Deus em Apocalipse 20:11-15. Mas havia uma tampa na Arca, conhecida como Assento de Misericórdia, ou Propiciatório. Era aqui que o sangue do bode era aspergido pelo sumo sacerdote no dia da Expição, para aplacar a justa ira de Deus (propiciação) contra os pecados do povo de Israel.

O livro de Romanos no cap. 3:24-25 nos diz que há redenção em Jesus Cristo, pois Deus o tem posto como propiciação, pela fé no seu sangue. Cristo morreu, e o preço foi pago. Para aqueles que crêem na morte de Cristo pelos seus pecados, agora há misericórdia e não a ira. "Mas Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores. Logo muito mais agora, tendo sido justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira" (Romanos 5:8-9).

Nas extremidades do propiciatório havia dois Querubins. Não nos é dito que Deus se fazia presente dentro da Arca, mas sobre a Arca e no meio dos Querubins. Ali Deus habitava "na luz inacessível" (I Timóteo 6:16, Salmo 104:2). O sumo sacerdote tinha que proteger seus olhos, pois "homem nenhum verá a minha face, e viverá" (Êxodo 33:20). Este era onde Moisés encontrava com Deus (Êxodo 25:21-22, Levítico 16:14-15). A glória do Senhor encheu o Tabernáculo no dia em que ele foi edificado e ungido (Êxodo 40:9, 18, 34-35), exatamente no décimo quarto dia antes de completar um ano após a saída do povo do Egito (Êxodo 40:2; 12:6, 31). Os dois Querubins no propiciatório representam à glória de Deus (Hebreus 9:5).

A Bíblia não nos dá muitos detalhes a respeito da aparência da Arca da Aliança. Alguns modelos, mostram os Querubins ajoelhados, enquanto outros em pé. O que nós sabemos é que as suas asas estavam estendidas, cobrindo assim o propiciatório. As asas possivelmente se tocavam umas nas outras para fazerem uma cobertura completa. Estas incertezas não devem nos perturbar, pois "Agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como

também sou conhecido" (I Coríntios 13:12).

Os Itens abaixo mostram o seu conteúdo, que eram estes:

1. As duas tábuas da Lei
2. A vara de Aarão que floresceu
3. O pote de ouro com maná "escondido"

Estes três itens juntos formavam o testemunho

(Êxodo 25:21), por conseguinte a Arca é chamada a Arca do Testemunho.

As Tábuas da Lei

Os dez mandamentos foram escritos nestas duas tábuas de pedra, pelo dedo de Deus, no monte Sinai (Êxodo 31:18; 32:16, 19; 34:1). As tábuas de pedra também eram chamadas de tábuas do testemunho (Êxodo 31:18), pois nos mostram os atributos de Deus como sendo: zeloso, cuidadoso, fiel e verdadeiro. Ele é santo e justo.

Aqui estão os dez mandamentos (Êxodo 20:1-17):

Introdução: "Eu sou o SENHOR teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão".

1. **Não terás outros deuses diante de mim.**
2. **Não farás para ti imagem de escultura, não te encurvarás a elas nem as servirás. Pois eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso.**
3. **Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão, porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão.**
4. **Lembra-te do dia do sábado, para santificá-lo. Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra, mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus. Porque em seis dias fez o Senhor o céu e a terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou.**
5. **Honra o teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá.**
6. **Não matarás**
7. **Não adulterarás**
8. **Não furtarás**
9. **Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.**
10. **Não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem coisa alguma do teu próximo.**

Os dez mandamentos nas duas tábuas de pedras são à base da aliança de Deus com os filhos de Israel (Êxodo 19:5-7). Eles estipulam quais são os justos requerimentos da lei, sem ajudarem aos filhos de Israel a obedecê-los.

Em razão de os filhos de Israel não cumprirem a parte deles neste concerto (visto que era impossível, Romanos 8:3), Deus prometeu fazer uma nova aliança, "Não conforme a aliança que fiz com seus pais,..... porque eles invalidaram a minha aliança, apesar de eu os haver desposado, diz o SENHOR (Jeremias 31:32)."

"Mas esta é a aliança que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o SENHOR: Porei a minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo.

E não ensinará mais cada um a seu próximo, nem cada um a seu irmão, dizendo: Conheci ao SENHOR; porque todos me conhecerão, desde o menor até ao maior deles, diz o SENHOR; porque lhes perdoarei a sua menor até ao maior deles, diz o SENHOR; porque lhes perdoarei a sua 34). "

Esta é a Nova Aliança que Jesus confirmou com o Seu sangue (Lucas 22:20).,

O Salmo 40:7-8 é uma profecia sobre o Messias: "Então disse: Eis aqui venho; no rolo do livro de mim está escrito. Deleito-me em fazer a tua vontade, ó Deus meu; sim, a tua lei está dentro do meu coração." Em cumprimento: "Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, Para remir os que estavam debaixo da lei,..." (Gálatas 4:4, 5a).

Jesus cumpriu a lei de Deus, amando-o de todo Seu coração e ao seu próximo como a Ele mesmo. Isto fica bem claro nos quatro evangelhos.

Deleitando-se em fazer a vontade de Deus (João 4:34; 5:30; 6:38), Jesus tinha a lei de Deus (as dez "Palavras" de Deus) em seu coração, como a Arca da Aliança guardava as tábuas do testemunho. A Palavra de Deus se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e verdade (realidade no Grego) (João 1:14).

Através da morte de Cristo na cruz, como um sacrifício perfeito, nós somos perdoados dos pecados cometidos sob a lei e remidos da sua escravidão.

Deus mesmo se responsabiliza por escrever sua lei em nossos corações e incuti-la em nosso entendimento, quando envia aos nossos corações o Espírito de seu Filho (Gálatas 4:6, Hebreus 8:10-12). Desde então, uma obra vivificadora ocorre em nosso homem interior, "Cristo, que é a nossa vida" (Colossenses 3:4), "Cristo seja formado em vós" (Gálatas 4:19), o que resultará no mínimo no mesmo testemunho de Deus quanto os dez mandamentos.

A nação de Israel quebrou a velha aliança, e nós ainda fazemos o mesmo, tentando guardar a lei através de nossos próprios esforços. Na Nova Aliança, Deus se responsabiliza por escrever suas leis em nosso entendimento através de seu Espírito (Romanos 8:4, Ezequiel 36:25-28), visto que nós andemos em Espírito.

João é bem econômico em seus escritos, usando uma ou duas palavras para descrever vastas realidades. Mas seu foco não é tanto o entendimento, mas sim o verdadeiro conhecimento ou experimentar, por exemplo, do Pão da Vida (João 6:35), João se refere a Jesus como:

O "Verbo" em seu evangelho (João 1:1)

A "Palavra da vida" em sua primeira epístola (I João 1:1) A "Palavra de Deus" em Apocalipse 19:13.

Em cada caso, o alicerce do pensamento de João parece ser a Arca do Testemunho.

A Vara de Aarão que Floresceu

Um pouco de história é necessário aqui. Começaremos pelo relato de Números capítulo 16. Logo após o Tabernáculo estar em funcionamento, um dos sacerdotes (Coré) e alguns outros homens fizeram um desafio à liderança de Moisés e Aarão.

Usando uma linguagem que parecia ser espiritual, Coré advoga em causa própria: "Basta-vos, pois que toda a congregação é santa, todos são santos, e o SENHOR está no meio deles; por que, pois, vos elevais

sobre a congregação do SENHOR".

Os companheiros de Coré não eram sacerdotes e a linha de pensamento deles era totalmente contra a Palavra de Deus, pois disseram: 'Moisés, nos tirou da terra que mana leite e mel (Egito) e nos trouxe para este deserto. Onde está a terra que mana leite e mel que você nos prometeu? Você pensa que todos nós somos cegos?' Isto era uma mentira aberta, pois o Egito foi para eles: trabalho árduo, muito sofrimento, lágrimas e desesperança, mas após alguns meses depois da construção do lindo Tabernáculo, a memória da escravidão estava se passando, e então veio o desafio.

Moisés instruiu a todos que viessem diante do Senhor no dia seguinte. Deveriam trazer incensários, com fogo e incenso, e colocá-los na presença de Deus. Deus estava furioso e julgou Coré e seus companheiros. Seus incensários foram usados, como folhas estendidas, para cobertura do Altar do Holocausto, por memorial, ou seja, para lembrá-los da ira de Deus sobre aqueles que falaram veementemente contra Ele e contra aqueles que Ele havia escolhido (Números 16:29).

Mas o incidente não terminou ali. Toda a congregação começou a murmurar contra Moisés e Aarão porque eles haviam matado "o povo do SENHOR". Novamente Deus reage furiosamente e rompeu uma praga no meio do povo, que somente cessou quando Aarão obedeceu a Moisés, e colocou o seu incensário (o autorizado) diante do Senhor no Tabernáculo. A praga foi devastadora no meio do povo, e Deus assim provou, de forma trágica e punitiva, que Moisés e Aarão eram realmente escolhidos por Ele.

Entretanto, Deus desejava provar de outra maneira, de forma agradável e esclarecedora, que Aarão foi a sua escolha para o sacerdócio (Números 17:5). Uma vara de cada uma das cabeças das doze tribos foi marcada com os respectivos nomes das tribos e colocadas diante de Deus, perante a Arca do Testemunho (Números 17:4).

Quando Moisés retornou no dia seguinte, a vara de Aarão havia florescido, produzira flores e brotara renovos e dera amêndoas maduras. Deus instruiu Moisés a colocar a vara de Aarão novamente diante do testemunho, "para que se guarde por sinal para os filhos rebeldes"; a fim de prevenir contra futuras murmurações e mortes (Números 17:10).

Isto é a história do Velho Testamento. A aplicação dela está em João capítulo 11. Lázaro, o amigo de Jesus está seriamente enfermo. Jesus os amava: Lázaro, Marta, e Maria, mas não foi vê-lo imediatamente, esperou ainda dois dias. Isto causou muitas murmurações e discussões. Os próprios discípulos eram os primeiros a murmurar e discutir, especialmente quando Jesus (sem ter sido avisado por ninguém) anunciou que Lázaro adormecera (João 11:11, 14).

Marta, Maria e os enlutados eram os próximos a murmurar e discutir. Marta não podia esperar para dizer a Jesus o que ela pensava, ao encontrar Jesus pelo caminho. Maria foi menos direta, mas ainda assim fez à mesma observação que Marta: "Senhor, se tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido" (João 11:21, 32).

Isto parece realmente ruim, Jesus tinha deixado às pessoas decepcionadas, do jeito que a "imprensa" gosta de "publicar". É neste mesmo ambiente de morte, desespero e desesperança que Jesus anuncia: "Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá" (João 11:25).

Jesus pergunta a Marta se ela crê, e ela responde excelentemente com doutrina exata. Ela crê que Jesus é o Messias, o Cristo, o Filho de Deus que veio ao mundo (João 11:27). Ela evita responder a Jesus o real

sentido da pergunta, porque sua teologia reagia ao seu pesar. Alguns dos outros começam a questionar se Ele é realmente o Messias. Apesar de tudo, se Jesus pode fazer um cego ver (uma forte prova de que Ele é o Messias, Isaías 42:1,7), por que Ele não podia ter impedido a morte de Lázaro?

Jesus não tinha a intenção de impedir a morte de Lázaro. Ele demonstrou ter tido a intenção de esperar até que ele morresse, a fim de que o povo pudesse ver a glória de Deus aparecer no Tabernáculo, e para que muitos acreditassem Nele (João 11:40, 15,45).

Lázaro não era uma peça de madeira cortada de uma amendoeira em algum lugar, como a vara de Aarão tinha sido. Lázaro verdadeiramente era um ser humano, um amigo querido, agora (após estar morto por quatro dias em Israel) estava, sem dúvida nenhuma, se decompondo rapidamente, além de alguma esperança de ser recuperado.

"Tirai à pedra"

"Pai, graças te dou, por me haveres ouvido" (Ele já havia estado no Altar de Incenso, orando)

"Lázaro sai para fora".

"Desligai-o, e deixai-o ir"!

Que sinal do Messias! Quem podia duvidar agora que Jesus é a ressurreição e a vida, como Ele disse? Somente aqueles que estavam planejando matá-lo (João 11:47-54). Mas, mesmo assim, eles estavam debaixo do soberano plano eterno de Deus.

Grande parte da história do Tabernáculo e do Templo é triste e decepcionante, mas hoje, milhares de anos depois, as pessoas ainda estão muito interessadas em aprender a respeito do Tabernáculo e do Templo.

Isto tem muito a ver com a Arca da aliança, a qual (pelo menos em parte de sua história) continha a vara que floresceu, que se cumpriu em Jesus, à ressurreição e a vida! Muito da história da igreja, é profundamente decepcionante, mas repetidamente Jesus Cristo torna-se a ressurreição e a vida para os membros de Seu Corpo.

A vara de Aarão que floresceu foi um sinal contínuo de que Deus o escolhera como sacerdote (Números 17:5). Mas o sacerdócio de Aarão foi interrompido pela sua morte Jesus Cristo, no entanto, tem um sacerdócio constituído segundo a virtude da vida incorruptível (Hebreus 7:16). Ele pode salvar perfeitamente os que por ele se achegam a Deus (Hebreus 7:25).

O Pote de Ouro com Maná "Escondido"

Maná era o alimento que descia de Deus diariamente para sustento dos Israelitas no deserto durante os quarenta anos da jornada para Canaã. A maneira que ele era enviado exigia da nação de Israel o desenvolvimento de autodisciplina. O maná somente chegava de manha cedo com o orvalho (Êxodo 16:13-14). Quando o sol surgiu, ele teria evaporado (Êxodo 16:21). O maná tinha de ser colhida diariamente, qualquer sobra criava bichos e cheirava mal (Êxodo 16:20), e eles deveriam colher uma porção dobrada no sexto dia, pois não seria enviado no sábado (Êxodo 16:22-27). Era chamado Maná, porque em Hebraico isto quer dizer: 'o que é isso?'.
Parecia semente de coentro e seu sabor era como bolos de mel (Êxodo 16:31). O Senhor ordenou a Moisés para que enchesse um ômer com Maná e o guardasse como memorial para as gerações futuras,

para que vissem como Deus alimentou os Israelitas no deserto (Êxodo 16:32-33). Este é o Pote de Ouro com Maná "escondido", que ficava no Tabernáculo (Apoc. 2:17).

Agora, é óbvio que se o Maná fosse guardado por mais de um dia, ou dois (se fosse no sábado), ele criaria bichos e cheiraria mal. Porque então guardá-lo como memorial para as futuras gerações?

A chave da resposta é o Pote de Ouro. O Pote de Ouro iria durar para sempre. Ele era redondo, indicando a eternidade, e de ouro, indicando ser 'de Deus, divino'. O Pote de Ouro indica vida eterna. Nossa vida necessita estar "escondida com Cristo em Deus" (Colossenses 3:3) e nós necessitamos conhecer "Cristo, que é a nossa vida", o 'zoe' (Grego) vida eterna (Colossenses 3:4). O Maná escondido foi um memorial de como Deus sustentou Seu povo em uma situação impossível. Cristo é real, e disponível para todas as pessoas em qualquer idade ou em qualquer circunstância. A questão é: o quanto Ele significa para nós? O que fazemos enquanto desfrutamos de tempo e energia para servi-lo? Também quando nós passamos por apertos e Ele nos socorre, experimentamos seu suprimento de vida nestas ocasiões, é bom termos um memorial para as futuras situações. "E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro.

A MAÇONARIA E O LIVRO DA LEI

Ao nos aprofundarmos nos estudos de Maçonaria, podemos encontrar no Livro da Lei (Bíblia) e também nos outros diversos livros da lei muitas passagens no que diz a respeito à simbologia e ritualística.

Podemos citar alguns como:

BATERIA

À porta do Templo(Lucas - cap. 11, ver. 09).

- Batei e sereis atendidos.
- Pedi e recebereis.
- Procurais e achareis.

INICIAÇÃO

Viagens – Encaminharei os cegos para a estrada que não sabes. Fá-lo-eis andar por veredas que sempre ignoraram (Isaias - cap. 42, ver. 16).

Purificação pela água e pelo fogo – Quando passares pelas águas eu serei contigo; quando pelos rios, eles não te submergirão. Quando passares pelo fogo não te queimarás nem a chama arderá em ti. (Isaias - cap. 43 ver. 02).

Nem nu nem vestido – Não te chegues para cá. Tiras as sandálias dos pés porque a terra que estás é terra santa. (Êxodo- cap. 03 ver. 05).

- Então disse o Senhor: Assim como Isaias, meu servo andou três anos despido e descalço... (Isaias - cap. 20, ver. 03)

ESPADA FLAMEJANTE

O VenM, depois de o iniciado receber a “Luz” o proclama Maçom, por três vibrações ou fagulhas do fogo divino. Simbolicamente morto para o mundo profano o iniciando se habilita para uma nova vida.

“E expulsou o homem, colocou Querubins no oriente do Jardim do Éden, e o flamejar de uma espada para

guardar o caminho da árvore da vida”. (Gênesis - cap. 03, ver. 24).

SIGILO MAÇÔNICO

Edificava-se o Templo com pedras já preparadas nas pedreiras, de maneira que nem martelo, nem machado, nem instrumento algum de ferro se ouviu no Templo quando o edificavam. (Reis III - cap. 06, ver. 07).

PEDRA BRUTA

“Chegando-vos para ele a pedra que vive, rejeitada pelos homens, mas para

Deus, eleita e preciosa, também vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual...”. (1º Livro-Epist. de Pedro – cap. 02, vers. 04 e 05).

A TAÇA SAGRADA

“Porque na mão do Senhor há um cálice, cujo vinho espuma cheio de mistura, dele dá a beber, servem-nos até escórias, todos ímpios da terra”. (Salmo – cap. 75, ver. 08).

AMOR AO PRÓXIMO

O ritual do 1º Grau é abundante de citações de amor Ao próximo. “Porque a mensagem que ouvistes desde o princípio é que vos ameis uns aos outros”. (1º livro – Epist. De S. João, cap.03, ver. 11).

OS TRES PASSOS DO APR

Os passos em esquadria significam que o passo é justo, é reto. Significa que a retidão é necessária a quem deseja vencer na ciência e na virtude. “A vereda do justo é plana; tu que és justo, aplanas a vereda dos justos”. (Isaias – Cap. 26, ver. 07).

LOJA JUSTA E PERFEITA

Para uma Loja ser justa e perfeita é necessário sete Ir\.....

“A sabedoria edificou a sua casa e lavrou suas sete colunas”. (Prov. – cap. 09, ver. 01).

A RECONCILIAÇÃO COM TEU IR

Maçom inimizado ou não reconciliado com seu Ir\ não deve entrar em Loja.

“Lembrarás que se teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com ele e então voltando, faça tua oferta.

(Matheus – cap. 05, vers. 23 e 24).

O OLHO QUE TUDO VÊ

Os olhos do Senhor repousam sobre os justos e os seus ouvidos estão abertos a seu clamor”. (Salmos – cap. 34, ver. 15).

BENEFICÊNCIA MAÇÔNICA

Quando, pois deres esmola, não toques trombetas diante de ti, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens.

Em verdade vos digo que eles receberam a recompensa.

Tu, porém, ao dares a esmola faça que a tua mão esquerda não saiba o que faz a tua mão direita.(Matheus – cap. 06, vers. 02 e 03).

TRANSMISSÃO DA PALAVRA

Segundo a lenda, quando da construção do Templo de Salomão, a Palavra dos Mestres era conhecida por três personagens que tinham o poder de comunicá-la de maneira que a ausência ou desaparecimento de um só dentre eles, tornava-se essa comunicação impossível.

E, uma Loja, efetivamente, não poderá ser aberta sem a presença de no mínimo três Mestres.

“Uma palavra me foi dita em segredo e os meus ouvidos perceberam o sussurro dela”.

(Jó – cap. 04, ver. 12).

A PEDRA BRUTA E SUAS APLICAÇÕES FILOSÓFICAS PREFÁCIO

A pedra bruta é a pedra de cantaria, que é uma pedra própria para ser esquadrejada e usada nas construções, já que só a pedra esquadrejada cúbica, ou em forma de paralelepípedo - é que encaixa perfeitamente nas construções, sem deixar vãos. Os homens que nela trabalhavam eram os canteiros, ou esquadrejadores da pedra, os quais a transformavam na pedra cúbica. Daí os dos símbolos em Loja, já que praticamente tudo o que fazemos hoje, tem sua origem nas organizações dos franco maçons de ofício, ou operativos, como a dos canteiros.(José Castellani)

INTRODUÇÃO

Para os iniciados nos Augustos Mistérios da Maçonaria, a apresentação do seu primeiro trabalho é um passo de valor imensurável, por tratar da importância de pesquisar, comparar obras de mais de um autor, tirar conclusões próprias, externar o que pôde aprender e o que progrediu com os ensinamentos prestados pelos irmãos de Loja.

O tema escolhido é palpitante haja vista sua aplicabilidade tanto no meio profano como na maçonaria simbólica, de vez que podemos verificar desde as mais antigas civilizações já se faziam menções sobre as pedras, que ao longo do tempo foram utilizadas das mais diversas formas para expor o pensamento humano, seja ele religioso como filosófico. Não obstante a maçonaria especulativa muito sabiamente aproveita esses conceitos retirados das pedras à expressão marcante e lança ensinamentos para todos seus membros, desde sua iniciação.

DESENVOLVIMENTO

A história da humanidade desde seu início tem um vínculo forte com as pedras. O homem das cavernas descobriu-as como grandes aliadas. A pedra foi utilizada para vários fins seja como arma ou outra ferramenta qualquer que facilitara a vida de nossos ancestrais.

O tempo foi passando e o homem evoluía cada vez mais, seus aprendizados foram aprofundando-se, até que adquiriu o domínio de várias técnicas, as quais eram vitais para sua sobrevivência. Essas técnicas deram origem à ciência, produto do intelecto humano, como somatório dos conhecimentos adquiridos.

Ainda em sua primitividade o homem, por seus caracteres que diferem dos outros animais (corpo, alma e mente), sentia a necessidade de comunicar com o ser superior, pois percebia em sua espiritualidade que foi criado, logo, desse sentimento nasceu à religião que era manifestada de forma muito variada conforme cada região onde habitava.

As pedras dentro da religiosidade têm um valor sem par, elas eram erigidas para representar seus deuses. E vemos que de simples pedras não-talhadas, gradativamente os homens foram utilizando pilares lavrados e depois para colunas talhadas esculturalmente, segundo a semelhança de animais ou homens, destinados a tornarem objetos de reverência e culto como representação de deuses, que por sua solidez e durabilidade, servia para sugerir o poder e a estabilidade de uma divindade.

O culto utilizando pedras tem sido rastreado em quase todas as regiões da terra e entre quase todos os povos bárbaros. A Bíblia Cristã, desde o livro do Gênese até o Apocalipse, faz alusões às pedras, vejamos alguns exemplos:

- *Em Gênese, capítulo vinte e oito, versículo dezoito, lemos: “No dia seguinte pela manhã, tomou Jacó A PEDRA sobre a qual repousara a cabeça e a erigiu em Estela derramando óleo sobre ela;*
- *As tábuas onde foram escritos os dez mandamentos eram de PEDRA (Êxodo, capítulo trinta, versículo dezoito);*
- *Há referências bem conhecidas tanto no Velho como no Novo Testamento sobre as pedras-símbolos. No Livro dos Salmos, capítulo cento e dezoito, lemos: “ A PEDRA que os construtores rejeitaram, tornou-se PEDRA ANGULAR”. Considera-se isso uma profecia dirigida a Jesus, como o Cristo, que foi rejeitado pelos judeus, mas tornou-se a PEDRA fundamental da igreja.*
- *Jesus cita essas palavras em Mateus, capítulo vinte e um, acrescentando: “Aquele que tropeçar nesta PEDRA, far-se-á em pedaços, e aquele sobre quem cair será esmagado”.*
- *Pedro denomina Jesus em sua segunda epístola, capítulo quatro, como PEDRA PRECIOSA;*
- *Ao passo que Pedro foi chamado CEPHAS, quer dizer PEDRA, pelo próprio Jesus em Mateus, capítulo vinte e seis, versículo dezoito.*

Já no judaísmo se vê a velha lenda sobre o maravilhoso depósito de PEDRA DE FUNDAÇÃO, É encontrada no livro Talmúdio-yoma, que afirma, ela tinha sobre si o nome sagrado de DEUS gravado na síntese da sigla G.A.O.T.U. Alguns rabinos hebraicos dos tempos antigos adeptos à doutrina metempsicose acreditavam que uma alma humana podia após a morte não só renascer num corpo humano, mas também, por culpa de seus pecados, num corpo de animal e até mesmo aprisionado numa PEDRA. No fólio hebraico número cento e cinquenta e três, podemos ler: “A alma de um caluniador pode ser forçada a habitar uma PEDRA SILENCIOSA.

Os antigos gregos costumavam erguer colunas de pedras consagradas diante de seus templos e ginásios e até mesmo as habitações de seus cidadãos insignes.

No mundo árabe em Meca (cidade de peregrinação islâmica), acha-se a PEDRA mais notável do mundo, é uma PEDRA PRETA, que está preservada na “kaaba” ou casa cúbica que fica no átrio da mesquita sagrada. Acredita-se que seja um aerólito ou pedra meteórica. Esta PEDRA PRETA tem sete polegadas de comprimento aproximadamente, e é oval, segundo diz, ela foi quebrada durante o assédio de Meca em 683 DC, foi recomposta com cimento e encerrada numa cinta de prata. Está embutida na parede do ângulo nordeste da kaaba a uma altura que permite que os devotos a beijem em ato de adoração.

Esses são apenas alguns dos inúmeros exemplos da correlação homem e pedra, presente na cultura

religiosa que é a mais antiga manifestação circundada na vida humana. Assim também para a maçonaria as pedras têm um valor imensurável, posto que a própria origem desta instituição tenha muito haver com elas, uma vez que é herdeira o conhecimento de várias associações de construtores, principalmente daquelas manifestada durante a Idade Média. A representação simbólica das pedras está intimamente ligada com a vida de um maçom, desde sua iniciação, seu primeiro trabalho realizado à frente do irmão primeiro vigilante, onde ele ainda não percebe a riqueza existente nesse gesto.

A PEDRA BRUTA é o ponto de partida para a grande transformação a ser feita no espírito do maçom. Desbastar esta PEDRA BRUTA significa que esse trabalho simbólico deve-se dedicar o maçom para chegar a ser o obreiro que domina a boa arte de construir. Na realização desse trabalho o iniciado é ao mesmo tempo obreiro, matéria-prima e instrumento. Ele mesmo é a PEDRA BRUTA, que representa seu atual estado de imperfeito desenvolvimento, que deve converter-se em forma de perfeição interior.

Como a perfeição é infinita e seu absoluto é inacessível, o que nos resta fazer é tão somente aproximar da perfeição ideal, por etapas de progresso, desenvolvendo-as através de sucessivos graus de perfeição relativa. O próprio reconhecimento de nossa imperfeição por um lado e de outro um ideal desejado são as primeiras condições indispensáveis para que possa existir o trabalho de desbaste. Se o Aprendiz souber relevar, quando algum irmão o aborrecer, estará retirando uma aresta, se ele usar o exercício da tolerância contra as agressões, mais arestas caem. O construir, o participar, o contribuir e o atender são atributos que também retiram arestas.

Contudo a melhor maneira de desbastar a PEDRA BRUTA é a própria comprovação fraterna – chave para abrir portas aos irmãos e assim estaremos dando mostras de que os amamos. Este é o caminho certo, o início do aperfeiçoamento, que certamente será longo, áspero e de sacrifícios, mas vale a pena ser trilhado. É dando que se recebe lembra-nos Francisco de Assis, em uma mensagem de amor.

Assim pedem os aprendizes maçons, sempre haja alguém que os ajudam a suportar o fardo, a torná-lo leve, colaborando com seu progresso mostrando sempre o caminho do bem e da virtude. É necessário ainda que cada um de nós, sendo PEDRA BRUTA conheça sua natureza, descubra de que material é feito, que resistência possui, se é pedra-ferro, pedra mármore, granito ou outra composição.

Esse trabalho deve ser uma contínua rotina em nossas vidas, uma vez que a necessidade de aprimoramento seja ele intelectual; espiritual ou psíquico faz parte da natureza humana para atingir novos paradigmas do verdadeiro progresso, a serviço da própria humanidade que vai adentrando por séculos e séculos cumprindo seu destino. Pois somos degraus na cadeia da divindade, e cada degrau sustenta um e é sustentado por outro, o ser evolucionado além de limpar e polir seu degrau tem também o dever de contribuir para a limpeza dos outros, para que nada de feio se veja, assim estaremos evoluindo e colaborando para a evolução do todo, pois “o todo é muito maior que a simples soma das partes”.

CONCLUSÃO

O valor alegórico inspirado nas pedras, desde os primórdios tempos, é refletido para toda a existência, que o homem moderno precisa obter os ensinamentos que elas – as pedras proporcionam, a fim de melhorar sua própria vida, para contribuir na construção de uma sociedade centrada nos bons costumes. Desta forma, faz-se necessário buscar incessantemente o aprimoramento individual e coletivo, quer nos trabalhos das oficinas, nos encontros fraternos, na aplicação da doutrina, no ensinamento geral a que todos abrangem, nas ocupações do mundo profano, que o maçom cumpre integralmente sua finalidade na sociedade humana.

A transformação de PEDRA BRUTA EM PEDRA POLIDA só encontra seu significado real com o trabalho primitivo dos PEDREIROS LIVRES, quando, a própria oficina procura anular as arestas de seus próprios membros quaisquer que sejam as suas posições em Loja, sejam quais forem seus títulos iniciáticos.

A SACRALIDADE DO TEMPLO

Após a estada no átrio, onde o maçom se despe mentalmente do aspecto profano, isto é, procede a uma desintoxicação completa, libertando-se de qualquer resquício de negativismo, ou seja, afasta de si qualquer mágoa que possa ter para com um irmão seu, adentra no Templo, obedecendo à ordem hierárquica, na "procissão", de conformidade com o Grau Iniciático, a posição administrativa e os usos e costumes da Loja.

A entrada é feita pela esquerda, obedecendo ao mostrador de um relógio, em marcha ordinária, ou seja, sem o sinal do Grau, e em "fila indiana", isto é, um a um.

O Mestre de Cerimônias é quem rompe a marcha, precedendo os aprendizes e o orientando para que ocupem os lugares a eles destinados, procedendo de igual forma para os companheiros e mestres.

Compete ao Mestre de Cerimônias guiar a procissão, porque é ele quem "bate à porta" que no ato encontra-se fechada.

Antes dos membros do quadro ingressar no átrio, três irmãos dirigem-se ao Templo, permanecendo no seu interior, a saber: o Arquiteto, o Mestre de Harmonia e o Guarda do Templo Interno.

O Arquiteto tem o dever de prover que a Loja se encontre preparada para receber os Irmãos; o Mestre de Harmonia prepara o fundo musical e o Guarda Interno se posta à porta para abri-la tão logo isso lhe for solicitado. Essas são as disposições normais e racionais que precedem o momento da introdução dos membros do quadro ao Templo.

Os três Irmãos que precedem à entrada dos demais, manterão um comportamento apropriado à sacralidade do Templo, isto é, o silêncio, o respeito e a compenetração de suas tarefas.

Não se pode esquecer que todo o Templo foi previamente consagrado pelo Mestre em cerimônia apropriada.

Essa "sagração" é um ato único; não se repete quanto naquele edifício funcionar um Templo. Trata-se de um ato litúrgico sagrado que imprime a permanente sacralidade e essa exige o tradicional respeito e a mística decorrente da consagração.

Totalmente impróprio será, dentro do Templo, sob pena de profanação, a falta de compostura, a algazarra, o desrespeito e a atitude agressiva dos Irmãos uns para com os outros.

Certa "corrente" admite que, enquanto ainda não presente o Venerável Mestre, os Irmãos possam adentrar, tanto pela esquerda como pela direita e desordenadamente, permitida até a conversa.

Para apresentarmos nossa crítica aos que assim pensam, basta nos lembrar que ao se abrir a porta, já há "sons" melodiosos significando o início da louvação ao Grande Arquiteto do Universo, Inexistem ainda "provas" definitivas para uma afirmação categórica a respeito da obrigatoriedade de ser a entrada em

Templo pela esquerda.

Creemos que a tese, ainda permanece polêmica de vez que, segundo alguns, a marcha obedece à direção dos ponteiros dos relógios; outro, que deveria obedecer à direção da rotação da Terra; terceiros que o movimento deveria ser o indicado pela agulha magnética da bússola; e, finalmente, que seria a rotação do Sol a comandar os passos do maçom.

Nesse constante pesquisar, ainda iniciando-se os trabalhos ao meio dia, quando o Sol está a pino e seus raios incidem sobre o maçom, perpendicularmente, iluminando-o a ponto de seu corpo não produzir sombra, nessa posição neutra comandaria o movimento dos passos, o "coração" que por estar situado à esquerda do peito, nessa direção comandaria a direção da marcha.

No Grau de Companheiro, adentramos no Templo pela direita e no Grau de Mestre pelo centro.

Os três posicionamentos devem ser observados em conjunto; se alterássemos a entrada do Grau de Aprendiz, seguindo pela direita, forçosamente deveríamos alterar a direção dos graus que se sucedem.

De qualquer forma, o fato da "entrada" é que deve manter a sacralidade do Templo; quem ingressa é o Irmão que se purificou no átrio; entra pela ordem hierárquica porque no Quadro da Loja essa é a sua posição; entra individualmente porque entra como elo e não como corrente; como membro do Quadro e não como Quadro.

E... com essas considerações, não devemos esquecer que a "saída" do Templo também é ordenada, agora, inversamente.

Ao retirarem-se os Irmãos, permanecerão somente dentro do Templo o Arquiteto, para colocar nos devidos lugares o que foi porventura desajustado; o Mestre de Harmonia, porque proverá o som até a saída do último Aprendiz; e do Guarda do Templo, porque, ao sair o último Aprendiz, ele "fechará" a porta. Momentos depois, ao esvaziar-se o átrio, o Guarda do Templo retirar-se-á, indo de encontro do Guarda Externo a quem cumprimentará. Ambos estarão convictos que cumpriram o seu dever.

Inicialmente, o Arquiteto, o Mestre de Harmonia e os Guardas adentrarão no átrio, junto com o Mestre de Cerimônias, com a finalidade de prepararem-se para o seu desempenho, de vez que todos os que adentrarem no Templo devem se convencer que estarão adentrando em recinto sagrado. O Guarda Externo não adentra no Templo, mas purifica-se no átrio para exercer a sua função. Seria recomendável para o Guarda Externo que fosse permitido o rodízio a fim de propiciar indistintamente, a todo o quadro, a mesma oportunidade de "estar".

A Simbologia Numérica, o Hexagrama

Dentro da Simbologia Numérica, temos as seguintes relações:

AA.'1, 2, 3, e 4. CC.' 4, 5, 6 e 7. MM.' 7, 8, 9, e 10.

A DÉCADA é aqui encarada como representando uma unidade nova. DEZ encerra, pois uma união completa, um ciclo fechado, ao qual nada há que acrescentar.

Pitágoras ensinava que DEZ engendra QUATRO, pois $1 + 2 + 3 + 4 = 10$, graficamente, figurado pelo triângulo encerrando dez pontos disposto por 1, 2, 3 e 4.

Outrora, um traçado destes provocava a sucessão infinita de idéias, todas lógicas e intimamente encadeadas. Ao iniciado moderno cumpre tornar a formar a Cadeia que lhe servirá de fio de Ariadne, para guiá-lo no labirinto dos conhecimentos iniciáticos.

CINCO nasceu de QUATRO; SEIS é constituído pelo ambiente sintético, emanado de CINCO.

A atmosfera psíquica que envolve nossa personalidade, compõe-se, sob o ponto de vista hermético, de ÁGUA vaporizado pelo FOGO ou de água ígnea, isto é, o fluido vital carregado de energias ativas.

Essa união do Fogo e da Água é representada graficamente por uma figura, muito conhecida por SIGNO DE SALOMÃO.

Dos dois triângulos entrelaçados, um é masculino ativo e o outro é feminino passivo. O primeiro representa a energia individual, o ardor que se eleva da própria personalidade; o segundo representado por um triângulo invertido, em forma de taça, é destinado a receber o orvalho depositado pela unidade através do espaço.

ACENDIMENTO DE VELAS

Segundo uma visão cabalística do processo, há informação que os Hebreus utilizaram o simbolismo do candelabro de sete velas para manter em segredo os ensinamentos da Árvore da Vida.

Temos:

7 - 5 - 3 - 1 - 2 - 4 - 6 PARA ACENDER

1 - 3 - 5 - 7 - 6 - 4 - 2 PARA APAGAR

Quando observamos a correspondência da árvore da vida no candelabro vemos que as três primeiras são a 3 - 1 - 2.

A segunda tríade da Árvore da Vida é composta do 4 e 5 e mais o cruzamento dos braços das velas 3 - 1 - 4 e assim direto até a casa 10 que é a última sephirot.

Outra forma de verificar tem:

Quando temos as velas 1, 2 e 3 têm a primeira tríade.

Quando temos as velas 4 e 5, temos que verificar o primeiro cruzamento dos braços que completa a segunda tríade.

Quando temos a 6 e 7, fechamos a terceira tríade com o segundo cruzamento dos braços.

Somando assim nove, como na cabala temos a décima sephirot será o último cruzamento dos braços do candelabro.

Como se pode ver, para acender e apagar a Menorah há um certo ritual que deve ser observado. As Velas não podem ser acesas através de isqueiros, fósforos enxofrados, ou qualquer outro meio que produza fumaça ou cheiro desagradável. Igualmente, ao apagá-la, não poderá ser com o "hálito", que é considerado impuro, ou com a mão, usar abafador apropriado

ALTAR JUR. . OS TRÊS GRAUS

(Mes\)

"Mas lembra-te do teu Criador nos dias de tua juventude, antes que venham os maus dias, e cheguem os anos dos quais dirás:

“não tenho neles prazer”; antes que se escureçam o sol, a lua e as estrelas, e que a chuva suceda as nuvens.

E o pó volte à terra como era e o espírito volte a Deus. Vaidade das vaidades! Diz o Eclesiastes, tudo é vaidade.”

(Comp\)

“Eis o que me mostrou o Senhor:”

O Senhor estava sobre um muro levantado a prumo; e tinha um Prumo na mão.

Que vês tu, Amós? Perguntou-me. Eu disse: Um prumo.

Então me disse o Senhor: Eis que eu porei no meio do meu povo Israel e jamais passarei por ele.”

(Apr\)

“No Princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no Princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por Ele e, sem Ele nada existiria. Nele estava a Vida, e a Vida era a Luz dos homens. A Luz resplandece nas trevas e as trevas não a compreenderam.”

AS PENEIRAS DE HIRAM

Meia-noite em ponto! Mais uma jornada na construção do Templo terminara. Cansado por mais um dia, Mestre Hiram recostou-se sob o frescor do Ébano para o tão merecido descanso. Eis que, subindo em sua direção, aproxima-se seu Mestre Construtor predileto, que lhe diz:

Mestre Hiram... Vou lhe contar o que disseram do segundo Mestre Construtor...

Hiram com sua infinita sabedoria responde:

Calma meu Mestre predileto; antes de me contares algo que possa ter relevância, já fizeste passar a informação pelas “Três Peneiras da Sabedoria?”

Peneiras da Sabedoria??? Não me foram mostradas, respondeu o predileto!

Sim... Meu Mestre! Só não te ensinei, porque não era chegado o momento; porém, escuta-me com atenção: tudo quanto te disseram de outrem, passe pelas peneiras da sabedoria e na primeira, que é a da VERDADE, eu te pergunto:

Tens certeza de que o que te contaram é realmente a verdade?: Meio sem jeito o Mestre respondeu:

Bom, não tenho certeza realmente, só sei que me contaram:

Hiram continua:

Então, se não tens certeza, a informação vazou pelos furos da primeira peneira e repousa na segunda, que é a peneira da BONDADE. E eu te pergunto:

É alguma coisa que gostaria que dissessem de ti?

De maneira alguma Mestre Hiram... Claro que não!

Então a tua estória acaba de passar pelos furos da segunda peneira e caiu nas cruzetas da terceira e última; e te faço a derradeira pergunta: Acha mesmo necessário passar adiante essa estória sobre teu Irmão e Companheiro?

Realmente Mestre Hiram, pensando com a luz da razão, não há necessidade...

Então ela acaba de vazar os furos da terceira peneira, perdendo-se na imensa terra. Não sobrou nada para contar.

Entendi poderoso Mestre Hiram. Doravante somente e boas palavras terão caminho em minha boca.

És agora um Mestre completo. Volta a teu povo constrói teus Templos, pois terminaste teu aprendizado. Porém, lembra-te sempre: as abelhas, construtoras do G\A\D\U, nas imundícies dos charcos, buscam apenas flores para suas laboriosas obras, enquanto as nojentas moscas, buscam em corpos sadios as chagas e feridas para se manterem vivas.

DIFERENÇAS RITUALISTICAS ENTRE RITOS

Venerável: Existente em todos os Ritos, senta-se no Oriente, a cadeira onde está sentado tem diferentes nomes

Moderno: Cadeira de Salomão e a mesa chama-se Triângulo da Sabedoria, todas as mesas chamam-se triângulos.

Nos Ritos Escocês Antigo e Aceito, Adonhiramita e Brasileiro: à mesa chama-se Altar e à cadeira chama-se Trono de Salomão.

No Rito de Schröder: a mesa do Venerável chama-se Altar.

No Rito York ou Emulation Rite Todas as mesas são chamadas de Pedestais.

Past Master:

É o último Venerável, só existe no Rito de York, REAA e no Emulation Rite e senta-se à esquerda do Venerável.

O emprego em outros Ritos é indevido. No Rito Schröder, na Alemanha usa-se “Alt Meister” ou “Alt Stuhlmeister”, ou seja Ex-Mestre da Loja ou Ex-Mestre da Cadeira, no Brasil começaram a chamar de Past Master. Nos demais Ritos devem ser chamados de ex-Veneráveis ou de Mestres Instalados, embora cerimônia de Instalação seja característica apenas do York e Emulation e REAA.

1º Vigilante: Existente em todos os Ritos, chamado no Emulation e York de Senior Warden.

No Rito Moderno e no Rito Adonhiramita está situado no Ocidente à sudeste, junto à coluna B. No Rito de York e de Schröder no Ocidente, bem de frente do Venerável, na linha do Equador. No Rito Escocês e Brasileiro no Ocidente à noroeste, junto à Coluna B (colocação inversa à do Rito Moderno.)

2º Vigilante: Existente em todos os Ritos, no Emulation de Junior Warden. No Rito Moderno e no Rito Adonhiramita está situado no Ocidente, à noroeste, junto à coluna J. No Rito de York e no de Schröder na coluna do Sul, no meio dos irmãos. No Escocês, anteriormente, ficava na posição inversa à do Rito Moderno, atualmente, copiando o Rito de York, passou a se colocar no meio da coluna do Sul, da mesma forma aconteceu como Rito Brasileiro.

Orador: Não existe no Rito de Schröder, sendo nomeado um Irmão esporadicamente, que senta-se à esquerda do Secretário. No Rito de York, chama-se Capelão, está colocado na mesma posição que no Rito Moderno e Adonhiramita, ou seja, no Oriente, junto à balaustrada e à esquerda do Venerável. No Escocês coloca-se à direita do Venerável, anteriormente, era a esquerda (basta ver a posição do sol em Lojas do Rito Escocês de construção antiga). No Rito Brasileiro a posição é a mesma que no Escocês.

Secretário: Existente em todos os Ritos. Nos Ritos Moderno e Adonhiramita fica situado no Oriente junto à balaustrada, à direita do Venerável. Nos Ritos Brasileiro e Escocês, na posição inversa. No Rito de York fica na Coluna do Norte, onde fica o Chanceler no Rito Moderno. No Rito de Schröder na coluna do Sul, onde fica o Tesoureiro no Rito Moderno, não é eleito, é nomeado.

Cobridor: No Rito de Schröder esta função é exercida pelo 2º Diácono Adj., também chamado Guarda do Templo. Nos ritos em que existe Cobridor ele se coloca junto à porta de entrada, sendo que no Rito

Moderno deve ficar bem de frente do Venerável, na linha do Equador.

Tesoureiro: Existente em todos os Ritos. Nos Ritos Moderno, de York e Adonhiramita fica no Ocidente, na coluna do Sul junto à balaustrada, à sudeste. Nos Ritos Escocês e Brasileiro à nordeste. No Rito de Schröder na coluna do Norte, à nordeste, mais ou menos na posição do Chanceler no Rito Moderno.

Chanceler: Não existe nos Ritos de York e de Schröder. Nos Ritos Moderno e Adonhiramita senta-se à nordeste, frente ao Tesoureiro. Nos Ritos Brasileiro e Escocês senta-se à sudeste. No Rito Brasileiro o Chanceler faz também o papel de Hospitaleiro.

Mestre de Cerimônias: Nos Ritos Moderno e Adonhiramita, no Ocidente, à nordeste, sentado à frente do Chanceler. No Rito Escocês e à sudeste. No Rito Brasileiro à nordeste, frente ao Tesoureiro, existe também um 2º Mestre de Cerimônias que se senta à sudeste. Não existe no Rito de York. No Rito de Schröder a função é exercida pelo 1º Diácono. Normalmente as propostas, nesses Ritos, são apresentadas diretamente ao Venerável.

Hospitaleiro: Nos Ritos Moderno e Adonhiramita senta-se à sudeste na frente do Tesoureiro. No Rito Escocês senta-se à nordeste, também à frente do Tesoureiro. Nos demais Ritos não existe, sendo que no Brasileiro o giro do Tronco é feito pelo Chanceler, que tem a função de Hospitaleiro e nos de York e Schröder pelo 2º Diácono.

Diáconos: Não existem nos Ritos Moderno e Adonhiramita. O 1º Diácono, nos Ritos Escocês e Brasileiro sentam-se no Oriente, à direita do Venerável abaixo do sólio; no Rito de York, no Ocidente, à direita do Secretário, e no de Schröder à esquerda do Tesoureiro. O 2º Diácono, nos Ritos Escocês e Brasileiro à direita do 1º Vigilante. No Rito de York e de Schröder também à direita do 1º Vigilante. No Rito de Schröder há um 2º Diácono Adjunto que senta-se à entrada do Templo, exercendo também a função de Cobridor.

Expertos: Não existem nos Ritos de Schröder e de York. No Rito Moderno e no Adonhiramita o 1º Experto fica à esquerda do 1º Vigilante, o 2º Experto à esquerda do 2º Vigilante e o 3º Experto atrás do 1º Experto. Nos Ritos Escocês e Brasileiro o 1º Experto, à noroeste, fica à direita do 1º Vigilante, na frente do 2º Diácono, e o 2º Experto à sudoeste.

Porta Bandeira: No Rito Moderno fica no Oriente, à direita de todas as autoridades, atrás do Secretário. Nos Ritos de York e Schröder não existe. Nos outros Ritos que o colocam em posição diferente da do Moderno deverão mudar, pois a Bandeira no Templo deve ficar conforme determina de lei profana.

Porta Estandarte: No Moderno fica no Oriente, atrás do Orador. Nos demais Ritos do lado oposto ao Porta Bandeira.

Arquiteto: Nos Ritos Moderno e Adonhiramita fica ao lado do Mestre de Cerimônias. Nos Ritos Escocês e Brasileiro à direita do 2º Experto. Nos demais Ritos não é designado.

Mestre de Banquetes: Nos Ritos Moderno e Adonhiramita ao lado do Hospitaleiro. Nos Ritos Escocês e Brasileiro à direita do Cobridor. Nos demais Ritos não é designado.

Mestre de Harmonia: Nos Ritos Moderno e Adonhiramita senta-se na coluna do Norte, junto à parede ocidental. Nos ritos Escocês e Brasileiro, na coluna do Sul, junto à parede ocidental. No Rito de

Schröder senta-se à esquerda do Venerável, à altura de onde se senta o Orador no Rito Moderno. No Rito de York não há designação oficial.

Mestres sem cargo: Nos Ritos Moderno, Adonhiramita, Brasileiro e Escocês sentam-se nas primeiras fileiras das colunas, Norte ou Sul. Nos Ritos de York e Schröder podem sentar-se nas colunas do Sul ou Norte, mas não nas primeiras fileiras.

Companheiros: Nos Ritos Moderno, Adonhiramita e Escocês sentam-se na última fileira da coluna do Sul. No Rito Brasileiro na última da coluna do Norte. Nos Ritos de York e de Schröder na primeira fileira da coluna do Sul.

Aprendizes: Nos Ritos Moderno, Adonhiramita e Escocês sentam-se na última fileira da coluna do Norte. No Rito Brasileiro na última da coluna do Sul. E nos Ritos de York e de Schröder na primeira fileira da coluna do Norte.

Autoridades, Dignidades e Mestre Instalados em todos os Ritos sentam-se no Oriente.

Sinal de Ordem: Todos os Ritos tem basicamente o mesmo Sinal de Ordem.

Saudação: Ela é feita nos demais Ritos da mesma forma.

Sinal de Abstenção: Existe apenas no Rito Adonhiramita, que é colocar as mm.º. acima da cab.º., nos outros Ritos geralmente se fica de pé e à ordem.

Sinal de Obediência: Existe apenas no Rito Brasileiro, e consiste em se colocar a m.º. d.º. sobre a e.º. sobre o av.º..

Sinal do Rito: Existe apenas no Rito Brasileiro, e consiste levar a m.º. d.º. ao o.º. e.º., depois ao o.º. d.º. e estender o br.º. à frente, com a p.º. da m.º. para c.º..

Aclamação: No Rito Moderno: Liberdade! Igualdade! Fraternidade!, estando à ordem. No Rito Adonhiramita: Vivat! Vivat! Vivat!, fazendo acompanhar pelos três estalos. No Rito Escocês: Huzzé! Huzzé! Huzzé! No Rito Brasileiro: Glória! Glória! Glória! Nos Ritos de York e de Schröder não existe.

Bateria: No Rito Moderno, Schröder e Adonhiramita: -oo-o-: No Rito Escocês e de York: -o-o-o-. No Rito Brasileiro: -o-oo-.

Palavra de Passe: Nos Ritos Moderno e Adonhiramita: T.º. No Rito Schröder ela é ensinada (T.º.), com a ressalva de que está em desuso. Nos demais Ritos não existe no grau de Aprendiz.

Palavra Sagrada: No Grau de Aprendiz: Nos Ritos Moderno, Adonhiramita e Schröder é J.º.. Nos Ritos de York, Brasileiro e Escocês é B.º., em todos eles só se dá soletrando.

Toque: No Grau de Aprendiz: Nos Rito Moderno, Adonhiramita e Schröder são iguais, dois tt.º. seguidos e um espaçado. No Rito Escocês três tt.º. seguidos na pr.º. falange do indicador. No Rito Brasileiro um t.º. espaçado e dois seguidos. No Rito de York um só t.º., que exige a palavra soletrada.

Idade: T.º. A.º.

Delta Luminoso ou Triângulo Radiante: - Com o olho que tudo vê deveria ser apenas do Rito Moderno, nos demais Ritos teístas ou deístas deveria ser a letra iod. No Rito Schröder é substituído por um triângulo com a letra G no meio, ou pelo Esquadro e Compasso também com a letra G no centro.

Paramentos: Aprendiz :Em todos os Ritos é o avental branco retangular (30x40), com a abeta triangular levantada.

Marcha: - Aprendiz :Nos Ritos Moderno e Adonhiramita: Estando à ordem, t.: pp.: para frente, iniciando com o dir.: e juntando o e.: em esq.:. Nos Ritos Escocês, Schröder e Brasileiro, inicia-se a marcha com o p.: e.:. No Rito de York dá-se apenas o 1º p.: reg.: da Franco-Maçonaria, começando com o p.: e.:.

Correspondência de graus: A correspondência dos Graus chamados Simbólicos é igual em todos os Ritos. Aprendiz, Companheiro e Mestre. Já nos chamados Graus Filosóficos, (não se deve chamar de filosofismo, posto que é um erro crasso, tendo em português um sentido pejorativo de falsa filosofia) há diferenças.

Os Ritos de York e Schröder não o cultivam, o York –Americano, Maçons do Real Arco o utilizam. Os Maçons do Schröder podem fazer os Graus Filosóficos nas Oficinas Capitulares do Rito Moderno. O Rito Moderno adotava 7 grau, atualmente adota 9, sendo que o Grau 4 (Eleito Secreto) corresponde do 4 ao 9 dos Ritos Escocês, Brasileiro e Adonhiramita (que adotava 13, adotando agora também 33).

O Grau 5 (Eleito Escocês) corresponde ao 14 dos demais Ritos. O Grau 6 (Cavaleiro do Oriente) corresponde aos Graus 15 e 16. O Grau 7 (cavaleiro Rosa-Cruz) corresponde ao Grau 18. O Grau 8 (Inspetor ou Cavaleiro Kadosh) corresponde do 19 ao 30. O grau 9 (Grande Inspetor) corresponde do 31 ao 33. Os Graus acima do 7 têm característica administrativa.

Outras Diferenças - Há, ainda, diferenças na prática ritualística, decorrentes das diferenças filosóficas, mas não cabe aqui, posto que demandaria o conteúdo de um livro. Diga-se, apenas, que o Rito Moderno, dado sua filosofia, não tem nenhuma característica cultural, ou seja, de um culto.

Eleições – No Rito de Schröder apenas o Venerável, os Vigilantes e o Tesoureiro são eleitos, os demais cargos são nomeados, mas hoje isso é uma opção de cada loja ou potência visando prevalecer o bem estar da loja.

Concluindo, diríamos que as diferenças fundamentais entre os Ritos são as Filosóficas. O Rito Moderno tem uma posição adogmática, não admitindo nenhuma verdade não discutível, não pesquisada, atendendo ao Princípio Maçônico da investigação constante da Verdade. Quanto ao entendimento do Absoluto, considerando-se um Rito racional por excelência, o tem fora da razão, portanto é assunto da crença de cada um dos Irmãos, é um problema de foro íntimo, que não se pode perscrutar nem impor a qualquer Irmão. Os outros Ritos têm característica teístas ou deístas. Motivo porque pode se intitular o Rito Moderno de “agnóstico”, o Rito, não os Irmãos que a ele pertencem, que podem ter uma prática religiosa ou não, conforme for de seu alvitre particular.

EU SOU TUBAL CAIM

Eu sou Tubal Caim, filho de Lamech e Zillah, irmão de Jabal, Jubal, e Naamah. Nós fundamos o começo de todas as ciências no mundo. Jabal, meu irmão, a ciência da geometria, e o primeiro a construir casas de pedra e madeira.

Jubal, meu irmão, a ciência da música, canções cantadas, música da harpa e órgão, e a composição. Naamah, minha irmã, fundou a arte e a ciência de tecer. E eu fundei a arte e ciência da forjaria do ouro,

prata, cobre, ferro e do aço.

Eu excedi todos os homens na força e era um guerreiro.

Eu também era conhecido como crisor e trabalhador do fogo.

Meu nome significa maçons trabalhando em busca da verdade .

O pai de Tubal Caim é Lamech (que foi, também pai de Noé), filho de Metuchael, filho de Menchael, filho de Irade, filho de Enoque, Filho de Caím. São, portanto sete gerações.

Mas quem é o pai de Caím, ancestral de nosso Hiram?

Eis aqui uma informação que fará tremer muitos francos-maçons cândidos, para os quais Hiram é uma espécie de Cristo: "Por filhos de Elohim designa a escritura os filhos de Caim. Pois quando Samael (Espírito Lúcifer) coabitou com Eva, comunicou-lhe sua corrupção, da qual tornou-se grávida. Foi então que ela pariu Caím, cujo o rosto era completamente diferente dos outros homens, e todos que descenderam de sua estirpe foram chamados filhos Heloim (ZOHAR, I-37 a).

Assim, Tubal Caim constitui a sétima geração nascida de Samael e Eva. Trata-se, portanto, de um filho adúltero. Assim, Hiram, por seu pai Ur, descendente de Tubal Caim e, por ele, em linha reta, de Caím e de Samael.

MAÇONARIA

“CERIMÔNIA DE INCENSAMENTO”

O incensamento é muito importante nas reuniões maçônicas, deve-se fazê-lo de forma ritualística.

As Lojas têm deixado de lado esta importante cerimônia de incensamento, acreditamos, por falta de um irmão que saiba manusear o turíbulo. Uma grande parte jamais assistiu uma cerimônia de incensamento e ignoram a sua benéfica prática.

A oficina possui um campo magnético cheio de vibrações mentais e espirituais, que na abertura ritualística partem do V.'. M.'. , para os oficiais Que vão sendo nomeados, voltando ao V.'. M.'. e se espalhando por todo o ambiente.

Desde a mais remota antiguidade, em cerimônias de caráter religioso e iniciático, o incenso tem sido utilizado. A sua fumaça é anti-séptica, atuando no meio físico e psíquico, propiciando uma enlevação espiritual. Por isso, devemos fazer o incensamento em todas as reuniões. O odor agradável representa para nós, o Divino, o humano e o material. É então, que se forma a grande cadeia universal, da qual cada irmão é um elo, entrando em ação e formando uma força fabulosa, que só muito poucos têm a felicidade de perceber e sentir.

Os oficiais da Loja devem ocupar decente e corretamente seu lugar, com respeito e recolhimento, não podem titubear, não podem errar, têm que estar preparados para exercer o cargo com desenvoltura, para que se possa fazer uso de uma força capaz de operar maravilhas, é quando a egrégora da Loja se junta à Gr.'. Loj.'. eterna, O irmão que tem mais energia dá aos que têm menos e estes a recebem dos que têm mais.

É assim que funciona quando utilizamos a B.'. P.'. Inf.'. e o Tr.'. Sol.'. , elas também servem para harmonizar o ambiente energético. Só então, estaremos prontos para praticar uma reunião, pura, fraterna, tolerante, com amor.

Estando todos os irmãos de pé em seus lugares, sem estarem à ordem, e com as mãos sobre o 4º chacra, o do coração e, antes da abertura ritualística dos trabalhos com preparação do ambiente, devendo-se utilizar música apropriada, suave e terna, o ir.'. turiferário se aproxima do trono, e a autoridade ou V.'. M.'. , que estiver presidindo os trabalhos, magnetiza o incenso com uma elevação de pensamentos ao G.'. A.'. D.'. U.'. e coloca três colherinhas de incenso no turíbulo, sobre as brasas de carvão vegetal.

O turiferário segura o turíbulo no meio das correntes com a mão direita, mantendo as pontas das correntes com a mão esquerda, dá um passo para traz e faz uma vênia para a autoridade que a retribui, sendo então incensado por três ictos por três x três jatos (... ..), ou três oscilações triplas, com a correntes curta e o turíbulo oscilando ao nível dos olhos, baixando um pouco depois de cada 3ª oscilação. Em seguida o turiferário balança o turíbulo em forma de V, com três longos e solenes balanceios, à direita e à esquerda do trono (alternadamente).

Depois, faz sete círculos sobrepostos, a começar do pé do altar com o maior e vai diminuindo os seus tamanhos, de modo a terminar o 7º à altura dos olhos do V.'. M.'. . Saúda-o e se dirige ao A.'. J.'. , incensando no meio o L.'. L.'. , prossegue sempre balançando o turíbulo em círculos até o altar do 1º Vig.'. sempre saudando antes e depois do ato, e repete o que fez em frente ao V.'. M.'. , mas, só com sete oscilações ou ictos ou jatos (... ..), indo logo após o altar do 2º Vig.'. , agido da mesma maneira, mas com cinco oscilações (... ..), indo então em seguida, ao Or.'. Séc.'. e G.'. T.'. M.'. C Cer.'. , procedendo da mesma maneira, mas, com três oscilações para cada um. Logo após vai ao Oriente e também com três oscilações, incensa conjuntamente todos que estão à direita do V.'. M.'. e logo a seguir os que se encontram à esquerda. Do oriente vira-se para Coluna do norte e incensa a todos em conjunto por três vezes, e em seguida a todos da coluna do sul. Ao final coloca o turíbulo no A.'. P.'. .

Em uma Loja Maçônica, cada oficial e irmão, representam diferentes planos da natureza e suas peculiares energias. Deste modo, quando se trocam perguntas e respostas na abertura ritualística, elas servem de invocação ao Devas ou Anjos de cada plano operante.

A ritualística na Loja aberta, serve para trilharmos simbolicamente a senda da evolução, e devemos vibrar harmonicamente em relação uns com os outros, As respostas têm a virtude de chamar a atenção em todos os diferentes reinos da natureza e fazer com que os Devas, espíritos da natureza e elementais, saibam que vão deparar com nova e favorável oportunidade de ação.

Quando o V.'. M.'. , fala ao oficial, como nas perguntas da abertura, uma corrente de força, parte do Oriente, flui dele para a aura daquele a quem se dirige, e toda a força volta em direção ao Oriente e retorna ao seu curso, para o altar. Deste modo, quando se trocam perguntas e respostas, toda a Loja pulsa com a vida elemental que esta ansiosa para se lançar ao trabalho. Cada grupo com sua cor peculiar pairando sobre a cabeça do oficial que o representa no mundo físico.

Por meio destes Devas representativos dos vários oficiais, é construído o edifício e se infunde energia. O efeito do incensamento é alisar e limpar a Aura. (Assim, essas entidades prorrompem em febril atividade como as miríades que sobem e descem em um centro espírita, ou as potestades, Querubins e Serafins, em uma igreja). Sempre que alguém hesita em seu papel ou erra, surge certa instabilidade nos trabalhos. Perturba-se a atmosfera mental dos presentes, quando há pausa ou interrupção na execução das funções dos cargos. Daí, a necessidade de cada um desempenhar corretamente sua parte no ritual. Buscamos energias, não só para os presentes, como também para toda a HUMANIDADE.

JUBELAS, JUBELOS E JUBELUM Histórico

Segundo relato bíblico, Hiram Abif viveu até o ano 1003 a .C.Em II Crônicas2: 13 e 14 relata que:

“... Um homem dotado de habilidade e compreensão; o filho de uma mulher das filhas de Dã, e seu pai era um homem de Tiro, hábil para trabalhar em ouro e prata, em latão, ferro, pedra, madeira, em púrpura, em azul, em fino linho, e em carmesim. Também em esculpir qualquer forma de escultura e manejar todo invento (engenho) que lhe for apresentado “.

Quando o rei Salomão foi construir o Grande Templo ao Senhor seu Deus, a grande obra contou com operários estrangeiros e não seu povo. Pediu a Hiram, rei de Tiro, que enviasse madeiras do Líbano e o operariado.

Hiram apresentou ao rei Salomão um célebre arquiteto, escultor, artífice e exímio em toda obra em ouro, prata, cobre, bronze e ferro; escultor em madeiras e pedras; hábil no trabalho em linho e tecido, enfim artífice completo “ Hiram Abif”

Em Hebraico, Hiram Abif significa: “ pai de vida muito elevada”.

Palavra Sagrada

Entre os reis Salomão, Hiram de Tiro e o artífice Hiram Abif, convencionaram o uso de uma “ Palavra”, que consideram, por um juramento, “ Sagrada”.

Segundo a lenda a palavra teria sido gravada sobre um triângulo de ouro e colocado no “ Sanctus Sanctorum”, em local seguro. Há uma série de interpretações sobre a desconhecida palavra, enfim, a “ Palavra Perdida”, a “Palavra Sagrada”, o “Verbo” mencionado por João, o Evangelista, constituiria a verdadeira “chave” que abriria a “porta” do mistério, do infinito, do Reino dos Céus, da Verdade!

Os Companheiros

Quando a obra estava prestes a ser concluída, alguns Companheiros (15), visando auferir maior salário e passar para classe dos Mestres(que teriam sob suas ordens os Companheiros e Aprendizes), tramavam em querer saber quanto às ferramentas, sinais, toques de reconhecimento do Grau de Mestre bem como os “segredos” do artesanato.

Artesanato, porque não era permitido ruído na “ montagem” do Grande Templo.

Dos quinze Companheiros, doze desistiram do plano , permanecendo três que planejaram o malefício contra o Mestre Hiram Abif.

O nome dos três companheiros é desuniforme nos ritos, reconhece-se no Rito Escocês Antigo e Aceito que eram: JUBELAS, JUBELOS E JUBELUM, que seriam também irmãos de sangue

O plano era atacar “ Hiram Abif” ao meio-dia: seja por se tratar de hora de descanso, seja porque o sol está em seu zênite, seja porque é considerado “hora neutra” e considerando que Hiram Abif tinha o hábito de percorrer a Câmara do Meio para fiscalizar os trabalhos e para meditar sobre a responsabilidade que recaía em suas mãos, os três Companheiros postaram-se à entrada das três portas existentes.

JUBELAS colocou-se na porta Meridional, Sul ou meio-dia; JUBELOS, na Ocidental, Oeste, ou Ocidente e JUBELUM, na Oriental, Leste ou Oriente. Jubelas acompanhou os passos do Mestre e tentou convencê-lo a lhe dar os meios de sua elevação ao Mestrado, este, argumentou que não poderia satisfazer seu

desejo porque não havia ainda cumprido o seu tempo e depois porque só poderia dar-lhes os sinais, toques e palavras de passe na presença dos reis de Tiro e Salomão.

Jubelas, irritado, descontente, munido da régua de 24 polegadas, que de antemão se apossara, deu uma violenta pancada na garganta do Mestre e afastou-se para evitar reação por parte de Hiram, este, receoso à presença de mais algum Companheiro mudou de direção e procurou sair pela porta ocidental, sendo lá surpreendido por JUBELOS que procedeu da mesma forma que Jubelas e recebeu de Hiram as mesmas ponderações e resposta, embora mais enérgicas,; Hiram Abif temendo ser agredido gritou por socorro, porém JUBELOS desesperado, temendo ser preso, aplicou no Mestre um golpe com o Esquadro que segurava atingindo-o violentamente no peito na altura do coração.

Hiram Abif, já sem forças para gritar, retrocedeu e dirigiu-se a porta Oriental na esperança de se salvar e , encontrou JUBELUM; este, notando o estado do Mestre, tentou auxiliá-lo e maneiramente obter o que desejava.

Hiram Abif, notando que Jubelum manejava um Maço, o que era vedado usá-lo dentro do Templo porque era instrumento ruidoso, percebeu que encontrara outro agressor, impedido de fugir tentou afastar o Companheiro, mas em vão, porque nada obtendo aplicou-lhe um golpe na testa, prostando-o morto a seus pés.

Ocultação do corpo

Os três irmãos verificaram o seu fracasso e mal resultado da trama, então, à noite, os assassinos carregaram o corpo de Hiram Abif para fora de Jerusalém, enterrando-o no Monte Moriáh, para marcar o local plantaram aos pés do improvisado túmulo em grosso ramo de Acácia.

Os subalternos de Hiram Abif notaram sua ausência. Nove Companheiros iniciaram as buscas guiados por um “fluído” e encontraram o ramo de Acácia, a terra removida e, sob esta, o corpo.

A Palavra de Passe foi trocada e informado o rei Salomão, que deu ordem aos Companheiros para que raspassem as barbas, cortassem os cabelos e se colocassem aventais brancos.

Hiram Abif foi sepultado em um túmulo de cobre, com três pés de largura, cinco de profundidade e sete pés de comprimento, foi colocado um triângulo de ouro e nele a inscrição: A. : G.: D.: G.: A. : D.: U.

O Significado

Os doze Companheiros “arrepentidos” simbolizam todos os que permanecem inertes diante do descaso, do comodismo, da rotina, tolerância abusiva, insensíveis sobre o que pode advir de seu marasmo e indiferença.

Jubelas representa a Ignorância: para o ignorante, o grande desperdício é a cultura; sempre encontra palavras para menosprezar aqueles que julgam pedantes e sofisticados;

Jubelos representa o Fanatismo; que é o exagero de uma qualidade estimulativa; segue cegamente o que, por ignorância, julga acertado; o fanatismo é cego;

Jubelum representa a Ambição; sem meios e qualificações para subir e elevar-se qualquer meio é justificado para obtenção do almejado.

Usaram para a destruição os mesmos instrumentos destinados a construção, onde se conclui que muitos possuem o dom negativo de destruir ao invés de construir

Prestem atenção:

O crime ocorreu no Oriente, três meses antes do Solstício de Inverno;

Os doze Companheiros participantes da trama representam às doze horas do dia , bem como os doze meses do ano;

Cada um dos doze cumpre a sua parte, por predestinação: parte preparatória, de recuo, e de concretização;

Os primeiros nove retrocedem e três prosseguem no trágico propósito; Ao terceiro golpe o Mestre sucumbe, simboliza o dia agonizante sobrevivendo à noite;

Os nove buscam o corpo e só ao raiar do dia os três últimos descobrem a tumba;

Sucumbindo o ano, inicia o Solstício do Inverno, a morte do Verão simboliza as dificuldades que sobrevirão, antes do surgimento da Ressurreição;

Nove meses durou a perseguição aos três assassinos, que se ocultam ao Sol; encontram o inverno de suas vidas, na fase mais difícil;

Sua fuga é do Oriente para o ocidente, obedecendo ao caminho da Elíptica;

Regressão para o Oriente em busca do Sol desaparecido, sua vã esperança de salvação;

Na busca, os três Mestres que se dirigiram para o Ocidente, foram os que encontraram o Sol, ou seja, o “Mestre”;

As “armas” usadas pelos assassinos simbolizavam, por sua vez, astronomicamente: a diminuição das horas – simbolizada pela :

Régua de 24 polegadas;

O Esquadro representa a “Linha Solsticial”;

O Maço simbolizando a rigidez fria destruidora das temperaturas com a ausência do Sol

Assim, simbolicamente morre o ano, junto com Hiram Abi, o que dificulta e torna mais penosa a busca que envolve em luto e tristeza é fria e escura;

A Aleluia da Ressurreição será o início da Primavera.

LENDA DE OSÍRIS E ÍSIS

Conta a antiga lenda egípcia que Osíris foi cruelmente atraído pelo seu irmão Seth. Cobiçando o trono de Osíris, Seth tramou uma cilada atroz, embevecido pela sede de poder.

Seth remoendo sua raiva passou boa parte do tempo no deserto reunindo uma tribo de 72 companheiros. Entre eles estava Aso, a rainha da Etiópia, uma bela feiticeira cujos poderes, dizia-se eram tão grandes quanto os de Ísis. Foi Aso que, em sonho, entrou no quarto de Ísis e Osíris e anotou as medidas exatas do corpo do deus-homem.

Nesta época Osíris providenciou uma grande festa em comemoração aos 28 anos de sua chegada ao Egito. Sabendo da festa, Seth elaborou um plano. Modelou uma bela caixa de cedro do tamanho e formato de um homem, revestiu-a com folhas de ouro e a enfeitou com pedras de turquesa.

Em meio à comemoração, chegou Seth e seus 72 companheiros vestidos com peles de animais, enquanto todos bebiam e dançavam no palácio, Seth trouxe seu presente e anunciou que, a caixa seria dada à quem coubesse deitado dentro dela. Os convidados provaram a caixa, um a um , mas nenhum dava o tamanho

adequado, - Todos eram menores que a caixa - de maneira que chegou a vez de Osiris e ele sim, preenchia completamente o buraco da caixa, visto que Seth já a havia confeccionado com as medidas exatas obtidas por Aso.

Os 72 conspiradores correram em direção do esquife, fecharam a tampa e a pregaram; depois soldaram as beiradas com chumbo derretido. Osíris gritou e se debateu para sair, mas sem resultado. Depois lançaram o rei, em seu esquife, ao Nilo e o rio arrastou a caixa e a sua carga para o mar.

Ísis saiu em perseguição do baú por vários meses e, suja e rasgada da dura jornada que a fez atravessar vários países, chegou finalmente a Biblos, na costa da Síria, onde se dizia que o esquife se desviara para a terra. Lá lhe contaram que, quando o caixão tocou a terra pela primeira vez, subitamente brotou uma tamargueira que prendeu em seu tronco a arca.

Já dentro do caixão, agora na árvore, Osíris estava duplamente aprisionado. Ísis, então, foi a procura da árvore. Vários dias se passaram até que ela o encontrou e ali ficou em vigília.

Por fim, Melcader, um rei sírio, e seu exército passaram por ali. O rei admirou tanto a altura e a largura e o vigor da árvore que decidiu por derruba-la e transforma-la em uma coluna central de seu palácio. De nada adiantaram os gritos de Ísis, os soldados do rei afastaram-na e derrubaram a árvore levando-a com eles.

Ísis, porém, seguiu o rastro do veículo e chegou, depois de caminhar por várias semanas, e por fim, chegou ao palácio. Quando Ísis viu a coluna central do palácio, ergueu suas longas asas e mostrou sua verdadeira face de deusa para o rei Melcader e a rainha Astarte.

Comovidos com a história que Ísis lhe contara e com o sofrimento que passara, os reis Melcader e Astarte derrubaram a coluna e cortaram a madeira que envolvia o caixão. Em retribuição Ísis passou um tempo na casa dos reis para cuidar de seus filhos e lançar-lhes feitiços de proteção e de cura.

Os filhos e filhas do rei e da rainha Síria tanto se apegaram a deusa que, quando ela partiu, o filho mais velho do casal real, Maneros, partiu com Ísis em sua longa jornada de volta ao Egito.

Depois de muito tempo no mar, finalmente o barco com Ísis chegou ao Egito (em Abidos, terra dos mortos). Maneros, filho mais velho de Melcader, não resistiu a viagem e morreu sem nunca pisar nas terras de Ísis, sua amada.

Abrindo o caixão, Ísis dançava e chorava lamentando a morte do irmão, do amado, do marido. Enquanto dançava e cantava seus cantos de amor, os grandes portões do Céu se abriram, e as estrelas circulantes giraram tecendo um novo destino para Osíris, fazendo para ele uma nova coroa de rei.

Os deuses comovidos ressuscitaram Osíris que deitou-se por mais uma noite com sua amada. Seu corpo, porém, ainda fraco pela morte sofrida, não era mais como antes e por isso Ísis escondeu o corpo fraco do irmão em um emaranhado de rochas, um labirinto de pedras brancas. Então deixou-o ali apenas por uma noite e apressou-se em procurar Anúbis e Néftis para ajudá-la a salvar Osíris.

Seth, senhor da noite e das trevas, caçava javalis por perto de Abidos sob a luz do luar. Armado de Arco e flechas e com sua inseparável adaga, Seth aguçou a audição e farejou o vento. Sentiu um odor familiar e foi conferir o que era e logo chegou ao local onde Osíris estava guardado.

Furioso o deus Seth golpeou, com sua adaga, várias vezes o corpo do irmão, separou a cabeça do corpo. Cortou fora os braços, as pernas e o pênis. Arrancou um por um os ossos das costas. Esquartejou o irmão como um animal morto e enfiou os pedaços num saco e atirou nas águas do Nilo. Sentindo o cheiro da morte, Anúbis avisou Ísis e Néftis e, juntos, correram até o rio. Ali, nas margem do Nilo, em Abidos, as deusas avistaram a cabeça cortada de Osíris.

Ísis, no entanto, não estava disposta a entregar seu amado irmão à morte mais uma vez, pois ela já sabia estar grávida e queria que Osíris também o soubesse. Numa caverna próxima, Ela Anúbis e Néftis esconderam a cabeça de Osíris e decidiram que, juntos, iriam percorrer todo o Nilo, desde o Alto Egito até o Mar, à procura dos pedaços do deus morto, para que pudessem fazê-lo reviver novamente. Porém seria impossível reunir todas as partes do Corpo de Osíris.

Um peixe, vendo o pênis do deus boiar sob as águas azuis do Nilo, abocanhou o órgão gerador de Osíris e mergulhou para o fundo do rio. Sobek, o deus crocodilo, viu tudo, e para proteger as deusas na jornada infrutífera, seguiu a embarcação que era guiada por Anúbis. Em cada cidade onde eram encontradas partes de Osíris, eram erguidos grandes templos em sua homenagem, Assim Ísis protegia os fragmentos do marido e confundia Seth, pois esse acreditava que Ísis deixara os pedaços em algum lugar dentro dos templos.

Quando finalmente todas as partes de Osíris, exceto o falo, foram encontradas, Ísis, Néftis e Anúbis voltaram para Abidos. o deus Toth foi o único a velos deixar o barco e entrar na caverna onde jazia a cabeça de Osíris, ele, comovido, desceu até a Terra e juntou-se ao grupo na empreitada de ressuscitar o seu irmão, qual ele mesmo ajudou a nascer.

Como o peixe engolira o pênis de Osíris, Ísis fez outro de cedro e ouro, e dizendo palavras de poder, a deusa tentou ressuscitá-lo. Não adiantou. Toth, o deus escriba, senhor da inteligência, o deus lua, chamou Anúbis para ajudá-lo em sua tarefa: juntaram tiras de linho, encheram Osíris de flores e óleos, amarraram as tiras e ataram com cordões. Osíris fora aniquilado e agora numa vez. Osíris agora iria reinar o reino dos mortos e ali lutaria contra Aphófis.

Certa manhã, quando Ísis e Néftis ofereciam pão ao Ka (a alma que cria e preserva a vida) de Osíris, foram capturadas pelos homens de Seth e amarradas como escravas. Seth levou Ísis para uma caverna escura e ali a trancou, ao seu lado colocou uma roca e novelos de linho, deu-lhe um cadáver como marido e obrigou-a a trabalhar dia e noite, fiando e costurando, sem descanso. A lua no céu crescia e minguava, e a barriga de Ísis ficava cada dia mais redonda.

Toth, que também conhecia o tempo, começou a se preocupar com o aprisionamento da irmã e, com o propósito de libertá-la, enfiou sua esposa Seshat (deusa que registra o destino dos humanos) e Maát (deusa da verdade e justiça) disfarçadas de tecelãs. Num gesto abriram passagem para vários escorpiões que, com suas tenazes cortaram as cordas que amarravam a deusa. Aqueles que tentaram detê-la, os escorpiões matavam com picadas fatais, os capangas de Seth morreram um a um com a dor do veneno.

Ísis caminhou do planalto arenoso até o delta e caindo em meio a touceira de papiro foi parteira de si mesma. Nascia Horos, o menino dourado, o deus falcão.

Com a presença devota da sua mãe, Hórus, foi educado no maior dos segredos, preparando-se com esmero e paciência. Porém, o sucessor do rei assassinado, ficou com Ísis apenas nos seus primeiros cinco anos de vida. Sabendo que não podia ficar no Delta, pois Seth já sabia do nascimento de Hórus,

Ísis, como mãe protetora, partiu para os confins do Egito deixando seu filho aos cuidados da deusa naja Renenutet. Assim Seth nunca encontraria o filho de Osíris, pois jamais acreditaria que uma mãe tão devotada como Ísis deixaria seu filho aos cuidados que outra pessoa ou deus.

LENDA DE HIRAM

A lenda começa afirmando que David, rei de Israel acumulou tesouros para fazer um templo ao GADU, mas foi seu filho Salomão fazê-lo, pois ele David, desviou-se do caminho da Virtude, pela vaidade, orgulho, a ponto de considerar-se o rei da justiça. Isso o afastou de tal missão. Salomão então resolveu pedir auxílio ao seu vizinho Rei de Tyro que lhe enviou Hiram Abif, um dos melhores artífices já conhecido, mostrando-nos que a aliança de corações e espíritos puros e desinteressados sempre nos leva a construção de grandes obras.

Quando essa aliança transforma-se em interesses gananciosos pela ambição e pela vaidade, tudo se põe a perder, o corpo é deserdado pelo espírito.

Então Hiram, símbolo do mestre e do conhecimento real, da verdadeira sabedoria, dividiu os obreiros em três categorias:

1ª. –Aprendizes: estudantes elementares do conhecimento mental e do domínio do corpo; aqueles que estudam e trabalham as formas exteriores e teóricas.(Iniciáveis).

2ª. - Companheiros: estudantes intermediários do sentir devocional e do domínio da alma; aqueles que comparam o geral e o particular, o visível e o invisível, estabelecendo-lhes as relações e correspondências. (Iniciados).

3ª. –Mestres:conhecedores da síntese e de sua aplicação consciente e voluntária, da via espiritual e da ação desinteressada; servidores reais. (Adeptos).

E que para que ninguém viole e profane a ordem hierárquica confia a todos, conforme sua categoria, “palavra sagrada e de passe”, chave do conhecimento e do trabalho de cada um, de modo que os respectivos poderes e obras correspondentes somente sejam confiados àqueles que estiverem realmente capacitados para exercê-los e executá-los. A isso chamamos, “aumento de salário”.

Então a construção foi iniciada. Tudo ia muito bem, porque os companheiros têm o desejo de ajudar os mestres e de fazerem-se mestres e os aprendizes respeitam a hierarquia. Contudo, quando a construção achava-se bastante adiantada, alguns companheiros acreditando, por vaidade ou ambição e achando-se mestres mesmo sem terem cumprido o tempo necessário, começaram a desunião.

Foram em número de quinze os companheiros que planejaram obter os segredos da iniciação pela violência, a tentação do orgulho que ameaça qualquer iniciado, por mais elevado que seja. Isso nos mostra que os que pretendem utilizar, mesmo temporariamente da força em benefício próprio, como acontece, aliás, com todos quando, imperfeitamente iniciados, se deixam empolgar pela vaidade e pelo egoísmo, subvertendo a ordem do “ternário sagrado”, interrompendo as relações de sequência e ordem do trabalho iniciático, enveredando para a destruição pela queda na servidão implacável da fatalidade.

Dos quinze companheiros somente três, levam a cabo seu intento.

É muito notável que, para atacar Hiram, aguardam a hora em que vá orar, quando os trabalhadores comem

e descansam. Símbolo de que a grande maioria esquece, menospreza, ou descuida da parte devocional ou espiritual da vida para comer e descansar, imagem do desinteresse, da indiferença e da preguiça.

Cada um dos três maus companheiros fere sucessivamente o Mestre, o Espírito o conhecimento, atacando às portas do próprio Templo.

O primeiro \backslash , com uma régua na garganta, simbolizando a “ignorância”, sempre pretensiosa e que, não podendo obter a Revelação, corrompe a verdade, atacando-a em sua forma, na sua doutrina exterior e alegórica – Verbo – Garganta.

O segundo \backslash , com um esquadro no peito, simbolizando a “mentira”, passo mais grave que a anterior, pois o ignorante deforma a verdade inconsciente, mas o mentiroso a corrompe deliberadamente. É o inimigo mais perigoso do plano médio.

Mente por fanatismo, ilude-se e mente a si mesmo, por vaidade ou por desejo prematuro de saber o que ainda não merece conhecer; mente aos demais para parecer mais sábio ou mais santo do que pensa que é. É a imagem do político deformado a justiça em proveito próprio, do mau sacerdote corrompendo o dogma para fins matérias, do iniciado prostituindo a verdade por interesse, vaidade ou ambição de poderes. Todos estes atacam a verdade no peito, isto é, já não em sua forma, como o anterior, senão que em sua vida, em seus efeitos, em suas aplicações, em suas leis.

O terceiro \backslash , com um malho na cabeça, é a imagem dos inimigos plenamente conscientes, conhecedores da verdade e que a deformam por “ódio ao bem”, são os cultuadores do mal, as associações venais ou corrompidas, que atacam a verdade, já não em sua forma, nem em sua vida ou lei, mas em seus próprios princípios ocultos, essenciais e fundamentais, como acontece nas épocas em que imperam as superstições e as perseguições aos iniciadores.

O ignorante é prejudicial a si mesmo e ao seu semelhante na vida diária, principalmente nos aspectos material e prático.

O mentiroso, o mal intencionado, fere ainda mais as bases morais da sociedade, do indivíduo e da evolução.

O vingativo, o diabo humano, trata de ferir a própria divindade, seja negando-a, seja deformando todas as suas manifestações, para procurar substituí-las pela deificação do mal.

Esses ataques, à forma, à lei ou à vida e finalmente ao princípio da verdade, produzem a morte de Hiram. A revelação foge do lugar em que não é possível traduzir-se, como devia.

Convém notar que o Mestre é ferido, sucessivamente, com a régua, com o esquadro e com o malho, significando que os ataques a Verdade Real se processam reduzindo-a primeiramente às medidas convencionais e a seguir subordinando a convenções e preconceitos, às fórmulas e silogismos, à régua de vinte e quatro polegadas; para depois disso separá-las em partes divergentes – o esquadro – estabelecendo os conflitos entre a razão e a fé, a religião e a ciência; e, finalmente, esmagá-la sob o malho do materialismo, das ambições temporais de domínio político, acadêmico, religioso, econômico e de outras formas de perturbação do equilíbrio social e moral do homem.

Assassinado Hiram, o seu cadáver foi transportado e enterrado à noite num monte distante, porque nas épocas de obscurantismo e de perseguições, os conhecimentos sagrados sepultavam-se a noite em lugares

ermos e elevados somente acessíveis àqueles que se dispõem a procurá-los no silêncio e na renúncia do egocentrismo rotineiro. Famoso ensinamento no qual se adapta a frase de Pitágoras: “Quando reina a injustiça o sábio cala e se afasta”.

Salomão, imagem da sabedoria e da santidade, preocupa-se pela ausência de Hiram, chefe espiritual de todos. Envia então, doze companheiros a sua procura, justamente aqueles que haviam passado pela tentação e tinham-na vencido e que se haviam revelado sinceros e humildes por terem confessado sua participação no atentado.

Os doze companheiros ficaram divididos em quatro grupos de três indivíduos cada um, representando a imagem do homem carnal, (quatro é a forma concreta) consciente de seus três princípios constituintes (corpo, alma e espírito), isto é, conhecedores teóricos da doutrina que partem em busca da Verdade, acreditando que o conhecimento intelectual é uma pequena tentação vencida bastam para merecer tal prêmio eterno.

Um dos grupos seguiu por um rio em direção as montanhas, ou seja, partindo da civilização em que vivia e da vida externa a qual estava acostumado, foi rio acima, na “fonte da vida”, para achar o princípio das coisas, o que não conseguiram.

Acharam, porém, os assassinos, o que em linguagem iniciática quer dizer: “quem busca a “Verdade”, muito antes de encontrá-la, terá que encarar em suas investigações as várias deformações e mutilações que sofreu no tempo e no espaço”.

Numa caverna ouviram as lamentações dos assassinos e seus remorsos pedindo castigo. Isso quer dizer que na busca acharemos as “causas” das deformações e veremos que elas mesmas trouxeram o castigo aos causadores, as sociedades, e as nações que as cometeram.

Vimos também que os companheiros, sem terem achado Hiram (Verdade), capturaram os assassinos e os levaram a quem fizesse justiça. Isto nos mostra que o mais importante em uma das etapas da iniciação, é por em evidência as causas dos males sociais e individuais, conduzindo estas causas até as autoridades ou iniciados, para que possam corrigir o mal ou impedir a sua propagação.

Para isso é preciso “querer e ousar”, segundo nos revela a lenda.

Do ponto de vista individual, da evolução pessoal, é a imagem de temos de levar os culpados (paixões, erros, vícios, egoísmo, ambições e tudo mais que nos prejudica), ante o Juiz e Senhor (Consciência e Vontade) que assim, podemos corrigir e por barreiras às ações prejudiciais que impedem a revelação da Verdade.

Salomão o rei da justiça, fez aplicar a cada assassino à própria pena que cada consciência lhe fizera pedir.

Cumprida a lei de causa e efeito, Salomão envia novamente os doze companheiros, agora a procura do corpo de Hiram.

Depois de uma longa procura, os mesmos regressaram sem nada encontrar, imagem de que sua natureza demasiada humana e material, ainda não lhes permitiu descobrir os verdadeiros arcanos.

Com esse resultado, Salomão resolveu adotar providências mais enérgicas, enviando agora, nove mestres, não mestres nominais (grau três), mas mestres reais, nove correspondente a iniciação real, ao

iniciado prudente. Estes sobem ao monte Moriá e, no segundo dia deparam com um ramo de árvore ainda verde, plantado num monte de terra recentemente revolvida, simbolizando que sempre há um sinal de ressurgimento da tradição.

Satisfeitos com os resultados, marcam o local com um ramo de acácia. Mas como verdadeiros mestres não tocam, dita Verdade. Respeitosamente velam, cobrem e vão entregar o segredo de sua fonte ao rei Salomão, único que pode autorizar o contato e o uso com a citada Verdade oculta.

Salomão ordena que tragam o corpo de Hiram a Jerusalém. Para cumprir tal missão de trazer novamente a Verdade invisível ao mundo material, os mestres não vão como viajantes de humana busca, mas sim ritualisticamente revestidos de seus aventais, isto é, devidamente preparados, em plena posse de seus poderes e conscientes de suas funções.

Vestidos de suas luvas brancas prova da pureza e desinteresse de suas ações, vão buscar algo para os demais e não para si mesmos, seja a de buscar o conhecimento, de chegar-lhe à intimidade de desenterrar Hiram, de revelar e restabelecer em forma ativa a Tradição desaparecida e reencontrada.

Chegando ao lugar onde Hiram descansa, tiram o véu, descobrem a fonte da vida e da morte e, ante seu corpo, levantam os braços e os deixam cair, exclamando: “Ah Senhor meu Deus!” Ao fazer isto também batem os pés no solo, para dar a entender que toda a parte dolorosa da busca da Verdade e do caminho da vida está somente no apego material terrestre das coisas.

Um dos mestres tratou logo de levantar o cadáver, segurando o dedo da mão direita e dizendo “B”, ou seja, invocando o “poder” da realização sobre o plano visível, mediante a vontade e a orientação, o mundo, a força social, mas teve que dar um passo atrás e soltar o dedo. Isto quer dizer que a verdade suprema não se revela aos que, embora sábios, querem mandar ou dirigir principalmente em face de realizações materiais.

Outro mestre trata de levantar o corpo de Hiram tomando-lhe o dedo e pronunciando: “J”, isto é, invocando a força astral, o destino, as leis da Verdade em ação, mas fracassa, pois tem que soltar o dedo exclamando: “Moab”, ou seja, a carne se desprende dos ossos, ou ainda expressando que no mundo há transformações, ciclos e limitações, que algo morre, que se desprende e só “esqueleto” fica, ou seja, o princípio imutável e imortal em sua essência.

É quando intervém o mais velho dos mestres (e Mestre dos Mestres, a experiência acumulada feita presente ativo) dizendo que sem ele nada podem fazer, mas unindo seus esforços aos dele, a realização será obtida.

O Mestre dos Mestres toma em forma de g (total e fortemente), o pulso direito de Hiram, e num abraço que vai dos pés até o peito, ergueu o cadáver, numa identificação plena com o mestre desaparecido, imagem eloquente da iniciação, que é identificação total do pensamento e da vontade humana com a tradição oculta, o esqueleto da Verdade divina ou sua manifestação.

O levantamento do cadáver de Hiram pelos três mestres oferece a transparente imagem de que foi preciso que o Mestre dos Mestres, (a Sabedoria Real) visse a necessária colaboração da Força e da Beleza, da mente e do coração, do homem e da mulher, da alma e do corpo, para permitir que o espírito imortal e de indeformável verdade penetrasse na “obra”.

Observa-se que a lenda não se refere ao destino dado ao corpo de Hiram, fato que não oferece interesse

iniciático, uma vez que um dos mestres havia se identificado com ele. Entretanto, como em toda alegoria iniciática mesmo esse silêncio é expressivo fazendo compreender que as revelações posteriores são sempre a continuação das anteriores que se revestem numa nova figura viva e renascem naqueles que quiserem viver nela.

No cerimonial o novo mestre deve representar Hiram no túmulo, simbolizando as condições humanas perecíveis e do qual é tirado pelo Venerável, representante da Sabedoria. Esse simbolismo já agora individual mostra que a verdadeira iniciação se faz sempre depois da morte de todos os preconceitos e das noções convencionais aprendidas e que constituem o corpo físico, o cadáver de que se revestiu o entendimento. Então é quando o conhecimento verdadeiro, seja ou não personificado por um iniciador, toma o homem de desejo pela mão e o conduz ao caminho do mestrado.

Também lembra que a experiência da vida, em seu caráter de conhecimento total, só é dado depois da morte, reafirmando o postulado maçônico e cristão da regeneração e da imortalidade, porque é sempre um novo homem que sucede o velho homem, as formas novas que sucedem e substituem as gastas e vencidas, a sucessão tradicional.

É por isso que se deve admitir que os antigos maçons, aqueles que adotaram “a acácia me é conhecida” como palavra de mestre, deviam conhecer o seu verdadeiro significado: “A imortalidade me é conhecida”.

Essa extraordinária lenda é uma síntese maravilhosa de missão do verdadeiro mestre e do modo como a Tradição se transmite e perpetua através dos tempos e sobre as ruínas das civilizações que se extinguem e desaparecem, cedendo lugar a outras modalidades de organizações e de convívio.

A tradição, do mesmo modo que o cadáver de Hiram, despreendendo-se a “carne”, a forma ou revestimento exterior, resta-lhe os “ossos”, a estrutura íntima, que se reveste de nova forma, de uma nova revelação, de um novo mestre.

A lenda determina sem que se fale na volta do corpo de Hiram, da sua ressurreição, da ressurreição de sua carne, forma ou cadáver, mas sim da identificação num íntimo abraço da figura morta com uma nova forma viva, uma nova configuração, exterior: “uma nova revelação”.

O SIGNIFICADO ESOTÉRICO DA LENDA

Segundo o mestre historiador Rizzardo da Caminho, em sua obra “Catecismo Maçônico”, que recomendo, absorvemos os seguintes ensinamentos sobre o tema em questão:

“A busca da Palavra Perdida criou a Liturgia; os Maçons veem no ato o seu Grande Trabalho”. O primeiro passo que é dado diz respeito à meditação profunda que o Rito orienta, e que o Grau de Mestre se fixa nos Cinco Pontos.

Adentrando na alegoria da lenda iremos nos encontrar em plena função, em uma Câmara do Meio onde se desenvolve, no luto e na consternação, o trabalho maçônico, consequências do assassinato de Hiram; a história cede lugar ao simbolismo.

No Rito, Hiram se identifica como sendo o Mestre Perfeito, e na lenda ele personifica a própria Tradição Maçônica.

Nos três Companheiros trucidadores vemos o tríplice flagelo da ignorância, do fanatismo e da ambição.

A Lenda restringe a três o número dos malfetores; não devemos, porém, ignorar que cada um deles personifica um “estado de espírito”, muito presente em nossos dias.

A Tradição Maçônica encontra-se em constante perigo, porque, se justicados os três maus Companheiros, desaparecem, apenas, seus sentidos materialistas, mas os efeitos perduram. Sabemos que em cada um de nós há traços indelévels desses assassinos.

No conjunto sempre crescente de Maçons, há aqueles que não compreendem que, da Iniciação, surgiram obrigações a cumprir.

Maçons que tiveram as suas arestas atingidas e caídas do bloco, mas que, “juntaram-nas” e as guardam como relíquias, não querem se desfazer desses supérfluos. São os aproveitadores, os ambiciosos, os portadores dos mesmos defeitos encontrados nos Companheiros Jubelos. São os caçadores de Graus.

Uma vez que não se tem mais fé na Tradição, essa desvanece e tem vida transitória; é o braseiro cujas brasas estão cobertas e quando o sopro vital vem. Quando surge é tarde, porque só restam cinzas.

A Maçonaria não morre, porque é uma Instituição que tem o poder de resistir, porque o seu trabalho se dirige ao aperfeiçoamento do homem; é um trabalho autorizado por Deus, e Ele o protege.

Os seus inimigos não se encontram fora da Instituição; os pequenos temporais são previstos e a Instituição encontra o caminho da resistência e planifica a vitória; mas as infiltrações, aquelas que trazem consigo os “vírus”, as “infecções”, os “nocivos”, esses continuam sendo o espírito negativo dos maus Companheiros.

A Igreja, em tempos passados, desejou destruir a Maçonaria como fez com a Ordem dos Templários. Havia um inimigo visível, muito diferente daqueles três maus Companheiros.

Hoje, nas portas principais do Templo, estão os “terroristas” da Instituição, prontos a golpear. A Maçonaria não faz mistério quanto ao perigo interno que ameaça não só a si, mas a toda a Humanidade, porque os Jubelos trazem consigo o germe da morte e da decomposição.

Os inimigos externos, talvez, possam obstaculizar ou paralisar as atividades maçônicas, mas não matam. O inimigo interno atua como uma enfermidade: mina a saúde e arrasta ao túmulo.

Não devemos esquecer que os três Companheiros foram bons Aprendizes, que colaboraram com eficiência na construção do Templo, que estavam prestes a alcançar o mestrado!

Os Jubelos podem ser considerados inimigos impessoais, que não se dirigiram exclusivamente contra Hiram, mas contra a Humanidade e que a finalidade da Maçonaria é, justamente preservar essa Humanidade da qual todos fazemos parte.

Mas antes de dirigirmos os nossos olhares para fora da Instituição, cumpre sanear as nossas próprias searas, combatendo a praga perigosa, curar a nós próprios, buscando cada um encontrar dentro de si o mau Companheiro, para eliminá-lo.

Os germes proliferam, quando encontram ambiente propício, assim é, na Maçonaria; quando surgem os períodos críticos, os maus Maçons proliferam; os dirigentes, os Mestres cômicos de sua responsabilidade, devem prevenir, na fase crítica, a tomada pelos germes do campo e, rapidamente,

introduzir o medicamento apropriado.

Essas crises periódicas coincidem com a crise social e econômica de um país; assim, quando externamente aparecem os sintomas, fácil será planejar para que os germes não ingressem no Templo.

O trabalho maçônico seria de grande utilidade e poderia influenciar nesses períodos críticos, se os Maçons fossem todos instruídos, tolerantes, desinteressados; a influência moral, o exemplo, seriam fatores irresistíveis para contornar a ação dos maus.

Embora os assassinos de Hiram tenham surgido de dentro da Instituição, sem dúvida, receberam a influência negativa de seu meio ambiente externo.

Não basta uma ação higiênica, mas sim uma profilaxia enérgica, constante e sempre presente para que haja uma real e necessária “imunização”. Sim, o Maçom deveria estar imune às crises periódicas.

Os assassinos de Hiram foram três, porém esse número é simbólico, pois, antes de terem sido eliminados, proliferaram junto àqueles que lhes deram abrigo e proteção. Hoje são em número incontável. São os que desconhecem a Maçonaria a quem criticam e censuram, invocando a necessidade de uma “modernização” para ajustarem-se aos tempos modernos de tecnologia e progresso social.

Em nome do progresso, procuram destruir tudo o que seja tradição; aplicam o primeiro golpe com a Régua sobre o ombro de Hiram, paralisando seu braço direito e impedindo-o de uma reação defensiva.

É a “simplificação”, o intuito de “tirar uma pretensa monotonia” e de simplificar o Ritual com atos de liturgia “desnecessária”. A conservação íntegra do Ritual é a garantia da sobrevivência; perda a tradição, torna-se presa fácil dos assassinos.

São os Maçons “donos da verdade” que obstaculizam aqueles que não seguem a sua vontade; são os infalíveis e criadores de dogmas sem poderem apresentar a origem de suas ideias, fruto de intolerância.

Os maus nem sempre são os piores! Podem ser os ex-dirigentes que, vencidos em um pleito, para se manterem perpetuamente, no poder, transformam-se em desagregadores. São os que dão o segundo golpe em Hiram, agora com o Esquadro e sobre o coração.

Golpeado com a Régua e com o Esquadro, evidentemente, Hiram vacila, cambaleia, enfraquece e se torna presa fácil.

Assim débil, quem aplicará o golpe final será um membro dos mais modestos, que sozinho não teria capacidade de destruição.

É o golpe mortal. Vemos, então, uma Loja Abater Colunas, exigindo grande esforço para reerguê-las. Frequentemente, apesar de não ser regra geral, os maus juntam-se e fundam uma nova Loja!

Aparentemente, o trabalho é elogiado, mas ninguém se dá conta de que é obra de dissensão, dissidência, e quem sofre é a própria Instituição. Ao invés de uma Loja pujante, surgem várias cambaleantes e inexpressivas; fáceis, porém, de serem tomadas de assalto por aqueles que foram os inspiradores, permanecendo ocultos, mas ativos.

A Maçonaria, nas mãos desses, é desviada de seus elevados fins; Hiram morre; a tradição se apaga; a Palavra está perdida; o maçonismo perece. O seu cadáver putrifica-se.

Os verdadeiros discípulos choram, se reúnem, providenciam as exéquias, descobrem os assassinos, punem-nos e por serem verdadeiros iniciados, os verdadeiros operários, buscam a ressurreição de Hiram, e, rejuvenescidos, reiniciam o trabalho.

Para a ressurreição, se faz necessário reconstruir a tradição; juntar os membros dispersos do cadáver para a recomposição.

A iniciação é reexaminada em todos os seus aspectos e é adequada aos tempos atuais, à personalidade dos remanescentes e dos novos; retiram-se dela os vícios e as falhas; a substância da regeneração é alimentada; evolui, fermenta e cresce com toda a pureza da matriz.

Eis o porquê das viagens dos Maçons remanescentes, para todas as direções, com a finalidade de encontrar os restos de Hiram.

A dificuldade inicial encontra oposição na busca, porque o primeiro túmulo que os assassinos, provisoriamente, criaram foi sob os escombros da construção; sob os materiais imprestáveis, onde ninguém suspeitaria que pudessem abrigar o Mestre.

Esse primeiro túmulo não é descoberto e os próprios assassinos exumam o cadáver e na calada da noite o conduzem para a alta montanha; cavam uma nova cova profunda; despem Hiram e o soterram entregando o pó ao pó, a terra a terra e as cinzas as cinzas. Marcam o local com um ramo de Acácia.

É a primeira manifestação do arrependimento tardio. A homenagem à sua indefesa Vítima. Escolhem uma planta que não apodrece, cuja resina conservará o lenho, num confronto com a matéria que se putrefará.

É o dualismo e o resultado das lições que o próprio Mestre lhes havia ministrado.

E são os assassinos que transformam a Acácia em um símbolo, numa comprovação de que do mal pode surgir o bem; as raízes eram boas, mas a insatisfação, a pressa, a ambição sufocam a bondade.

A lenda apresenta um fato curioso: não há lugar para o perdão aos assassinos!

É uma situação muito triste, mas real. Mais tarde, o Nazareno, já crucificado, diria contra os seus algozes: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”.

Mas os assassinos tinham sido iniciados; tinham passado pelo Aprendizado, conheciam a Régua das 24 Polegadas e o Esquadro; não podiam repudiar o convívio com os Irmãos. O castigo, embora escolhido por eles próprios, foi incisivo; a Justiça de Salomão era diferente de justiça do Cristo.

O Rito Escocês Antigo e Aceito comporta as duas Justiças: a Salomônica e a Cristã. Como devemos agir com os assassinos? Esses que ressurgem como as cabeças da mitológica Hidra? Ao ser colocado o ramo de Acácia, os assassinos quiseram simbolizar que Hiram jamais morreria.

O cadáver é encontrado, recomposto e conduzido, novamente, ao Templo para ser, carinhosamente, colocado em um local sagrado; não mais sob os escombros, mas em local de honra e glória.

Embora essa glória não tenha sido permanente; eis que Nabucodonosor destrói o Templo, não deixando pedra sobre pedra. Mas... Hiram ressuscita; apenas seu corpo putrefato foi deposto. Porém, Hiram não ressuscita por si só; não responde ao primeiro chamado feito à vitalidade que poderia ter conservado, a

força que “Boaz” simboliza.

Em vão tenta-se acordá-lo com o estímulo de um ardor amoroso, “Jaquim”.

A sua vida anterior não revive; é preciso dar-lhe um novo alento: o sopro do ideal que provém da Iniciação. É o símbolo da “Cadeia Regeneradora”; aqueles que a formam não ficam apenas na contemplação; reúnem forças, amor e com os mais fervorosos ideais espargem energia psíquica, espiritual e física que reanimam o cadáver, que é erguido e se liga aos cinco pontos do Mestrado. É o resultado do culto do trabalho, dos esforços, da reciprocidade, enfim, da fraternidade.

Nem todos, porém, podem unir-se ao cadáver pelos cinco pontos; um só é destinado àquela missão; é um trabalho de um só, mas sob os fluidos de todos; é a soma das forças. O escolhido é o sábio Mestre remanescente.

Mas, a Palavra continua perdida e urge encontrar uma substituta e essa é composta, tornando-se um grande símbolo.

“A carne se desprende dos ossos”. Não há a compressão das células; cessou a força centrípeta.

Os ossos, por sua composição química, são imputrescíveis; o cálcio é um mineral que se eterniza; a carne é volátil; é o espírito que se afasta da matéria, e a única forma de reuni-los é usar a Palavra Sagrada; se a original se perdeu, uma nova surge. Sempre surge um novo meio quando houver a necessidade de uma união!

O segredo de tudo (maçônico) é, sempre, buscar e encontrar um meio de unir, pois, para a desunião, sobram meios!

A Palavra Perdida, ao final, será encontrada; o Rito é sábio e dá a Palavra Perdida como prêmio àqueles que perseveraram até o fim.

A ressurreição é um mito antigo; vamos encontrá-lo nos mistérios Védicos, quando o Ser Supremo imola a si mesmo para produzir tudo o que existe; vamos encontrá-lo em Hermes, em Orfeu, em Osíris e, finalmente, em Cristo.

O renascimento é produzido ao ar livre; nos lugares mais elevados, em contato com a Natureza, porém, é consagrado em Templo.

Nós somos Túmulo e Templo. Hiram apodrece em nós e ressurge em nós. Dentro de nosso Templo Espiritual, temos, maçonicamente, a presença permanente de Hiram.

Espiritualmente, temos o Cristo em nós. Somos, sempre, uma “morada”. A diferença do conteúdo está no continente: ou temos Hiram dentro de nós, no Túmulo, ou dentro de nós, no Templo.

É preferível tê-lo no Templo!

Os Maçons que não se instruem o têm no Túmulo.

E cada vez mais apodrecido!

Isso reflete em seu comportamento.

Há uma simbiose de Maçonaria e Igreja. Socialmente temos, como os cristãos, em nosso Templo o Cristo ou aquele de nossas convicções, com as consequências litúrgicas religiosas.

Maçonicamente, temos Hiram em nosso Templo.

O Templo é suficientemente amplo para conter os dois símbolos, compatível isso, com o dualismo das coisas.

Como Igreja, aspiramos ao Reino de Deus na Terra; como Maçonaria, à Fraternidade Universal.

Ambos, com sólido fundamento: o Amor fraterno!

Esse amor, felizmente, perdura!”.

LENDA DOS TRÊS MAGOS

Lenda dos Três Magos que visitaram a grande abóbada e descobriram o centro da ideia.

(Transcrevemos essa bela lenda maçônica e cabalística, profundamente esotérica, que merece ser conhecida e compreendida pelos “iniciáveis”.

Não lhe acrescentaremos nenhum comentário, que só poderia tornar insípido seu sentido tão profundo).

Muito tempo depois da morte Hiram e de Salomão e de todos os seus contemporâneos, depois que os exércitos de Nabucodonosor destruíram o reino de Judá, arrasaram a cidade de Jerusalém, derrubaram o Templo e levaram em cativeiro o resto da população que não havia sido massacrada, quando a montanha de Sião nada mais era que um deserto árido onde pastavam algumas cabras magras guardadas por beduínos famélicos e saqueadores, certa manhã, três viajantes chegaram ao passo lento de seus camelos. Eram Magos, iniciados de Babilônia, membros do Sacerdócio Universal, que vinham em peregrinação e para explorar as ruínas do antigo Santuário.

Depois de uma refeição frugal, puseram-se a percorrer o recinto em ruínas.

A destruição das paredes e os fustes das colunas permitiram-lhes determinar os limites do Templo. Eles se puseram depois a examinar os capitéis jogados por terra, a recolher as pedras para nelas descobrir inscrições e símbolos.

Enquanto procediam a essa exploração, sobre um pedaço de parede em ruínas e no meio das sarças, eles descobriram uma escavação.

Tratava-se de um poço situado no ângulo sudeste do Templo. Eles cuidaram de limpar o orifício, depois do que um deles, o mais idoso, o que parecia ser o chefe, deitando-se às bordas do mesmo, examinou o seu interior.

Era meio-dia, o Sol brilhava em seu zênite e seus raios mergulhavam quase que verticalmente no interior do poço. Um objeto brilhante feriu os olhos do Mago. Ele chamou pelos companheiros, que se colocaram na mesma posição que ele e olharam. Evidentemente, havia ali um objeto digno de atenção, sem dúvida uma jóia sagrada. Os três peregrinos resolveram apoderar-se dela. Desamarraram os cintos que lhes cingia os rins, ataramnos uns nos outros e lançaram uma de suas extremidades no poço.

Então, dois dentre eles, inclinando-se, encarregaram-se de sustentar o peso do que descia. Este, o chefe, empunhando a corda, desapareceu pelo orifício. Enquanto efetua sua descida, veremos qual era o objeto que havia atraído à atenção dos peregrinos. Para tanto, devemos remontar vários séculos atrás, até a cena da morte de Hiram.

Quando o Mestre, diante da porta do Oriente, recebeu o golpe de alavanca do segundo mau Companheiro, ele fugiu para alcançar a porta do Sul; mas, enquanto corria para lá, teve medo quer de ser perseguido, quer, como aconteceu, de encontrar um terceiro mau Companheiro. Ele tirou de seu pescoço uma jóia que dele pendia segura por uma corrente de setenta e sete anéis, e lançou-a no poço que se abria no Templo,

no canto dos lados Oeste e Sul.

Esta jóia era um Delta de um palmo de lado, feito do mais puro metal, sobre o qual Hiram, que era um iniciado perfeito, havia gravado o nome inefável que carregava sobre si, na face interna, ficando à vista apenas uma face lisa.

Enquanto, ajudando-se com os pés e as mãos, o Mago descia até as profundezas do poço, ele constatou que a parede deste estava dividida em zonas ou anéis feitos de pedra de cores diferentes de cerca de um côvado de altura cada um. Quando chegou ao fundo, ele contou essas zonas e viu que elas eram em número de dez. Abaixou então os olhos para o chão, viu a jóia de Hiram, recolheu-a, observou-a e constatou com emoção que nela estava escrita a palavra inefável que ele conhecia porque ele era um iniciado perfeito. Para que seus companheiros, que não tinham, como ele, a plenitude da iniciação, não a pudessem ler, ele pendurou a jóia em seu pescoço pela pequena corrente, deixando voltada para frente à face lisa, assim como fizera o Mestre.

Olhou, depois, a seu redor e constatou a existência, na muralha, de uma abertura pela qual podia penetrar um homem. Entrou por ela, caminhando às apalpadelas na escuridão. Suas mãos encontraram uma superfície que, por tato, julgou ser de bronze. Então, ele recuou, voltou ao fundo do poço, avisou para que seus companheiros mantivessem firme a corda e subiu. Vendo a jóia que ornava o peito do chefe, os dois Magos inclinaram-se diante dele, percebendo que ele acabava de ser submetido a uma nova consagração. Ele revelou-lhes da porta de bronze.

Eles pensaram que ali devia haver um mistério; deliberaram então fazer juntos a descoberta.

Colocaram uma extremidade da corda feita com os três cintos sobre uma pedra chata que havia junto do poço e sobre a qual se lia ainda a palavra “Jachin”. Rolaram para cima dela um fuste de coluna em que se via a palavra “Booz”, asseguraram-se depois que, assim fixada, a corda podia suportar o peso de um homem.

Dois dentre eles fizeram em seguida o fogo sagrado com a ajuda de um bastonete de madeira dura rolado entre as mãos no interior da cavidade de um pedaço de madeira tenra. Quando a madeira tenra se incendiou, eles sopraram sobre ela para provocar uma chama. Enquanto isso, o terceiro Mago havia ido buscar, nos fardos amarrados na corcova dos camelos, três tochas de resina que eles haviam levado para afastar os animais selvagens de seus acampamentos noturnos. As tochas foram sucessivamente aproximadas da madeira em chama e elas próprias se inflamaram do fogo sagrado. Cada Mago, segurando sua tocha, deixaram-se deslizar ao longo da corda até o fundo do poço.

Uma vez aí, eles se introduziram, sob a conduta do chefe, no corredor que leva à porta de bronze. Chegada à frente dela, o velho Mago examinou-a detidamente sob a luz de sua tocha. E constatou no meio, a existência de um ornato em relevo com a forma de uma coroa real, em torno da qual havia um círculo composto de pontos, em número de vinte e dois.

O Mago absorveu-se numa meditação profunda, pronunciou depois a palavra “Malkuth” e, de repente, a porta se abriu.

Os exploradores viram-se então diante de uma escada que mergulhava no solo; meteram-se por ela, sempre empunhando as tochas, contando os degraus. Após terem descido três degraus, encontraram um patamar triangular, cujo lado esquerdo começava outra escada. Meteram-se por ela e, depois de cinco

degraus, encontraram outro patamar com a mesma forma e as mesmas dimensões. Dessa vez, a escada continuava pelo lado direito e se compunha de sete degraus.

Depois de passar por um terceiro patamar, eles desceram nove degraus e se encontraram diante de uma porta de bronze.

O velho Mago examinou-a como a precedente, e constatou a existência de outro ornamento em relevo, representando uma pedra angular, também rodeada de um círculo de vinte e dois pontos. Pronunciou a palavra “Iesod” e, por sua vez, esta porta se abriu.

Os Magos entraram numa vasta sala abobadada e circular, cuja parede estava ornada com nove fortes nervuras que partiam do solo e se encontravam num ponto central do vértice.

Eles a examinaram a luz de suas tochas, deram a volta para ver se não havia outra saída além daquela pela qual haviam entrado. Como nada encontrassem, pensavam em se retirar; mas seu chefe voltou atrás, examinou uma a uma as nervuras, procurou um ponto de referência, contou as nervuras e, de repente, chamou. Num canto escuro, ele encontrou outra porta de bronze. Esta tinha como símbolo em Sol radiante, sempre inscrito num círculo de vinte e dois pontos. Tendo o chefe dos Magos pronunciado a palavra “Netzah”, ela se abriu ainda e deu acesso a uma segunda sala.

Sucessivamente, os exploradores franquearam cinco outras salas igualmente dissimuladas e passaram por novas criptas.

Sobre uma dessas portas, havia uma Lua resplandecente, uma cabeça de leão, uma curva doce e graciosa, uma régua, um rolo da lei, um olho e, enfim, uma coroa real.

As palavras pronunciadas foram sucessivamente, Hod, Tiphereth, Chesed, Geburah, Chochmah, Binah e Kether.

Quando eles entraram sob a nova abóbada, os Magos pararam surpresos, deslumbrados, amedrontados. Essa ala não estava mergulhada na escuridão; pelo contrário, estava brilhantemente iluminada. No meio, estavam colocados três lampadários de uma altura de onze côvados, cada um com três ramos. Essas lâmpadas, que queimavam há séculos, cuja extinção não pôde ser provocada nem pelo extermínio do reino de Judá, nem pela destruição de Jerusalém ou pelo desmoronamento do Templo, brilhavam vivamente, iluminando com uma luz ao mesmo tempo doce e intensa todos os recantos, todos os detalhes da maravilhosa arquitetura daquela cúpula sem igual talhada na rocha viva.

Os peregrinos apagaram suas tochas, pois não tinham mais necessidade delas, colocaram-nas junto à porta, tiraram suas sandálias e ajustaram seus chapéus como num lugar sagrado, e depois avançaram, inclinando-se por nove vezes na direção dos gigantes lampadários.

Na base do triângulo formado por estes, levantava-se um altar de mármore branco de forma cúbica de dois côvados de altura. Numa das faces, a que estava voltada para o vértice do triângulo, estavam representadas, em ouro, os instrumentos da Maçonaria: a Régua, o Compasso, o Esquadro, o Nível a Trolha, o Malhete.

Sobre a face lateral esquerda, via-se figuras geométricas: o Triângulo, o Quadrado, a Estrela de Cinco Pontas, o Cubo. Sobre a face lateral direita, liam-se os números: 27, 125, 343, 729, 1331. Enfim, na face

posterior, estava representada a Acácia simbólica. Sobre esse altar estava colocada uma pedra de ágata de três palmos de lado; acima, lia-se, escrita em letras de ouro, a palavra “Adonai”. Os dois Magos discípulos inclinaram-se, adoraram o nome de Deus; mas seu chefe, levantando ao contrário à cabeça. Disse-lhes:

Já é tempo de saberdes o último ensinamento que fará de vós Iniciados perfeitos. Esse nome não passa de um símbolo que não exprime de forma real a ideia da “Concepção Suprema”.

Ele segurou então com as duas mãos a pedra de ágata, voltou-se para seus discípulos, dizendo-lhes: “Olhai concepção Suprema: ei-la. Estais no Centro da ideia”.

Os discípulos soletraram as letras Iod, He, Vau, He e abriram a boca para pronunciar a palavra, mas ele gritou para eles: “Silêncio! É a palavra inefável que não deve sair de nenhum lábio”.

Em seguida, repousou a pedra de ágata sobre o altar, tomou a jóia do Mestre Hiram que pendia de seu pescoço e mostrou-lhes como as mesmas letras estavam gravadas ali.

“Aprendei agora. Disse-lhes, que não foi Salomão quem mandou cavar esta abóbada hipogeia, nem construir as oito que a precedem, nem foi ele quem escondeu aqui a pedra de ágata. A pedra foi colocada por Henocho, o primeiro de todos os Iniciados, o Iniciado Iniciante, que não morreu, mas sobrevive em todos os seus filhos espirituais. Henocho viveu muito tempo antes de Salomão, antes mesmo de dilúvio. Não se sabem em que época foram construídas as oito primeiras abóbadas e esta, cavada na rocha viva”.

Contudo, os novos grandes Iniciados desviaram sua atenção do altar e da pedra de ágata, contemplaram o céu da Sala, que se perdia numa altura prodigiosa, percorreram a vasta nave, na qual suas vozes despertavam ecos repetidos. Chegaram, assim, diante de uma porta, cuidadosamente dissimulada, e cujo símbolo era um vaso quebrado. Chamaram seu Mestre e lhe disseram: “Abre-nos também esta porta: deve haver um novo mistério por trás dela”. – Não, respondeu-lhes ele, não deve abrir esta porta.

Há por trás dela um mistério, mas é um mistério terrível, um mistério de morte. – “Oh, queres esconder de nós alguma coisa, reservando-a para ti; mas queremos saber tudo; nós mesmos abriremos essa porta”.

Eles então se puseram a pronunciar todas as palavras que haviam ouvido da boca do Mestre; depois, como essas palavras não produzissem nenhum efeito, eles disseram todas as que lhes passaram pela cabeça. E já iam desistir, quando um deles pronunciou: “Não podemos, contudo, continuar até o infinito”. A essa palavra: Em Sofá, a porta se abriu com violência, os dois imprudentes foram derrubados ao chão, um vento furioso soprou pela abóbada, as lâmpadas mágicas se apagaram.

O Mestre correu para a porta, abaixou-se, chamou os discípulos em seu socorro; eles acorreram à sua voz, inclinaram-se com ele, e seus esforços reunidos chegaram afinal a fechar a porta.

Mas as luzes não tornaram a se acender e os Magos foram mergulhados na mais profunda treva. Eles se reuniram à voz do seu Mestre. Este lhes disse: “Aí, este acontecimento terrível era de se prever”. Estava escrito que cometeríeis essa imprudência. Eis agora em grande perigo nestes lugares subterrâneos ignorados pelos homens.

Tentemos, contudo, sair daqui, atravessar as oito abóbadas e chegar ao poço pelo qual descemos. Daremos as mãos uns aos outros e caminharemos até encontrar a porta de saída.

Recomeçaremos em todas as salas até chegarmos ao pé da escada de vinte e quatro degraus. Esperaremos chegar até lá.”

Assim fizeram. Passaram horas de angústia, mas não se desesperaram.

Chegaram até o pé da escada de vinte e quatro degraus. Subiram, contando 9, 7, 5 e 3, e se viram de novo no fundo do poço. Era meia-noite, as estrelas brilhavam no firmamento; a corda feita de cintos pendia lá ainda.

Antes de deixar que seus Companheiros subissem, o Mestre mostrou-lhes o círculo recortado no céu pela boca do poço e lhes disse: “Os dez círculos que vimos ao descer representam também as abóbadas ou arcos da escadaria; o último corresponde ao número onze, aquele de onde soprou o vento do desastre: é o céu infinito, com luminárias de fora de nosso alcance que o povoam”.

Os três Iniciados voltaram ao recinto do Templo em ruínas; rolaram de novo o fuste de coluna sem perceber nele a palavra “booz”, desamarraram seus cintos, cingiram-nos montaram em seus camelos; depois, sem trocar uma só palavra, mergulhados em profunda meditação sob o céu estrelado, no meio do silêncio noturno, afastaram-se ao passo lento de seus camelos na direção de Babilônia.

LER NA EXALTAÇÃO

Irmãos, todos os graus da Maçonaria são progressivos e não podem ser alcançados a não ser com tempo, paciência e assiduidade. No 1º Grau nos é ensinado os deveres que temos para com Deus, nosso próximo e nós mesmos. No 2º Grau, somos admitidos como participantes dos mistérios da ciência humana, para traçar a bondade e a majestade do Criador, pela análise minuciosa de Seus atos. Mas o 3º Grau é o cimento que a tudo une: foi calculado para unir os homens pelos místicos pontos da irmandade, como um laço de afeição fraternal e amor entre irmãos: mostra as trevas da morte e a escuridão da sepultura como antecipação da luz brilhante, que se segue à ressurreição dos justos, quando esses corpos mortais, que por tanto tempo, estiveram depositados no pó serão finalmente despertados, reunidos a seus espíritos idênticos, e vestidos de imortalidade.

Uma prece então foi dita, com esta conclusão:

“\AD\U\ rogamos a Ti que concedas Tua graça a este Teu servo, que busca conosco partilhar dos segredos de um Mestre Maçom. Completai-o de tal fortitude que, na hora do julgamento ele não falhe, mas que passando sob a segurança da Tua proteção através do escuro vale da sombra da morte, ele possa finalmente erguer-se da tumba do pecado para brilhar como as estrelas, para todo o sempre, Amém.

LUVAS NA MAÇONARIA

Em reunião de Loja ou de Grande Loja, os maçons usam sempre luvas brancas. Pode-se dizer que o uso de avental e de luvas brancas é a marca distintiva dos maçons.

Para além da cor, não existem requisitos especiais quanto ao tipo e qualidade de luvas a serem usadas. Podem ser de pele, algodão ou outro tecido. Podem ser completamente brancas ou ter estampado ou bordado algum enfeite. É muito utilizado um modelo de luvas com o desenho do compasso e do esquadro.

Tal como o avental, a origem do uso das luvas deve buscar-se na Maçonaria Operativa. O trabalhador em pedra, em muitas das suas tarefas, necessitava de proteger as mãos dos acidentes ou, mesmo, das normais

consequências do manuseamento de materiais duros, rugosos, pesados, com arestas vivas, etc.. O uso de luvas previne pequenos ferimentos, arranhões, abrasões, decorrentes desse manuseamento. Com a transição da Maçonaria Operativa para a Maçonaria Especulativa, manteve-se a tradição do uso de luvas.

Mas se a tradição se manteve, ironicamente o propósito inverteu-se. É que, na Maçonaria Especulativa, o uso de luvas não se destina a proteger as mãos do ambiente, mas, pelo contrário, a proteger o ambiente das mãos.

Explicando:

Uma das regras que é frequentemente lembrada aos maçons é a de que estes "devem deixar os metais à porta do Templo", isto é, não devem transportar para o interior da Loja condutas, conflitos, interesses, competições, comportamentos, de natureza profana. Em Loja, nada disso tem lugar.

O espaço da Loja - e não me refiro apenas ao espaço físico, mas também, e essencialmente, à dimensão espiritual - não deve ser conspurcado com imperfeições de natureza profana. Para que o maçom possa tranquilamente, com a ajuda de seus Irmãos, trabalhar no seu aperfeiçoamento, deve estar inserido num ambiente livre da poluição das imperfeições do dia a dia. O interior do Templo deve, assim, estar livre de metais, por estes se entendendo tudo o que é negativo, imperfeito, inerente às fraquezas humanas.

No entanto, o maçom, se busca aperfeiçoar-se, é porque se reconhece imperfeito. E imperfeito em si mesmo. Por muito que cuide, por muito que faça, embora procure deixar os metais à porta do Templo, alguns inevitavelmente ele transporta para o seu interior, porque ínsitos (ainda, espera-se...) nele mesmo. Então, assim se reconhecendo imperfeito, logo poluidor do ambiente do Templo, logo susceptível de dificultar o aperfeiçoamento de seus Irmãos - quando o objetivo comum é precisamente o inverso... - o maçom simbolicamente protege o ambiente e seus Irmãos de suas imperfeições, usando as luvas. Assim, a sujidade que ainda permanece em suas mãos não conspurca o Templo, os objetos nele existentes, os seus Irmãos.

Ou seja, o maçom em Loja usa luvas brancas, não para se proteger do que, exterior a si, o possa afetar, mas para proteger o ambiente e os demais daquilo que, existente em si, os possa prejudicar.

Este, no meu entendimento, a lição que se pode extrair do simbolismo do uso das luvas pelos maçons em Loja.

Daqui decorre, por exemplo, que, ao contrário da prática social, em que o enluvado se desluva para cumprimentar outrem, os maçons, no interior do Templo saúdam-se sempre com as respectivas luvas postas.

Há, no entanto, três situações correntes em que o maçom em Loja deve retirar uma ou ambas as luvas. Uma, quando manuseia dinheiro, pois, por natureza, o vil metal conspurca - e o seu manuseio em Loja, designadamente quando se reúnem fundos para ações de solidariedade, é um mal necessário - e não deve assim sujar a luva, que deve permanecer limpa; outra, quando o maçom assume compromissos sobre as três Grandes Luzes da Maçonaria - o Livro da Lei Sagrada, o Compasso e o Esquadro -, caso em que põe a mão nua sobre esses três símbolos, em sinal de que o compromisso é assumido pelo Homem inteiro, com suas qualidades e defeitos, com suas forças e suas imperfeições, confiando em que o contato entre essas três Grandes Luzes e si próprio redundará no seu aperfeiçoamento, não na perda de qualidades

daquelas; a terceira, na Cadeia de União, em que os maçons se dão as mãos, despojadas de luvas, em sinal de união e de comunhão de esforços, juntando-se numa Cadeia em que cada um se reconhece como o elo mais fraco, mas em que todos buscam fortalecer-se, transmitindo-se e unindo todos suas forças e fraquezas, cientes de que as forças de todos combinadas gerarão um poder mais forte do que a mera soma delas e de que as fraquezas de cada um mais eficazmente são combatidas com a ajuda de todos.

Eis porque o maçom usa luvas brancas e eis por que razão pontualmente as não usa.

MAÇONARIA RITOS E RITUAIS

Rito é o conjunto de regras, métodos e cerimônias que regem determinadas instituições.

Na maçonaria já existiram mais de quatro centenas de diferentes tipos de ritos, muitos deles derivando de outros.

Grande parte destes ritos se encontra atualmente extintos e uma parte com uso bastante restrito.

Ritual é o que contém o desenvolvimento prático de cerimônias previstas em determinados ritos, é a liturgia.

Para conhecimento citaremos alguns ritos adotados pela maçonaria:

- Rito Escocês Antigo e Aceito, possui trinta e três graus, com origem na França, surgido com os Stuarts ingleses refugiados na França, como tinham partidários escoceses o rito adquiriu o título.

Os graus simbólicos: Aprendiz, Companheiro e Mestre é o mais utilizado no Brasil, Nos EUA e Inglaterra é mais utilizado a partir do quarto grau, quando se fala sobre o escocismo. É um rito bastante difundido e conhecido, geralmente quando se fala sobre maçonaria as pessoas que não fazem parte dela, sempre comentam sobre o famoso grau trinta e três, muito mencionado inclusive em filmes.

Rito Azul - Ancient Craft Masonry - Antiga Maçonaria de Ofício, como é conhecido na Inglaterra e EUA, que no Brasil recebeu o nome de Rito de York (Que adota vários rituais: Emulation, Bristol, Stability, Muggeridge, Claret, etc), que não devem ser confundidos com rito.

Destituído primitivamente de qualquer importância quando surgiu com o nome de Rito Real Arco, depois tomou o nome de Rito de York, porque foi essa cidade, importante centro dos antigos maçons medievais, o que lhe valeu o cognome de “Meca da Maçonaria”. Na Inglaterra possui três graus simbólicos e um quarto grau denominado Santo Arco Real, considerado erroneamente por muitos como uma extensão do grau de mestre, trata-se na realidade de outro grau. Nos EUA houve ampliação com outros graus e a Inglaterra tende a adotar o sistema americano.

Rito Escocês Retificado, consiste na reformulação do Rito Escocês Antigo e Aceito, também conhecido como rito de Rito de Willermoz, pretendia trazer de volta as influências dos Cavaleiros Templários. Pouco utilizado.

- Rito de Schröder, praticado na Alemanha, vizinhanças e algumas regiões da América do Sul

Rito Adoniramita, surgiu na França com quatro graus e posteriormente foi complementado com altos graus, desapareceu em seu país de origem, hoje é mais praticado no Brasil, com algumas alterações.

Rito Francês ou Moderno, com origem na França, com difusão na Bélgica, colônias francesas e países latino-americanos sob influência francesa. Suprimiu a obrigatoriedade da crença em Deus e na imortalidade da alma, causando rompimento com a Grande Loja Unida da Inglaterra que o considera um rito ateu.

Rito Brasileiro, criado em Pernambuco, teve pouca duração, ficando adormecido praticamente até 1976, quando foi reativado, praticado apenas no Brasil, no simbolismo é uma cópia invertida do Rito Escocês Antigo e Aceito com 33 graus.

Rito Sueco, praticado na Suécia, e vizinhanças, com doze graus sendo o 12º grau do rito, o Mestre Reinante, conferido apenas ao rei da Suécia.

Rito de Mênfis ou Oriental, introduzido em Marselha na França, voltado para a tradição egípcia.

Rito de Misraim ou Egípcio, acredita-se ter surgido na Itália, sendo posteriormente levado para a França. Misz significa Egito em hebraico, dizem que é derivado dos antigos Mistérios egípcios.

Rito de Mênfis-Misraim, o rito de Mênfis foi criado em Montauban por maçons que haviam participado da missão no Egito com Napoleão Bonaparte. O rito de Misraim teve origem em Veneza. Após a fusão passou a ter 95 graus, sendo os mais altos apenas honoríficos. Pouco difundido.

Rito da Estrita Observância, criado com fundamento nas antigas “Ordens de Cavalaria”. Deu origem aos ritos da Alta Observância e Exata Observância.

Rito Heredon ou Perfeição, surgiu em Paris, com o primitivo nome de Imperadores do Oriente e do Ocidente, foi praticamente a origem do Rito Escocês Antigo e Aceito.

Rito de Swenderborg, criado por um Sueco, deu origem posteriormente aos ritos denominados iluministas.

Rito Escocês Filosófico, com onze graus, já extinto.

Rito Operativo de Salomão, é o mais recente, foi criado na França em 1974, por membros da “Ordem Iniciática e Tradicional da Arte Real”. Possui nove graus.

Rito Simbólico ou Maçonaria de São João, com cinco graus, provavelmente surgiu com a criação da Grande Loja da Inglaterra.

Rito Sistema de Zinnendorf, criado em Berlim.

Rito da Maçonaria Eclética, originou-se de uma aliança entre muitas lojas alemãs e algumas estrangeiras, com iniciativa da Loja Provincial de Frankfurt sobre o Meno e a de Wetzlar, no intuito de restituir à Maçonaria a sua pureza primitiva. Onde todas as Lojas eram Livres e Independentes e nenhuma loja aliada era subordinada a outras, todas são iguais. A Maçonaria deste sistema foi muito sensata e prestou notáveis serviços à Instituição.

Rito Escocês Primitivo, praticado principalmente na Bélgica com trinta e três graus.

Rito ou Sistema de Fessler, foi o rito da Grande Loja Royal York em Berlim, com prática em poucas oficinas.

Rito dos Templários ou Ordem do Templo, com oito graus em três categorias.

Rito Haitiano, muito simples, composto de três graus simbólicos e mais dois: Royal Arch e Cavaleiro Americano.

Rito Irlandês, consta de quinze graus, em quatro classes.

Rito de Adoção, criado na França, com influência da temática egípcia, voltado para mulheres.

Rito Nacional Mexicano, praticado no México, América Central e sul dos Estados Unidos, nas áreas com influência de imigrantes hispanoamericanos. Possui três graus simbólicos e seis superiores.

Rito dos Arquitetos Africanos, com 11 graus, existe grande variação de datas e locais de sua fundação; em 1756 – em 1767 na Prússia – em 1787 na Áustria – com base na investigação histórica da maçonaria.

Rito da Rosa Cruz de Ouro, com 9 graus, fundado em 1777 na Alemanha.

Rito da Rosa Cruz de Ouro do Antigo Regime, fundado na Alemanha em 1781.

Rito Eclético Lusitano, fundado em 1838 em Portugal.

Rito Nacional Espanhol, fundado com origem no rito primitivo e original da maçonaria.

Rito Universal Misto, fundado por Maria Deraismes e George Martin, também chamado de “O Direito Humano”, com origem no rito primitivo e original da maçonaria.

Rito da Estrela Flamejante, fundado em 1766.

Rito Hermético, com nove graus, fundado por Dom Pernety, em 1766 em Avignon.

Rito dos Filósofos Desconhecidos, rito alquímico fundado pelo Barão de Tschoudy.

Rito Egípcio Feminino, com quatro graus, fundado com base nos rituais de Cagliostro.

Existem ainda, os ritos e rituais que são adotados pelas diversas associações ligadas à maçonaria.

Mencionamos para conhecimento, outros ritos existentes:

Rito Azul com 3 graus, rito dos irmãos de São João com 5 graus, rito da Academia dos Sábios, rito da Academia dos Antigos, Rito da Ordem do Amarantho com 6 graus, rito da Ordem do Templo com 8 graus, rito dos Antigos Maçons Livres e Aceitos da Inglaterra com 7 graus, rito Socrático com 2 graus, rito da Marca 1 grau, rito do Grêmio com 3 graus, rito de York Antigo com 2 graus, rito dos Colégios da Irlanda com 9 graus, rito Capitular com 4 graus, rito Escocês dos sete graus, com 25 graus, rito da Ordem de Palladium com 2 graus, rito das Companheiras de Penélope com 2 graus, rito Escocês filosófico com 9 graus, rito das Lojas dos Três Globos com 7 graus, rito das Lojas Unidas dos Amigos de São Luiz com 16 graus, rito das Damas de Monte Tabor com 3 graus, rito Nacional da França, rito do Capítulo Primórdio dos Rosa-Cruzes Jacobita de Arras com 15 graus, rito Escocês fiel com 9 graus, rito de Ville-bru com 9 graus, rito dos Cavaleiros e Damas da Esperança, rito de Kilwinning com 3 graus, rito do Conselho da Sublime Loja Mãe dos Excelentes, do Globo Francês, rito Escocês Filosófico da Loja Mãe de Marselha com 12 graus, rito Rosaico com 2 graus, rito do Eleitos de Cohens com 9 graus, rito Escocês Primitivo com 25 graus, rito de Cryptica com 2 graus, rito da Cruz Vermelha de Constantino, rito do Melesino com 7 graus, rito da Ordem do Irmãos Negros, rito da Crata Repoa com 7 graus, rito da Grande Loja Real de York da Amizade de Berlim com 10 graus, rito da Rosa-Cruz Retificada com 4 graus, rito Primitivo de Namur com 33 graus, rito das Princesas Coroadas com 12 graus, rito dos Irmãos maniques, rito dos Adeptos do Hermetismo com 7 graus, rito da Origem da Perseverança, rito de Mesmer com 3 graus, rito de Enocil com 4 graus, rito Escocês Filosófico da Loja mãe de França com 10 graus, rito do Priorado de Gálias com 8 graus, rito Egípcio de Cagliostro com 97 graus, rito do Escocismo Reformado de San Martin com 7 graus, rito da Academia de Sagres, rito dos Iluministas da Baviera com 12 graus, rito dos Eleitos da Verdade com 14 graus, rito dos Irmãos Asiáticos com 6 graus, rito da Rosa com 2 graus, rito da Academia dos Verdadeiros Maçons, rito dos Iluminados de Avinhão com 9 graus, rito dos Filaletes com 12 graus, rito Primitivo de Narbona com 10 graus, rito dos Sublimes Mestres do Anel Luminoso com 3 graus, rito Dinamarquês com 5 graus, rito de Filadelfos com 10 graus, rito da Academia dos Sublimes Princípios do Cordeiro Luminoso com 3 graus, rito do Acampamento de Baldwin com 7 graus, rito dos

Sublimes Mestres do Círculo da Luz, rito dos Irmãos Iniciados e Cavaleiros da Ásia com 8 graus, rito dos Cavaleiros e Damas da Rosa, rito Exegético, rito da Ordem dos Cavaleiros da Cidade Santa com 7 graus, rito Eclético Filosófico, rito Helvético Reformado, rito dos Cavaleiros e Damas da Pomba, rito da Ordem de São Joaquim, rito do Cavaleiro do Velocino de Ouro, rito do Capítulo Metropolitano de França com 80 graus, rito da União Alemã dos Quarenta com 6 graus, rito das Damas Rosa-Cruz, rito dos Cavaleiros do Tosão de Ouro com 5 graus, rito de Bahrdt com 6 graus, rito dos Irmãos Rosa-Cruz Alemã com 7 graus, rito de Orange com 3 graus, rito dos Iluminados Teosofistas com 9 graus, rito do Martinismo, rito do Príncipe de Nassau com 5 graus, rito dos Sofisianos com 3 graus, rito Escocês de Cerneau com 33 graus, rito dos Cavaleiros de Cristo, rito da Ordem Francesa dos Noachitas com 3 graus, rito de Etangs com 5 graus, rito de Menscheit, rito da Academia Platônica, rito do Ramo de oliveira com 3 graus, rito dos três Budas de Suave Sarça com 3 graus, rito Grande e Antigo da Escócia com 46 graus, rito do Grande Colégio dos Maçônicos Associados com 32 graus, rito maçônico da Sociedade Rosacruziana, rito dos arquitetos Antigos e Aceitos com 3 graus, rito da Antiga Ordem de Zuzunites, Rito de Adoção Americano, rito do Soberano Colégio dos EUA dos Graus Maçônicos com 17 graus, rito da Ordem do Shrine Branco de Jerusalém, rito do Martinismo retificado Inglês e Americano, rito das Damas dos Shrines Oriental da América do Norte, rito da Orden das Filhas do Nilo, Rito da Ordem de Molay, rito das filhas de Mokpna, rito da Ordem Internacional das Filhas de Jó, rito das Filhas de Osíris, rito da Ordem das Garotas do Arco Iris, rito Flor de Acácia, rito da Ordem dos Construtores com 2 graus, rito das Princesas Sharemkhu do Antigo Egito, Rito da Ordem Estrelas do Oriente, rito da Ordem da Cadeia de Ouro, rito das Heroínas de Jericó com 3 graus, rito da Ordem de Joana d'arc com 4 graus, rito Antigo de Toltec, rito Cavalheiresco com 30 graus, rito da Consagrada História Felocresciana com 3 graus, rito dos Frates Lucis com 5 graus, rito de Hecart com 5 graus, rito dos Cavaleiros da Pureza e da Luz com 5 graus, rito dos Sacerdotes dos Cavaleiros Templários do Real Arco com 33 graus, rito Les Plus Secrets Mystères com 7 graus, rito de Fustier com 28 graus, rito da Lata Observância com 10 graus, rito do Zodíaco com 12 graus, rito Pitagórico com 3 graus, rito dos Anônimos com 3 graus, rito de Adoção de Lowtons com 1 grau, rito dos Cavaleiros da Estrela da Síria com 3 graus, rito do Tribunal Secreto de Westphalia com 2 graus, rito dos Iluminados, rito da Ordem das Filhas do Deserto, rito da Sublime Dama Eleita, rito das Esposas e Filhas dos Maçons, rito das Filhas de Zelophead, rito dos Invisíveis, rito dos Perfeitos Iniciados Egípcios, rito dos Magos, rito de Mesa, rito da Lembrança, rito dos Compagnonagem, rito Alexandrino, rito de Tien-for-whe, rito da Purificação, rito da Instalação, rito da Carbonária, rito das Lojas Lautaro, rito do Apostolado, rito de Perambulação, rito Otomano, rito Xerofagista, rito Vátrico, rito Órfico, rito de Schrepfer, rito da Rosa Magnética, rito Escocês Trinitário, rito da Ordem dos Maçons Místicos, rito das Amazonas, rito do Grande Conclave do Monitor Secreto, rito de Harodin, rito dos Shrines Negros, rito Antigo de Bouillon Ocultistas, rito da Ordem da Cruz e da Coroa.

Não existe uma instituição universal que possa dar legitimidade para os ritos, eles são legítimos por si mesmo, assim como, o são os rituais.

Não existe uma instituição que possa se considerar proprietária da maçonaria, e de seu ensino, bem como, nenhuma instituição é proprietária do simbolismo Místico e Esotérico do esquadro e do compasso, ele é milenar e foram adotados por várias instituições relativamente novas, dentre elas, a maçonaria.

Cada rito tem a pretensão de ser mais antigo e mais regular que os outros existentes.

MENORAH

Menorah (candelabro de sete pontas) é, sem dúvida, o símbolo judaico mais antigo e mais imponente de

que se tem relato. Ela também representa, desde os tempos mosaicos, Israel e o povo judeu. Mas o que realmente este maravilhoso símbolo milenar representa? Qual será seu verdadeiro significado? Para responder estas e outras perguntas, vejamos o primeiro texto na Torá onde a menorá é descrita:

“Farás também um candelabro de ouro puro; de ouro batido se fará este candelabro; o seu pedestal, a sua haste, os seus cálices, as suas maçanetas e as suas flores formarão com ele uma só peça. Seis hastes sairão dos seus lados: três de um lado e três do outro.

Numa haste, haverá três cálices com formato de amêndoas, uma maçaneta e uma flor; e três cálices, com formato de amêndoas na outra haste, uma maçaneta e uma flor; assim serão as seis hastes que saem do candelabro.

Mas no candelabro mesmo haverá quatro cálices com formato de amêndoas, com suas maçanetas e com suas flores. Haverá uma maçaneta sob duas hastes que saem dele; e ainda uma maçaneta sob duas outras hastes que sai ele; e ainda mais uma maçaneta sob duas outras hastes que saem dele; assim se fará com as seis hastes que saem do candelabro. As suas maçanetas e as suas hastes serão do mesmo; tudo será de uma só peça, obra batida de ouro puro. Também lhe farás sete lâmpadas, as quais se acenderão para alumiar defronte dele. As suas espevitadeiras e os seus apagadores serão de ouro puro. De um talento de ouro puro se fará o candelabro com todos estes utensílios. Vê, pois, que tudo faças segundo o modelo que te foi mostrado no monte.” Ex. 25:31-40 (RA).

Vemos aqui que o próprio Deus passa instruções a Moisés quanto à construção de um grande castiçal de 1,5 metros de altura e 43 quilos, o qual deveria ter sete hastes, ou pontas. Em cada ponta deveria haver uma lâmpada, a qual queimaria óleo de oliva e iluminaria o interior do Tabernáculo e, posteriormente, o Templo em Jerusalém, os quais não possuíam janelas.

Nota-se também que a menorá deveria ser feita a partir de uma peça de ouro batido, não podendo ter emendas ou rejuntas. Ela teria uma base e uma haste central, de onde sairiam 6 outras hastes (três para cada lado).

Cada haste seria decorada com três cálices de ouro em formato de amêndoas, uma maçaneta (espécie de suporte para a lâmpada) e uma base estrelada em formato de flor, a qual serviria como lâmpada. Um fato interessante é que todas as hastes deveriam iluminar em direção ao centro (verso 37), e não em todas as direções como é comum a candelabros. Dessa forma, as hastes da menorá brilharão como se fossem uma grande e única chama, realçando a haste central: “todos juntos como se fossem um”. Este fato isolado nos mostra que a menorá jamais foi criada por Deus para ser um simples objeto de iluminação.

Ela é muito mais do que isso. Ela representa um objeto criado pelo próprio Deus com um mistério contido em sua forma e arquitetura, que nos ensina sobre o grande plano do Eterno para o homem!

Alguns sábios judeus da idade média afirmaram que a menorah representa a Árvore da Vida, e que suas sete hastes representam as sete palavras que compõem o primeiro versículo de Gênesis. Mas o que representa realmente a menorah? Vemos um outro relato da menorah em Zacarias 4:1-10, onde o profeta tem uma visão de um candelabro de sete pontas, sendo abastecido por duas oliveiras, que estão ao lado de uma grande bacia de azeite. O profeta identifica as sete pontas como sendo “os olhos do Senhor que percorrem toda a terra” (verso 10).

Temos uma passagem semelhante a essa em Apocalipse 5:6: “Então, vi, no meio do trono e dos quatro

seres vivos e entre os anciãos, de pé, um Cordeiro como tendo sido morto. Ele tinha sete chifres, bem como sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus enviados por toda a terra.” Neste texto vemos os sete olhos como sendo os sete espíritos de Deus, os quais percorrem toda a terra.

O profeta Isaías vai mais longe, e profetiza que os sete espíritos de Deus representam o próprio Yeshua, o qual manifestaria em carne, as sete características do servo do Senhor: “Do tronco de Jessé sairá um rebento, e das suas raízes, um renovo. Repousará sobre ele o Espírito do Senhor, o Espírito de sabedoria e de entendimento, o Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e de temor do Senhor.” (Is 11:1-2).

Mas é em Apocalipse 1:12-20 que realmente entenderemos o verdadeiro significado da menorá e suas sete hastes:

“Vóltei-me para ver quem falava comigo e, voltado, vi sete candeeiros de ouro e, no meio dos candeeiros, um semelhante a homem, com vestes talares e cingidas, à altura do peito, com uma cinta de ouro. (...) Escreve, pois, as coisas que viste, e as que são, e as que hão de acontecer depois destas. (...) Os sete candeeiros são as sete igrejas.”

É maravilhoso notar o que João relata! Yeshua diz que os castiçais, ou a menorah, representa a Kehilat Adonai (Igreja ou Congregação do Senhor), composta de judeus e gentios, sobre a qual as portas do inferno não prevalecem. As sete igrejas representadas na menorah devem, então, resplandecer a Luz da Palavra de Deus, testemunhando ao mundo os Seus caminhos. Yeshua mesmo disse aos seus discípulos: “Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte; nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa. Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus.” (Mt 5:14-16).

Vemos então que a menorá é um símbolo que representa o relacionamento entre Deus e Seus servos. Ela representa a Igreja (judeus e gentios), a qual brilha unida iluminando o centro: o próprio Yeshua. Devemos brilhar nossa luz diante dos homens, e em direção ao Mashich, isto é, glorificando a Yeshua, para que os homens vejam nossas boas obras e glorifiquem ao Pai.

O Rei Davi também descreve a luz da menorah como sendo a própria Torá, a lei eterna de Adonai. Ele escreve: “Tua Lei (Torá) é lâmpada para os meus pés, e luz para o meu caminhar” (Sl 119:105 – XXL). Por isso, ao representar a Palavra de Deus, a menorá também representa o próprio Yeshua, pois Ele é “o logos que se fez carne e habitou entre nós”. E ao mesmo tempo, ao representar a Palavra de Deus, a menorá se assemelha a Árvore da Vida, pois aquele que guarda os mandamentos do Eterno resplandecerá vida, como uma árvore que produz vida e vida em abundância. A menorah, portanto, representa a essência de Israel e o dever de todo crente em Yeshua: resplandecer a Torá (palavra) do Eterno sobre toda a terra através de Yeshua, fazendo com que as nações glorifiquem ao Pai, o Deus único de Israel!

NÚMERO E MAÇONARIA

A numerologia é uma ciência pouco divulgada, mas de grande valor para o estudo dos números em relação aos planetas, ao universo, aos sons, às cores, às auras dos seres em geral e, principalmente, para o estudo da Maçonaria. Deus, o G\A\D\U, é também o Supremo Geômetra, e o Supremo Matemático do Universo.

Ao Apr\ M\ que inicia a sua caminhada na senda, é de suma importância que penetre desde logo nos segredos dos números 1, 2, 3, e 4, de vez que tal conhecimento lhe proporcionará chaves vitais para seu desbastamento da P\B\, o escopo principal do trabalho a ser desenvolvido na Col\ do N\.

O número UM, Alfa, é o símbolo da Causa sem Causa, do Princípio, é a representação de DEUS manifestado, é tudo aquilo que surgiu do Caos, é o “faça-se a LUZ e a LUZ se fez...” Aqui a Unidade não pode nem deve ser confundida com o TODO, pois não passa de um ponto de partida, e, não é mais do que uma manifestação do G\A\D\U\, ou seja: começo de alguma coisa, produto da preexistência de uma CAUSA SEM CAUSA.

Embora ele exista por si só, isoladamente ele não substituirá, pois nada existe nos Mundos Manifestados que consiga existir como uma Unidade isolada. Pode parecer paradoxal que, sendo o número UM a Origem e a Causa da existência de todos os demais números, seja por si, estéril, necessitando para se perpetuar como uma manifestação, de uma outra manifestação iguais a Si mesma, porém de natureza oposta, mas que já não é mais uma Unidade, pois a Unidade que se repete é igual a DOIS.

Para algumas Escolas Iniciáticas, o número DOIS é o número do Equilíbrio; para outras ele é o símbolo terrível da Dúvida, um número perigoso, porque duas forças iguais e antagônicas se antepõem uma à outra, na luta pelo domínio do UM sobre o outro UM. DOIS seria, então, símbolo da luta eterna que travam o Bem e o Mal; a Luz e a Treva; o Sim e Não; o Macho e Fêmea, etc. .

Se levarmos em conta, entretanto, que tudo que existe no Universo são apenas diferentes e antagônicas partes de um Único Todo, chegaremos a entender e compreender que o Bem e o Mal são DEUS; que a Luz e as Trevas são DEUS; que o macho e a Fêmea são DEUS, etc. .

Porque Bem e Mal, Luz e Trevas, Sim e Não, Macho e Fêmea. etc., são apenas resultados de pontos de vista de um observador que se coloca em determinada posição no Plano Manifestado, e enxerga as coisas do seu próprio ponto de vista pessoal. E, se conseguirmos eliminar este ponto de vista pessoal ao encarar diferentes aspectos de um mesmo problema, acabaremos por entender que tudo é TUDO, e que, o número DOIS é apenas o número UM que se repete a Si mesmo, sendo, portanto, igual a si próprio...

O verdadeiro segredo da PAZ, da Tranquilidade, do Bem-Estar, enfim, daquele estado da alma conhecido pelos orientais como Nirvana, é a Criatura viver em EQUILIBRIO... Em todo Universo existe uma luta eterna e terrível, travada sempre entre duas forças antagônicas e violentas que, por sua própria natureza intrínseca, procuram dominar e destruir uma à outra. E, qualquer criatura que consiga se situar num ponto equidistante entre elas duas passa a ser de detentor de uma Força ainda maior que as outras duas, e que se chama EQUILIBRIO.

EQUILIBRIO é, portanto, um terceiro elemento que surge, pois com seu aparecimento é que cessarão a dúvida, a luta e antagonismo do número DOIS. Eis que surge o TRÊS, o Filho, produto da Harmonia, do Equilíbrio da Compreensão, da união entre dois oponentes eternos. É agora que surge afinal o número do equilíbrio total, no qual o UM se manifesta no TRÊS, para que o DOIS se harmonize consigo próprio.

O Filho é igual ao Pai e ambos são iguais a DEUS, e, se DEUS é igual ao Pai e ao Filho, todos são iguais entre si, e, se todos são iguais entre si, são portanto UM apenas, que se manifesta sob a Tríplice aparência do Equilíbrio. O maior segredo do conhecimento do simbolismo do número TRÊS talvez estejam na compreensão de que ele é o produto do Amor, da União, da Harmonia e do equilíbrio entre duas forças opostas e seu significado maravilhoso de que, com ele, começa a perpetuação de tudo que existe no Universo.

O número TRÊS repetido em todas as fórmulas litúrgicas do primeiro estágio, responde filosoficamente, dando ao Neófito a chave do profundo enigma. Ele procede do absoluto que é DEUS como a natureza procede do mesmo absoluto. O número TRÊS é uma expressão desse absoluto e dessa perfeição: porque contém em si – o ativo, o passivo e o neutro. Tudo que existe se manifesta neste ternário. Da unidade e da dualidade, nasce o terceiro que une os opostos: $1 + 2 = 3$.

Por estas e muitas outras razões é que o número TRÊS é tão caro ao Maçom que busca a LUZ, porque três são também as qualidades da LUZ: o Fogo, a Chama e o Calor. O Fogo dissolve, purifica e transforma tudo, e é o símbolo do Espírito que tudo vivifica. A Chama, no movimento de seu bruxuleio, é o símbolo da Mutabilidade e do Movimento de tudo que existe no Plano Relativo. E o Calor, aquece e conserva a Vida no Universo.

TRÊS são as qualidades exigidas para aqueles que postulam as suas Iniciações: Vontade, Amor e Inteligência. Sem estas três qualidades o homem não passa de um aleijado, pois de nada adiantarão a Vontade e a Inteligência, se o Coração do Homem não estiver pleno de Amor para com tudo e com todos. Todo Maçom que quiser ser digno deste nome deve cultivar igualmente essas três qualidades representadas pelos três pontos (∩) que apõe a seu nome, como as três estrelas que brilham no Or\ da Loja.

Vontade Amor Inteligência

Se prestarmos a devida atenção em toda parte encontraremos o número TRÊS, para lembrar-nos a todo instante do significado destes pontos:

Três são as Jóias Fixas da Loja:

Prancheta da Loja, a Pedra Bruta e a Pedra Polida; Três são as Jóias Móveis da Loja: O Esquadro representando o Ven\, o Nível – 1º Vig\ e o Prumo – 2º Vig\;

Três são as Grandes Luzes:

Sabedoria, Força e Beleza, alocadas ao Leste, Norte e Sul e representadas respectivamente pelo Ven\, 1º Vig\ e 2º Vig\;

Três são as Virtudes morais que devem ornar o espírito e o coração de qualquer ser humano, especialmente do Maçom: Fé, Esperança e Caridade.

O Três ainda pode ser estudado sob outros pontos de vista: Do Tempo: Presente, Passado e Futuro;

Da Vida: Nascimento, Existência e Morte.

Da Família: Pai Mãe e Filho;

Da Trindade Cristã: Pai, Filho e Espírito Santo; Da Constituição do Ser: Espírito, Alma e Corpo. Finalmente é sobre três importantíssimos pontos que se deve apoiar todo Maçom que se preze e se julgue digno de ser chamado de Ir\: LIBERDADE, IGUALDADE e FRATERNIDADE. É num ponto equidistante deste Triângulo Sagrado que se deve colocar o verdadeiro Maçom e aí se apoiar, pois é que uma base quadrada que se origina uma Pirâmide, a qual em sua ascensão para a Unidade tem seus quatro lados formados por um Triângulo.

QUATRO é o número do Tetragrama Sagrado IOD, EH, VAU EH ou IEVE, ou JEHOVAH, nome com qual os Hebreus caracterizavam a divindade Manifestada, e que, no Sagrado Triângulo do Maçom aparece como o quarto elemento, simbolizado pelo Olho da DIVINDADE, o Divino Centro – o Equilíbrio que tudo vê, fazendo justiça e dando a cada um segundo suas obras.

O CRIME DOS JUBELOS A traição do Companheiro

Como se sabe, o grau de Companheiro, na tradição maçônica, é o chamado grau da traição, pois foram três Companheiros que assassinaram o Mestre Hiram. A razão desse crime nunca foi bem explicada pelos exegetas das tradições maçônicas. Literalmente se interpreta que o assassinato foi cometido porque os três companheiros Jubelo, Jubelas e Jubelum, queriam obter a palavra de mestre à força, sem passar pelas etapas necessárias para isso.

Mas na verdade, essa tradição tem um sentido simbólico muito mais profundo do que a maioria dos irmãos imagina. Ela está conectada com interpretações cabalísticas e gnósticas da Bíblia, e se referem principalmente aos temas ligados aos anjos construtores do universo, dos quais Jeová Tsabaoth é o Mestre Supremo. Todos os mestres e companheiros maçons conhecem o nome Tubalcain. Ele é usado como senha em um dos graus da Loja Simbólica. Tubalcain, na Bíblia, é um bisneto de Cain, o filho amaldiçoado de Adão e Eva. Ele é referido como sendo um trabalhador de forja, ou seja, um fundidor. Ele e seus irmãos Jubal e Jabel, são os operários, os trabalhadores cujas mãos constroem o "templo".

Assim, Tubalcain é o representante de todos aqueles que trabalham com as mãos e Hiram o representante daqueles que trabalham com o intelecto. Hiram simboliza também o comando. Um representa a técnica, outro a ciência. A querela entre o Mestre do comando e os Mestres da execução, que acabou se transformando em tragédia, com o assassinato do primeiro pelos segundos, reflete o conflito entre o Criador e seus Demiurgos (ou espíritos delegados, na tradição gnóstica).

Na tradição gnóstica, Deus “pensa” o universo e seus Demiurgos o constroem. Em dado momento esses “anjos de luz” tornam-se rebeldes e passam a reivindicar do Criador uma posição semelhante á dele. Essa é a Rebelião de Lúcifer, a que se refere à Bíblia. É o conflito que está presente em praticamente todas as tradições religiosas dos povos antigos, e foi o conteúdo trabalhado na alegoria do Mestre Hiram, e seu assassinato pelos Jubelos. Esse é, na verdade, o conteúdo esotérico do grau de Companheiro.

Segundo a compilação feita por Ambelain, esse é verdadeiro significado da Lenda de Hiram, o fundidor das colunas do Templo do Rei Salomão, lenda essa divulgada pelos cultores da seita cainita, a partir de uma interpretação cabalística dos textos bíblicos. Cremos ter sido essa alegoria que os “maçons aceitos”, de origem rosacruziana, adaptaram para os rituais maçônicos do terceiro grau simbólico. É no desdobramento dessa lenda que se assentam o simbolismo que faz de Hiram, o Mestre assassinado e regenerado em cada maçom que é exaltado á mestria, o ponto central da escatologia maçônica.

É, portanto, uma lenda que cheira claramente á heresia, tendo em vista as tradições bíblicas que fazem de Cain um assassino, um símbolo do crime e do mal. Nela, ao contrário, Cain aparece como arauto da ciência, do saber, do conhecimento, e Adonai, o Senhor, nas tradições bíblicas, é, na verdade, inimigo do homem, pois quer mantê-los nas trevas da ignorância. O nome de Hiram está conectado com a ciência, com o conhecimento dos segredos da natureza, com a energia que transforma os metais. Ele conhece, domina o fogo, transmuta os elementos. É uma lenda que serve tanto ás tradições alquímicas, cuja obra consiste na obtenção da pedra filosofal, sintetizando o processo pelo qual a natureza produz os elementos químicos, como á Cabala, prática esotérica que busca o segredo do universo através da síntese do número, (que corresponde ao Verdadeiro Nome de Deus); serve também ás tradições iniciáticas antigas, que procuram a integração dessa energia numa união final com Deus, o Principio Criador do universo; por fim, atende igualmente aos próprios anseios dos filósofos iluministas, religiosos ou não, que acreditavam na construção de uma sociedade justa e perfeita através de uma educação orientada para a prática das virtudes éticas e morais, já que para isso, era preciso criar um espírito novo, livre de

preconceitos, dogmas e vícios deformadores do caráter humano. (Um renascimento cultural).

Tudo isso equivalia a uma “depuração” da alma pelos mesmos processos utilizados pelas sociedades iniciáticas. Os “homens novos” que daí resultaria ergueriam “templos á virtude e cavariam masmorras ao vício”, construindo uma sociedade ideal, semelhantes ás utopias sonhadas pelos filósofos.

A lenda maçônica diz que surgiram três Companheiros invejosos e ambiciosos, que á força, quiseram arrancar de Hiram a palavra misteriosa que só os Mestres sabiam. Pretendiam com isso, ascender ao mestrado na arquitetura sem ter cumprido os trabalhos e provas necessários para essa elevação.

Queriam conquistar com violência aquilo que só o mérito lhes poderia conferir. Emboscando o Mestre, cercando as três portas do Templo, os Jubelos, designações dadas aos três Companheiros criminosos exigem que o Mestre lhes dê a Palavra Sagrada. Hiram nega-se e tenta escapar. Com os instrumentos de trabalho, a régua de ferro, o esquadro e o malho, os Jubelos ferem o Mestre, sucessivamente, na garganta (calando-lhe a voz), no peito, (ofendendo-lhe o coração), e na cabeça, (destruindo-lhe a razão). Após o crime tratam de fazer desaparecer o cadáver. Levam-no para o Monte Líbano e o enterram, fugindo depois, temerosos da conseqüência do seu ato. Salomão, notando a falta do seu arquiteto chefe, envia três Mestres á sua procura. Nada encontrando, despacha outros nove, os quais topam com um local onde a terra tinha sido recentemente removida.

Desconfiados, começam a remover a terra e logo encontram ali enterrado o corpo do Mestre Hiram. Marcam o local com um ramo de acácia e retornam para avisar o Rei Salomão. Trazido o corpo para o canteiro de obras do Templo, Salomão e seus Mestres lhe prestam as devidas homenagens e o fazem sepultar com as cerimônias ritualísticas apropriadas.

O nome Jubelos é uma designação que provavelmente foi inspirada nos descendentes de Cain, citados na Bíblia, Jubal e Jabel, como já se disse anteriormente. Não conhecemos nenhuma outra tradição ligada a esses nomes, razão pela qual só podemos deduzir que tal designação só pode ser proveniente de associações com os personagens acima citados, que aparecem na variante gnóstica da Lenda de Hiram, desenvolvidas, naturalmente, pelos métodos da Cabala. Esses nomes também podem ser originários do latim jubeo, que significa “eu mando, eu quero”.

O significado esotérico desse crime é aquele já referido, inspirado no Sepher-A-Zhoar. Os Jubelos são os rebeldes que se julgam os verdadeiros construtores, e querem, a todo custo ser ombreados aos seus superiores. Representam, simbolicamente, a Rebelião de Lúcifer. Esses anjos rebeldes, que deram origem á estirpe de Cain, só poderão ser redimidos através do processo escatológico que representa o Drama de Hiram.

Historicamente, também se poderia evocar o simbolismo dos cortadores de pedra para o Templo do Rei Salomão, os giblios, para explicar o crime dos Jubelos. Esses operários, citados na Bíblia como cortadores de pedras, eram estrangeiros para a tradição israelita. Por isso não podiam entrar no interior do templo, pois não conheciam as palavras de passe. Somente através do sacrifício ritualístico do Mestre Hiram é que eles puderam romper a barreira da tradição e ser admitidos na mestria maçônica, que em principio, só podia acolher israelitas de origem.

Mais importante que tudo isso, porém, é o significado moral dessa alegoria. O assassinato do Mestre Hiram simboliza a morte do homem pela violência e a ignorância dos tiranos. Com efeito, implantada a tirania, a primeira violência que se pratica contra o amante da liberdade é calar a sua voz, impedindo que

ele se expresse.

Depois, violenta-lhe o coração, ferindo-lhe os sentimentos, procurando destruir sua honra, seu nome, sua família, sua autoestima, ao mesmo tempo em que se lhe retira todo tipo de liberdade; por fim silenciam-no totalmente, ou pela ameaça da eliminação física, ou pelo próprio cumprimento da ameaça. Esse é o golpe fatal, na cabeça, que tira para sempre a razão, embora, como o Hiram da lenda, o homem assim violentado, sempre ressurgisse muito mais forte na razão que defendeu e no exemplo que deixou.

Nessa alegoria está o cerne do catecismo maçônico, como o quiseram figurar seus elaboradores, egressos que eram de uma era de obscurantismo, tirania e violência contra o espírito humano.

Esse episódio foi desenvolvido principalmente no catecismo preparado por Samuel Pritchard, denominado *Massonry Dissected*, de 1730. Ali se diz que o Templo de Salomão foi construído em sete anos e meio, mas seu remate foi perturbado pelo infausto acontecimento que foi a morte violenta do Mestre Hiram Abiff, o qual foi enterrado no interior da Loja, perto do templo. Essa lenda consta também dos Primeiros Catecismos Maçônicos já de uma maneira mais detalhada.

Uma outra analogia que pode ser feita com relação aos Jubelos é a teoria védica das gunas. Literalmente, guna significa corda, e pode ser entendida como os modos pelos quais a psique humana é construída, em cada encarnação, para amarrar-nos à matéria.

Existem três gunas, ou cordas, que nos prendem ao mundo de maya (a matéria). São elas a Sattva (a guna da bondade), a Rajas (a guna da paixão) e a Tamas (a guna da ignorância).

O quanto estamos amarrados a uma delas é ditado pelo nosso modo de viver nas encarnações anteriores. Assim, um homem de vida dissoluta, entregue à preguiça, às drogas, enfim, um homem de escasso desenvolvimento espiritual está amarrado ao modo de Tamas, a guna da ignorância.

Por sua vez, um homem amarrado à matéria pela guna Rajas é um homem que só vive pelas paixões, pelo desfrute, pelos prazeres materiais. Todavia, o homem nessa condição já apresenta certo desenvolvimento espiritual, pois a ânsia pelos prazeres, pelo reconhecimento, pelas riquezas, pelo prestígio social, provocam nele uma preocupação com a própria honra, com a aquisição de certo refinamento intelectual, certa educação etc. Essa preocupação, se devidamente desenvolvida e orientada, possibilitará que ele renasça ao modo de Sattva, que é o modo da bondade, do conhecimento, da busca da elevação espiritual. Essa é a última etapa do desenvolvimento humano, porém não garante uma superação do processo kármico. O homem Sattva, se acreditar que atingiu um estágio de perfeição pode tornar-se por demais arrogante, pretensioso e ao invés da superação natural que essa fase proporciona, ele regride.

Ultrapassadas, entretanto, essas três etapas, o homem poderá iniciar o seu processo de purificação definitiva, livrando-se da Sansara, que é o longo processo de nascimentos e mortes, ou repetidas transmigrações de um corpo para outro, a que a jiva (mente) é submetida no seu processo de desenvolvimento.

A analogia com o simbolismo dos três Jubelos da Lenda de Hiram é que, no processo de desenvolvimento do espírito humano, as três gunas tem sido consideradas os três traidores do homem. A submissão da alma humana a uma delas condena sempre a um nascimento em condição inferior. O objetivo de toda e qualquer disciplina de aperfeiçoamento espiritual deve ser a superação dessas três modalidades de gunas, transcendendo-as, liberando a mente de suas influências, para poder elevar-se acima das fatalidades kármicas. Note-se que o desenvolvimento do Drama de Hiram nos graus superiores do Rito Escocês tem justamente essa finalidade. Procura-se primeiro o reconhecimento da própria morte

da “consciência”, representada pelo Mestre Hiram, depois se busca descobrir, prender e justificar seus assassinos, para, somente após sua destruição, adquirir-se a sabedoria que liberta. E aí, de posse da Gnose libertadora, está o irmão apto a procurar a Palavra Perdida, chave da vida e do conhecimento.

O GRAU DE MESTRE IDEAL

Ao atingir o 3º. Grau da Maçonaria, o Maçom torna-se Mestre e possui – ritualmente – a iniciação integral. Os altos graus não lhe trarão nada de novo, pois nada mais são do que desenvolvimento, ampliações do 3º. Grau. Poderíamos dizer que, em certos casos, eles podem representar uma diminuição, caso ocasionando apenas num sentimento de vaidade.

O Maçom, o Mestre, está livre das contingências; ele evolui num plano puramente espiritual. Se os ritos iniciáticos tiverem sobre ele seu pleno efeito, e ele foi verdadeiramente transformado, ele se tornou um “novo ser” O grau de Mestre implica uma transformação total e profunda do comportamento. O Mestre deve ser muito orgulhoso de si mesmo para ignorar a vaidade. O verdadeiro Maçom, o Mestre, em toda a sua transcendência, tende para o conhecimento do Absoluto, junto ao qual desaparecem, pouco a pouco, todas as relatividades da existência material e do pensamento.

Todo o Mestre deve ser um condutor da Paz, certo em julgar, lutar contra injustiças, respeitando a todos sem nenhuma distinção.

O LADO OCULTO DAS REUNIÕES DE LOJA

Consideremos o lado oculto de uma reunião de uma Loja mais especificamente, o encontro semanal comum onde a Loja está seguindo uma linha de estudo definida. Refiro-me, é claro, somente aos encontros dos membros da Loja, pois os efeitos ocultos que desejo descrever é de todo impossíveis quando se trata de quaisquer reuniões em que são admitidos não-membros.

Naturalmente o trabalho de toda Loja tem seu lado público. Há palestras dadas ao público, e se concede espaço para que perguntem coisas; tudo isso é bom e necessário.

Mas toda Loja que é digna de seu nome também faz algo muito mais elevado do que qualquer outro trabalho no plano físico, e este trabalho mais elevado só pode ser feito em seus encontros privados. Além disso, ele só pode ser realizado se estes encontros são conduzidos de forma apropriada e todo harmoniosa. Se os membros estão pensando em si mesmos de qualquer modo se eles têm vaidades pessoais expressas como o desejo de brilhar ou de tomar parte proeminente nos trabalhos; se possuem outros sentimentos personalistas, de modo que possam sentir-se ofendidos ou afetados por inveja ou ciúme, possivelmente nenhum efeito oculto poderá ser produzido.

Mas se eles se esqueceram de si mesmos no anseio ardente de entender o assunto que está sendo estudado, um resultado muito considerável e benéfico, do qual eles usualmente não têm a menor ideia, pode prontamente ser produzido. Deixem-me explicar a razão disto.

Suponhamos que se realize uma série de encontros onde está sendo estudado um determinado livro. Todo membro saberá de antemão quais parágrafos ou páginas serão abordados no encontro, e espera-se que ele não chegue à reunião sem uma preparação prévia. Ele não deve estar em uma atitude completamente passiva, como um passarinho em seu ninho à espera que alguém vá alimentá-lo; ao contrário, todos os membros devem ter uma compreensão inteligente do assunto que vai ser analisado, e devem estar preparados para contribuir com sua parte de informação. Um bom plano é que cada membro do círculo

faça-se responsável pelo exame de alguns dos nossos livros Teosóficos.

O assunto a ser debatido no encontro deve ter sido anunciado no encontro anterior, e cada membro deve responsabilizar-se pela procura, no livro ou nos livros de que se encarregou de qualquer referência ao assunto em questão, de modo que quando chega ao encontro ele já possui todas as informações que aqueles livros particulares contêm a este respeito, e está preparado para contribuir quando for solicitado. Deste modo cada membro tem seu trabalho a fazer, e cada um é grandemente auxiliado na direção de uma compreensão clara e plena do assunto sob consideração quando todos os presentes fixam firmemente sua atenção sobre ele. A fim de entendermos isso completamente pensemos por um momento no efeito de um pensamento.

Todo pensamento que seja suficientemente definido para ser digno do nome produz dois resultados distintos. Primeiro, ele é por si mesmo uma vibração do corpo mental, que pode ocorrer em diferentes níveis dentro deste corpo. Assim como qualquer outra vibração, ele tende a reproduzir-se na matéria circundante. Assim como a corda de uma harpa posta a vibrar comunica a vibração ao ar em torno, produzindo um som audível, da mesma forma a vibração do pensamento produzida em matéria de determinada densidade dentro do corpo mental da pessoa comunica-se à matéria da mesma densidade no plano mental que a rodeia.

Segundo, cada pensamento rodeia a si mesmo da matéria viva do plano mental e torna-se um veículo que denominamos forma-pensamento. Se o pensamento é um simples exercício do intelecto (como quando estamos envolvidos na resolução de um problema matemático ou geométrico) a forma-pensamento permanece nos planos mentais; mas se ela for minimamente tingida de desejo ou emoção, ou se de qualquer maneira for ligada ao eu pessoal, imediatamente ela atrai para si também uma veste de matéria astral, e se manifesta no plano astral.

Um esforço intenso para compreensão do abstrato - uma tentativa de compreender o que significa a quarta dimensão ou o "arquétipo" de uma mesa, por exemplo - significa uma atividade nos níveis mentais mais altos; mas se o pensamento é mesclado de afeição altruísta, elevadas aspiração ou devoção, é mesmo possível que possa ser penetrado de uma vibração do plano búdico e ter seu poder multiplicado centenas de vezes. Devemos considerar estes dois resultados em separado e ver o que decorre de cada um.

A vibração pode ser imaginada como se irradiando no plano mental através da matéria que for capaz de responder a ela - isto é, através de matéria do mesmo grau de densidade que aquela onde ela foi gerada originalmente. Irradiando-se desta forma ela naturalmente entra em contato com os corpos mentais de muitas outras pessoas, e sua tendência é reproduzir-se nestes corpos. À distância a que ela é capaz de se irradiar depende em parte da natureza da vibração e em parte da oposição que encontra. As vibrações misturadas aos tipos mais baixos de matéria astral podem ser refletidas ou neutralizadas por uma multidão de outras vibrações no mesmo nível, assim como no meio do ruído de uma grande cidade um som suave será completamente abafado.

O pensamento autocentrado usual do homem comum inicia no mais baixo dos níveis mentais e imediatamente mergulha nos planos astrais correspondentemente baixos. Portanto seu poder em ambos os planos é muito limitado, pois por mais violento que seja, existe um mar tão vasto e turbulento de pensamentos similares em toda parte que as vibrações muito logo se perdem e dissipam na confusão.

Uma vibração gerada em um nível mais alto, contudo, tem um campo muito mais livre para sua atuação, porque no presente o número de pensamentos que produzem este tipo de vibração é muito reduzido - de fato o pensamento Teosófico está quase em uma classe especial no que diz respeito a este ponto de vista.

Há pessoas realmente religiosas cujo pensamento é tão elevado quanto o nosso, mas nunca é igualmente preciso e definido; há vasto número de pessoas cujos pensamentos sobre negócios e ganho de dinheiro são tão exatos quanto poderia ser desejado, mas não são nem elevados nem altruístas. Até mesmo o pensamento científico pouco alcança a mesma classe que o verdadeiro pensamento Teosófico, de modo que se pode dizer que nossos estudantes possuem um campo só para eles no mundo mental.

O resultado disso é que quando uma pessoa pensa em assuntos Teosóficos ele está emitindo a toda sua volta uma vibração que é muito poderosa, pois praticamente não encontra oposição, como um som no meio de um vasto silêncio, ou como uma luz brilhando no meio da noite mais escura. Ela põe em movimento um nível de matéria mental que até agora mui raramente é usado, e as radiações que ela causa atingem o corpo mental do homem comum em um ponto que está praticamente adormecido.

É isso que dá a este pensamento seu valor especial, não só para o pensador, mas como para os que estão à sua volta, pois sua tendência é despertar e levar à atividade uma parte todo nova do aparato pensante. Deve ser entendido que uma tal vibração não necessariamente veicula pensamentos Teosóficos aos que os ignoram, mas ao estimular esta porção mais alta do corpo mental indubitavelmente ela tende a elevar e liberalizar o pensamento da pessoa como um todo, ao longo de quaisquer linhas em que ele esteja acostumado a funcionar, e assim produz um benefício incalculável.

Se o pensamento de uma única pessoa produz estes resultados, logo entenderemos que o pensamento de vinte ou trinta pessoas, dirigido para o mesmo assunto, resultará em uma força imensamente maior. O poder do pensamento unificado de um grupo de pessoas é de longe maior que a soma dos seus pensamentos em separado, seria muito mais fielmente indicado pelo produto de sua multiplicação.

Assim se vê que mesmo só deste ponto de vista é muito bom que uma cidade ou comunidade tenha em seu meio uma Loja Teosófica com encontros regulares, uma vez que seus trabalhos - se forem conduzidos no espírito apropriado - não podem senão ter um efeito nitidamente elevador e enobrecedor sobre o pensamento da população em torno. Naturalmente haverá muitas pessoas cujas mentes ainda não podem de modo algum ser despertadas nestes níveis elevados, mas mesmo para estas o constante impacto de ondas desse pensamento mais elevado trará para mais perto o tempo de seu despertar.

Tampouco devemos esquecer o resultado produzido pela formação de formas-pensamento definidas. Elas também irradiarão a partir do centro das atividades, mas podem afetar apenas as mentes que em algum grau já forem responsivas a ideias desta natureza. Hoje em dia já existem muitas destas mentes, e há membros que podem atestar o fato de que depois de terem discutido uma questão como a reencarnação não é incomum que sejam solicitados a dar informações sobre este mesmo assunto para pessoas que eles não supunham estar nele interessadas anteriormente.

Deve ser observado que a forma-pensamento é capaz de veicular a natureza exata do pensamento para aqueles que estiverem de alguma forma preparados para recebê-la, ao passo que a vibração do pensamento, embora alcance um círculo maior, é muito menos definida em sua atuação.

Podemos ver, assim, que sobre o plano mental é produzido um efeito impressionante, muito além das intenções de nossos membros no decurso usual de seus estudos - algo muito maior, em verdade, do que seus esforços conscientes no sentido de propaganda jamais produziriam. Mas isso não é tudo, pois a parte mais importante ainda está por vir. Toda Loja da Sociedade é um centro de interesse para os Grandes Mestres de Sabedoria, e quando ela trabalha lealmente Seus pensamentos e os de Seus discípulos freqüentemente se voltam para ela.

Desta forma freqüentemente uma força muito maior do que a nossa brilha de nossos encontros, e uma influência de valor inestimável pode ser focalizada onde, até onde sabemos, não poderia ser colocada de outra maneira.

Este pode, de fato, parecer o limite que nosso trabalho pode alcançar, mas há outra coisa ainda maior. Todos os estudantes do oculto sabem que a luz e vida do Logos inundam todo o Seu sistema - que em todos os planos é derramada a manifestação específica e apropriada de Sua força. Naturalmente quanto mais elevado o plano menos velada é a Sua glória, porque quanto mais subimos mais nos aproximamos de sua fonte. Normalmente a força derramada em cada plano fica estritamente limitada a ele, mas ela pode descer e iluminar um plano mais abaixo se for preparado um canal especial para ela.

Um destes canais é fornecido sempre que um pensamento ou sentimento tenha um aspecto completamente impessoal. Uma emoção egoísta se move em uma curva fechada e assim traz sua resposta em seu próprio plano, uma emoção completamente altruísta é um jorro de energia que não retorna, mas em seu próprio movimento ascendente provê um canal para o derramamento de poder divino a partir do plano imediatamente acima. Esta é a realidade que jaz por trás da antiga ideia da resposta às preces.

A pessoa que se ocupa seriamente do estudo das coisas superiores durante este tempo é elevada inteiramente acima de si mesma e gera uma poderosa forma-pensamento no plano mental. Esta é imediatamente empregada como um canal pela força que paira no plano imediatamente acima. Quando um grupo de pessoas se reúne em um pensamento desta natureza, o canal que elas criam é em sua capacidade desproporcionalmente maior do que a soma de seus canais separados; um encontro destes é, portanto uma bênção inestimável para a comunidade onde ocorre, pois através dele (mesmo nos encontros mais comuns de estudo, quando se analisam assuntos como rondas e raças, pitris e cadeias planetárias), pode acontecer um derramamento para dentro do plano mental inferior de forças que normalmente são características do mental superior.

Se a atenção é dirigida para o lado mais elevado do ensinamento Teosófico e estudam-se questões de ética e do desenvolvimento da alma, como as que encontramos em *A Luz no Caminho*, *A Voz do Silêncio* e nossos outros livros devocionais, ela pode criar um canal de pensamento mais elevado através do qual a força do próprio plano búdico desce até o mental, e assim se irradia e influencia para o bem muitas almas, que de modo algum estariam abertas para isso se a força permanecesse em seu próprio nível.

Esta é a função real e maior de uma Loja da - prover um canal para a distribuição da vida divina, e assim temos outra ilustração para nos mostrar o quão maior é o invisível do que o visível. Para os fracos olhos físicos tudo o que se vê é um pequeno grupo de estudantes se encontrando semanalmente no anseio ardente de aprender e se qualificar para ser de utilidade para seus irmãos. Mas para os que podem ver mais do mundo, desta pequena raiz brota uma flor gloriosa, pois não menos que quatro poderosas correntes de influência se irradiam daquele centro aparentemente insignificante - a corrente da vibração do pensamento, o grupo de formas-pensamento, o magnetismo dos Mestres de Sabedoria, e a poderosa torrente de energia divina.

Eis também aqui um exemplo da importância prática de um conhecimento do lado invisível da vida. Pela falta deste conhecimento muitos membros se tornam relapsos no desempenho de seus deveres, descuidados na assiduidade aos encontros da Loja, e assim perdem o privilégio inestimável de se tornarem partes de um canal para a Vida Divina. De fato tenho ouvido falar de alguns membros que são irregulares em sua frequência porque consideram as reuniões enfadonhas, e acham que não ganham muito com elas! Estas pessoas ainda não compreenderam o fato elementar de que eles se reúnem não para

receber, mas para dar; não para ganhar e se divertir, mas para assumirem seu lugar em um trabalho grandioso para o bem da humanidade.

Existe um lado invisível em tudo, e viver a vida de um ocultista é estudar este lado interno mais elevado da natureza, e então adaptar-se a ele de modo inteligente. O ocultista olha para o todo de cada assunto que aborda, em vez de apenas para sua parte mais baixa e menos importante, e assim organiza suas ações de acordo com o que vê, em obediência ao que ditam o simples bom senso e a Lei de Amor que guia o universo. Aqueles, pois, que querem estudar e praticar ocultismo deve desenvolver em si mesmos três características inestimáveis - conhecimento, bom senso e amor.

A Teosofia não deve representar meramente uma coleção de verdades morais, um feixe de éticas metafísicas epitomizadas nas dissertações teóricas. A Teosofia deve ser prática, e, portanto deve ser livre de discussões inúteis. Ela deve encontrar expressão objetiva em um vasto código da vida completamente impregnado com seu espírito - o espírito da tolerância mútua, caridade e amor.

O Maço e o Cinzel

O Maço é uma das três joias móveis, acompanhando na trilogia, o Cinzel e a Pedra Bruta. Morfologicamente, não passa de um martelo de proporção maiores, maçonicamente derivado do malhete.

O Maço e Malhete têm em comum o material e a forma de como são elaborados, isto é, ambos feitos de madeira, possuindo “testa” e “cabo”. O malhete é símbolo exclusivo do Venerável Mestre e seus Vigilantes, por simbolizar a autoridade, o Maço é um instrumento de trabalho do Aprendiz. Este simboliza a vontade que existe em todos os homens e que precisa ser canalizada eficientemente para que não se apresente como esforço inútil.

O Maço tem sua origem primitiva no “braço e punho” do ser humano e expressa um dos primeiros atos de inteligência e por esse motivo é que se diz que o maço simboliza a inteligência.

Na Maçonaria, o Maço destina-se exclusivamente, ao desbastamento ou esquadrejamento da Pedra Bruta. O Maço bate sobre o Cinzel sem provocar faíscas e calor, mas apenas o seu som característico abafado. A batida faz com que o Cinzel por sua vez, fira a pedra produzindo energia propagadora. Essa energia o Aprendiz também recebe quando é atingido pelo Cinzel e Maço impulsionado pelo Grande Arquiteto do Universo.

O Ritual determina dois deveres ao Primeiro Vigilante: Ver se o Templo esta coberto e verificar se os presentes são maçons.

Para essa verificação ele percorre as Colunas fixando os Maçons e em especial os Aprendizes dos quais é responsável.

Nesse exame, os seus olhos “desnudam” os Maçons presentes, pondo a vista às suas pedras e constata se estão devidamente desbastadas; busca nos Aprendizes examinar em que estado se encontram. Todos, para essa verificação se põem de pé, com o sinal característico de Aprendiz; com isso o Primeiro Vigilante constata se os instrumentos simbolicamente demonstrados através do sinal “gutural” estão em “atividade”, ou seja, se o desbastamento das Pedras Brutas prossegue.

O Maço representado pelo braço e punho “abre-se” para fazer surgir o Esquadro, formado pelo polegar e indicador de sua mão direita; o Cinzel é simbolizado pelo braço esquerdo caído ao lado do corpo.

O Maço é o poder, é a força. O Maço é a Ação.

Se no plano físico, a régua tivesse traçado as linhas e o Cinzel estivesse pronto para realizá-los na pedra, mas faltasse a força no braço do Obreiro, o trabalho consciencioso da régua e as qualidades de penetração do Cinzel de nada serviriam, a obra não seria realizada. O Maço é a impulsão que leva para frente. O Maço é a energia, a força e a decisão que se fazem necessárias para que o Aprendiz preserve seu trabalho, não esmorecendo a primeiro revés que a “pancada” reduza suas ignorâncias e paixões. Quando utilizado de forma desordenada, o Maço pode se transformar em uma poderosa ferramenta de destruição, mas seu uso disciplinado o faz um instrumento indispensável.

O Cinzel é um instrumento utilizado para trabalhos que exijam apuro e precisão, formado por uma haste de metal em que um de seus lados é perfuro-cortante e o outro apresenta uma cabeça chata própria para receber o impacto de uma ferramenta contundente.

O nome correto do Cinzel considerando a sua função seria “Escopro”, do latim “scalprum”, derivando a palavra “esculpir”.

Cinzel é a raiz de “cinzelado”, que significa “trabalhado ou executado com delicadeza”.

O Cinzel não funciona isoladamente, enquanto o Maço pode assim atuar, se transformado em instrumento de destruição.

Ao erguer o Maço o Aprendiz já sabe de que esforço necessita para que o Cinzel cumpra sua tarefa ativa.

O Cinzel recebe o impacto do Maço, dirigindo a força recebida de forma útil e ordenada, simbolizando o discernimento, a inteligência que dirige a força de vontade.

O que representa o Cinzel? Corresponde ao 2º Vigilante, porque como este representa o elemento da Beleza, o Cinzel é o instrumento com que o maçom cinzela a pedra bruta, nela criando linhas superficiais e molduras para o embelezamento da construção.

Simbolicamente, modela o espírito e a alma de acordo com os mandamentos da sabedoria milenar, representa as nossas faculdades morais e espirituais, subordinadas ao nosso saber e à nossa prudência.

Sem o desenvolvimento dessas forças, o Maçom não poderia dar feição à sua própria natureza. Esse Cinzel Maçônico deve ter fio e têmpera capazes de um esforço grande e tenaz, isto é, o Maçom deve ter sentimentos generosos, mente sã, fé profunda, austeridade e capacidade de sofrimento.

As ferramentas do Aprendiz formam o sagrado triangulo em que a Loja assenta os seus fundamentos: SABEDORIA que orienta, FORÇA que impele, e BELEZA que executa.

O Maço(vontade) e o Cinzel (inteligência), por si só não garantem um trabalho eficiente, mas a associação de ambos nos certifica que Vontade e Inteligência, Força e Talento, Ciência e Arte, Força física e força intelectual, quando aplicadas em doses certas, permitem que a pedra bruta se transforme em pedra polida.

O Paine de Mestre

Ao depara-se com os três grandes vícios, personificados por J.‘., J.‘. e J.‘.e reconhecê-los, o Iniciado

sucumbe. Em uma primeira e grosseira interpretação, a Morte pode traduzir-se como o final, o caos, a desordem; porém em uma análise mais profunda deve-se compreender que ela é apenas a configuração da finalização definitiva de um ciclo que dará lugar a uma nova fase. Neste estágio devemos entender que estamos face a face com a total irrevocabilidade de nossa perda, isto é, que a partir de então, seremos obrigados a abandonar um padrão limitado de comportamento, em favor de uma visão mais plena e satisfatória do universo que nos cerca e do qual fazemos parte.

Uma luta se estabeleceu, a vida material foi mais fraca e cedeu lugar a morte. Isto significa que agora é preciso abandonar o passado, concentrarse no presente para vislumbrar o futuro. Futuro que deve ser estabelecido no equilíbrio exato entre o passivo e o ativo, na conciliação dos antagônicos, para resultar no encontro do caminho do meio.

Através da dualidade (2) somada ao ternário (3), atingimos o primeiro lampejo do caminho que deveremos seguir, o caminho interior para melhor agir. A força interior brota e encontramos a estrela flamejante, podemos reconhecer, portanto o homem perfeito que tendo integrado em si os quatro elementos, torna-se consciente da quintessência.

Os utensílios de trabalho servem agora para medir a nova maneira de agir. O malho nos ensina a derrubar os obstáculos e superar as dificuldades através de um raciocínio correto que nos faz agir e perseverar. Com o prumo aprendemos a aprofundarmo-nos no conhecimento e com o nível a considerar todas as coisas com igual serenidade. Deste modo, nos tornaremos capazes de aplicar tudo o que sabemos em nossas relações com o Cosmo.

Quando aptos a manejar os utensílios de maneira eficaz temos a permissão para atravessarmos o portal e nos encontrarmos com nosso Mestre Interior. Ele nos orientará a conhecer a Realidade Verdadeira que está acima do mundo das ilusões (mundo de Maya). A Câm.' do M.' é a imagem do laboratório onde se operam as transformações infinitas. Nela se opera a iluminação intelectual, diante da qual tudo é reduzido à sua verdadeira dimensão.

Dois caminhos de libertação abrem-se diante do Mestre: o caminho da sabedoria, para os que estão dispostos a meditar e o caminho da ação para os que preferem agir sem apego. Entretanto, devemos compreender que esses dois caminhos são um só, porque ninguém se liberta da escravidão do agir pelo fato de não agir e ninguém atinge a perfeição interior só por desistir da atividade externa.

Ao descer as profundezas da morte, podemos nos tornar seres despertos, abençoados pelas influências espirituais, refletindo e expressando-as de um modo atemporal, perene e continuamente renovado. É quando a c.'s.'d.'oo.' que encontramos o princípio e o fim, que justificam as peregrinações simbólicas.

É o lugar, situado ao pé do espírito, onde, depositamos nossos ossos, sacralizando nossa existência; lugar este de renúncia e de passagem a um outro mundo. Esses oo.' não são senão o símbolo da nudez da Idéia, e neles se encontra o suporte ou a semente da regeneração do homem. As tíbias cruzadas assinalam, em sua interseção, o simbolismo de um mundo novo, que com a morte, transformamos em ato, em relação a todos os mundos. Desde modo, já não podemos julgar a partir da exterioridade, aceitando definitivamente um modo de ser que tem a ver com a entrega sem explicações porque o telúrico e o celeste aqui se unem. Faz-se necessário separa para unir, negar o mundo das ilusões, para entregar-se ao mistério. Se tudo faz parte do Si mesmo para voltar ao Si mesmo, é assim que pode ocorrer a entrega.

Podemos então através do trabalho sobre nossas energias harmonizadas e integradas com o Macrocosmo

atingir a V.'L.'. e eis que encontramos o M.'P.', aquele que compreende que não foi ele que se entregou, mas o que foi acolhido. Torna-se, portanto o Ressuscitado, que a Divindade resgatou, quando tudo parecia perdido.

Poderá deste modo, trabalhar com as ferramentas utilizando-as sempre com j.' e p.'. exatidão, agora no plano mental, porque não se compraz de nenhum fruto de seu trabalho nem se apegar a objeto algum da natureza; habita sempre sereno, na paz do seu Eu, porque sabe que não é ele que age, mesmo quando realiza alguma obra.

Transpondo o esquiife adquire finalmente a Plena Consciência de que para encontrar a Suprema Realidade, o G.'A.'D.'U.', não é necessário que o homem saia do mundo dos fenômenos transitórios, como pensam os dualistas, mas que penetre profundamente no último reduto desse mundo e descubra o Invisível nos visíveis, o Eterno nos temporários, a Realidade no meio das aparências, o Criador em todas as criaturas. Essa é a gloriosa conquista dos Iluminados, verem a Deus em todas as suas obras, só então a a.'n.'s.'c.'..

O TEMPLO

O Templo é um espaço esotérico, formado pela união livre de maçons, sendo cada um considerado simbolicamente uma Pedra edificante. Maçonicamente é o lugar onde se reúnem as lojas ou trabalham os irmãos em Loja, cujo propósito simbólico é receber a Luz que os iluminará no aperfeiçoamento de si próprios e da humanidade.

Na acepção maçônica a adoção mítica do Templo de Salomão é simbolicamente a imagem e representação do universo e de todas as maravilhas e perfeições da criação. Ele não deve ser considerado nem na sua realidade histórica, nem na sua acepção religiosa mas apenas na sua significação de alcance magnífico: a do Templo ideal jamais terminado.

À semelhança da generalidade de construção dos Templos, a sua forma é a de um quadrado longo (simbolismo do mundo ideal), cujo comprimento vai do Oriente (nascimento aparente do Sol; em alusão ao Tabernáculo do povo de Israel em demanda pelo deserto; no Templo de Salomão é o lugar onde se encontrava o Santuário; pelo Oriente ser reconhecido pelos ocidentais como o manancial da Sabedoria), ao Ocidente (num Templo constitui a entrada vindo do lado obscuro para a luz; esta orientação estabelece-se desta forma, por se crer na existência de uma outra corrente de forças, perpendicular á existente entre o Equador e os pólos), a largura do Meio Dia (hora simbólica do início dos trabalhos maçônicos), ao Setentrião (lado alegórico correspondendo à coluna do Norte) e a altura do Zênite ao Nadir (simbolicamente representam a energia ascendente e descendente que atravessa cada maçom).

A orientação do Templo deve ser no sentido este-oeste, (ficam assim completas as dimensões simbólicas da Loja, e cujo significado representa a Maçonaria Universal). A entrada é estabelecida por duas colunas: - Booz e Jachim, que simbolicamente significam "Deus se estabelecerá em força". Elas assinalam os limites do Mundo criado. Os limites entre o mundo profano e o religioso. São a antinomia dos extremos de um simbolismo que tende para um equilíbrio que jamais será conseguido. Elas representam permanentemente duas forças opostas, o Sol (representando a razão divina) e a Lua (a imaginação que reveste as ideias numa forma apropriada) a vida e a morte, o mal e o bem, o calor e o frio, etc, etc. Resumidamente não se pode constituir uma coluna sem a outra.

Existem ainda outras duas colunas simbólicas: - a Coluna do Sul e a Coluna do Norte. Na primeira

sentam-se os Companheiros (para aqui receberem a instrução a cargo do 1.º Vig.:. Ousam sentar-se neste lugar por lhes ter sido dada parte da Luz e portanto já não se encontram totalmente sob o domínio da escuridão) e na segunda os Aprendizés (iniciados nos Sagrados Mistérios da Maçonaria, ainda se encontram na escuridão, esta coluna é simbolicamente a menos iluminada, por tal motivo, é nela que os Aprendizés se sentam e recebem a sua instrução, a cargo do 2.º Vig.:, com o objectivo de progressivamente irem recebendo a Luz).

Os Mestres e os Visitantes, podem sentar-se em ambas as colunas, pois já receberam a Luz. Podem sentar-se no Oriente os Mestres Instalados, sempre que o Venerável o solicite. Representando o Templo a imagem do Universo, as suas medidas não podem ser equitativamente definidas.

A essência simbólica das Lojas, é sustentada por três grandes pilares:

A Sabedoria personificada no Venerável, a ele lhe cabe a responsabilidade de conduzir os propósitos espirituais da sua Loja.

A Força representada no 1.º Vigilante, constitui simbolicamente o sustento de todas as nossas dificuldades e por fim

A Beleza, personificada no 2.º Vigilante, confere a beleza interior que cada homem deve possuir.

Estes devem situar-se em esquadro nos ângulos do quadrado longo, respectivamente. o Venerável no ângulo Oriente / Meio Dia; o 1.º Vigilante no ângulo Ocidente / Setentrião e o 2.º Vigilante no ângulo Ocidente / Meio Dia.

Deve considerar-se simbolicamente o Templo, como o local ideal onde cada maçom combate os seus vícios profanos. O Templo torna-se na realização material da Loja em que cada sessão é, a consolidação espiritual dos Iir.: à Glória do Grande Arquitecto do Universo.

A Loja passa simbolicamente a representar um local de harmonia e simultaneamente um ponto de encontro entre o Céu e Terra. Nela se estabelece a harmonia entre a Razão Universal (como atributo divino), a Natureza (como dádiva divina), e o Homem Maçom (como interveniente). Todos os atributos divinos estão simbolicamente representados na Loja, sob a forma de ornamentos e utensílios.

Além da forma, extensão e orientação própria, a Loja deve conter os Ornamentos, dos quais faz parte o Piso Mosaico (em clara alusão às diferenças, mas unidas por um mesmo cimento, representando assim a união livre de todos os Maçons do globo. Pode dizer-se ainda que ele representa no Templo, a continuidade da dualidade estabelecida pelas Colunas Jachim e Booz, deduzindo-se daí, que ele constitui uma advertência ao Maçom, entre o Bem e o Mal, características inerentes à existência terrestre), a Estrela Flamejante ou Pentagrama .

Do Mobiliário fazem parte os Três Volumes da Ciência Sagrada (representando o ideal das condutas que cada Maçom deve possuir), o Esquadro (símbolo da Matéria) e o Compasso (símbolo do espírito). No 1.º Grau o Esquadro sobrepõe-se ao Compasso, é ainda o domínio da Matéria sobre o Espírito. Este domínio irá sendo sucessivamente contrariado até ao 3.º Grau, altura em que Compasso se sobrepõe ao Esquadro e o Maçom se torna Mestre, atingindo o último grau da Maçonaria (Lojas Simbólicas) ou de Iniciação. É o domínio do Espírito sobre a Matéria.

As Joias, além das insígnias próprias de cada grau e função em Loja, existem as Joias Móveis (porque passam de irmão para irmão de acordo com a sucessão dos cargos em Loja), respectivamente o Esquadro, (símbolo da Moralidade), o Nível (símbolo da Moralidade) e o Prumo (símbolo da Retidão e

da Justiça) e as Joias Imóveis, que integram o equipamento necessário à execução dos trabalhos em Loja.

Elas são imóveis por se acharem permanentemente expostas, solicitando à reflexão na divina natureza, traduzidas simbolicamente no Quadro de Traçar, no qual o Venerável projeta a Oficina que tem de transformar a Pedra Bruta (é a imagem alegórica do profano antes de ser instruído nos mistérios maçônicos; simboliza ainda a mentalidade rude do Aprendiz, cujas arestas ele aplaina e que lhe cabe disciplinar, educar e subordinar à sua vontade), tornando a numa Pedra Cúbica (que representa simbolicamente o Mestre Maçom). No Oriente por cima do Venerável, encontra-se o Delta Flamejante (simbolizando uma tripla força: Polo positivo, Negativo e o efeito da sua união), o Sol (lado ativo) e a Lua (lado passivo), estes formam com o Venerável Mestre, as Três Luzes da Loja.

Uma Loja fica Justa e Perfeita quando três a dirigem (Venerável, 1.º e 2.º Vigilantes), cinco a iluminam (os anteriores mais o Orador e o Secretário) e sete a tornam justa e perfeita (podendo ser mais dois Companheiros).

O TEMPLO DE SALOMÃO – A CONSTRUÇÃO

O objetivo de praticamente todas as escolas místicas e esotéricas é alcançar ou realizar primeiro a conversação com o Sagrado Anjo Guardião e depois a união total dos opostos dentro do ser. Esses ensinamentos sempre foram muito velados e a prática destinada a uns poucos escolhidos.

Há uma lenda maçônica sobre o construtor do Templo do Rei Salomão, Hiran Abiff, grande artífice, artesão capaz de manipular os elementos através do fogo. Vou colocar aqui apenas uma parte dessa lenda, resumidamente, abordando somente sobre a construção do templo. Essa lenda começa contando a história da criação do mundo, da divisão dos opostos, ou dos filhos de Caim (fogo/Sol/Lúcifer) e de seus contrários filhos de Abel (Seth/água/Lua/Jeová). Sempre o processo de criação é descrito a partir dessa separação de opostos. Conta a lenda, de forma simbólica e alegórica que dos filhos de Caim originaram as artes e ofícios voltados para o material e concreto, e dos descendentes de Seth voltados para a sabedoria divina, para o espiritual e o sacerdócio.

Hiran Abiff, também chamado o filho da viúva, era da linhagem de Caim, sendo Caim órfão de pai (Lúcifer), seus descendentes eram conhecidos como o filho da viúva e, sua linhagem do fogo, lhes concedia grande habilidade na arte de manipular os metais e construir. Por isso o Rei Salomão (descendente de Seth), quando da construção do Templo, chamou Hiran Abiff pra realizar essa tarefa. Foi uma das primeiras tentativas de união, já que uniriam forças durante o período da construção do Templo.

O templo tinha uma planta muito similar a tenda ou Tabernáculo que antes servia como centro de adoração ao Deus de Israel, com a diferença nas dimensões muito maiores. Dentro do templo, no Santo dos Santos seria guardada a Arca da Aliança. Também Hiran Abiff fundiu duas colunas de bronze e pôs estas colunas uma em cada lado do pórtico do templo, a da direita chamou-a Jaquim e a da esquerda Boaz. Segundo a lenda, quando Hiran terminou o templo, começou a fundir os diferentes vasos necessários ao serviço, de acordo com os desenhos de Salomão, agente de Jeová.

Mas a obra prima de Hiran, seria o "Mar Fundido", uma espécie de lavabo. Pela habilidade acumulada dos filhos de Caim, um edifício foi erguido onde Jeová ocultou-se "atrás do véu" e se comunicou unicamente com seus sacerdotes escolhidos, os filhos de Seth. O objetivo de Hiran era através do Mar Fundido "rasgar o véu" e abrir caminho para Deus a todo aquele que desejasse.

Com essa finalidade, ele enviou seus mensageiros para todas as partes do mundo, para recolher os metais com os quais os filhos de Caim sempre tinham trabalhado. Com seu martelo triturou-os e lançou-os em uma fornalha ardente para extrair alquimicamente e de cada partícula, a quintessência do conhecimento obtido nessa experiência de trabalho. Desse modo, a quintessência desses diversos *metais básicos* formaria um sublimado conhecimento espiritual, incomparável em potência e mais valioso do que todas as coisas da Terra.

Sendo de máxima pureza, não conteria nenhuma cor, mas se assemelharia a um "mar de vidro". Todo homem que aí se lavasse, seria dotado de perpétua juventude. Filósofo algum poderia comparar-se com ele em sabedoria; este conhecimento da "pedra branca" o capacitaria a erguer o véu que separa o homem do divino. Mas conta a lenda que Hiran não conseguiu fundir o Mar de Vidro e terminá-lo.

Verificamos que a construção do Templo de Salomão se refere ao processo alquímico da união dos opostos, do trabalho com o fogo para retirada da quintessência do "conhecimento". E pode ser equiparado ao mesmo processo dos alquimistas na busca da pedra filosofal.

No livro *Mysterium Coniunctionis*, Jung diz: "O par de opostos que devem ser unidos em geral é derivado do quaternio (grupo de quatro) dos elementos, a saber: fogo, ar, água e terra. A síntese do um incorruptível, ou respectivamente da Quintessência, se realiza de acordo com o Axioma de Maria (símbolo do quarto elemento, a terra, mãe/nutriz). O estado de separação cheio de inimizade da parte dos elementos corresponde ao caos e às trevas. Das sucessivas uniões provêm um "agente" (ativo/masculino), um "paciente" (passivo/feminino), como também um intermediário, um ambivalente, a saber, o Mercúrio.

Entre o fogo e a terra não reina nenhuma interação, e por isso os quatro não formam um círculo, isto é, nenhuma totalidade." (...) A coniunctiu nem sempre representa uma união imediata e direta, porque necessita de certo meio, ou respectivamente se acha em tal meio, conforme o axioma: "Não ocorre à passagem a não ser por um meio". O Mercúrio é o meio de união. Ele é "aquela alma" (anima) que constitui a mediadora entre o corpo (terra) e o espírito(fogo)." e segue: "(...) A combinação dos elementos, como também a síntese final do masculino e do feminino, significa um êxito da arte, isto é, um produto do esforço consciente. O resultado da composição é entendido pelo adepto corretamente como "*autoconhecimento*", sendo esse necessário para a preparação da *pedra filosofal*.

Mas esse "cognitio sui ipsus - conhecimento de si - mesmo", segundo Jung, distancia-se do preconceito moderno de que autoconhecimento significa nada mais do que o conhecimento do "eu", muito pelo contrário, o alquimista concebia o "*si-mesmo*" como uma substância incomensurável, que não pode ser comparado em medida com o eu.

Ora, o autoconhecimento não significa outra coisa senão a tomada de "consciência do Self (Centelha)".

Como já foi visto as colunas do templo de Salomão representam os dois pilares da Árvore da Vida, da Misericórdia (Jachim/masculino) e da Severidade (Boaz/feminino), a porta de entrada do templo entre os pilares representa o pilar do meio (neutro), que leva ao Santo dos Santos (Tiphereth). Essas energias opostas das sephiroth ou esferas nos respectivos pilares, somente podem ser conciliadas no pilar do meio, gerando uma terceira coisa, ou síntese dos elementos contrários.

Naturalmente percebemos que todo esse processo simbólico se relaciona com as nossas próprias energias, com o nosso processo espiritual de autoconhecimento, e que essa síntese das energias opostas se realiza em nossos chacras.

No sistema oriental, há três canais (nadis) mais importantes de circulação de nossas energias, a saber: *Ida*, de natureza lunar e negativa, *Pingalá* de natureza solar/positiva, e *Shushumna*, neutro.

O canal Shushumna é um tubo reto que se localiza no centro de nosso corpo, ao longo da coluna cervical, e deveria ser o principal canal de circulação da energia. Mas em nosso estado atual, a energia Kundalini (alojada na base da coluna) está adormecida e em estado latente, por isso se divide em duas correntes de energia ou nadis, uma negativa/Ida e outra positiva/Pingalá, que sobem no sentido espiral em torno do canal Sushuma, em direção à cabeça.

Onde essas energias se cruzam, formam um vórtice ou turbilhão de energia, chamados "chacras", são sete chacras ao todo.

No gráfico da *Árvore da Vida*, verificamos que os três pilares correspondem aos três canais/nadis principais, e o trabalho alquímico da conciliação dos elementos opostos são equivalentes ao despertar da Kundalini, e elevação da mesma despertando os chacras. Essa subida se dá lentamente, passo a passo, chakra por chakra, começando o trabalho do despertar da Centelha em Malkuth ou chakra Muladhara. A cada chakra despertado, o que significa seu pleno desenvolvimento, ele engloba ou absorve as funções do chakra anterior.

Cada chakra corresponde a um determinado estado de consciência, portanto no despertar do chakra (ou unir as forças contrárias naquele estado de percepção), percebe-se do ponto de vista do microcosmo, como uma expansão da consciência. Então, conforme a elevação da Kundalini e ativação ou despertar do chakra correspondente, equivale à conciliação ou união dos pares de opostos correspondente àquele plano de consciência. A essa tomada de consciência através dos chacras equivale à tomada de consciência do próprio Self, e como Ele se percebe no próprio plano correspondente.

A simbologia da construção do Templo de Salomão corresponde a "Construção ou feitiço da Alma", o templo pronto corresponde a Alma humana. Segundo Fernando Pessoa: "O Templo de Salomão é a alma humana. A Grande Obra é elaborar em nós, no sentido estrito e pessoal, que não reencarnamos (mais), a transmutação (aqui mesmo) do chumbo do nosso ser perecível no ouro do nosso ser que não perece."

A etapa da construção do Templo de Salomão corresponde à primeira fase da "união", o começo do trabalho alquímico, a nigredo; Hiran é o filho da viúva, pois a viúva é a prima matéria, e o filho é o mercúrio impuro. O filho é aquele que já possui o aprendizado, que já adquiriu todos os artifícios do laboratório, e um dia deve ele mesmo pôr mãos à Grande Obra, coisa que ninguém poderá fazer por ele.

O Templo "pronto" corresponde ao segundo grau da coniunctio, a "unio corporal", onde se une corpo e Alma, é a quintessência, onde a imagem do Si - Mesmo (Self) tomou forma, corresponde a Tiphereth, ou conversação com o Sagrado Anjo Guardião, o mesmo que a ativação da Kundalini no chakra cardíaco.

O "Mar de Vidro" é o símbolo da Pedra Filosofal, a Obra Completa, ao terceiro grau da coniunctio, que é a tomada total de consciência do Self ou Atman Supra pessoal, ou Unus Mundus. Mas pra falar sobre assunto, há muitas outras lendas, e dentre elas, dizem até ser a construção do Templo de Ezequiel.

O TEMPLO MAÇÔNICO

O Templo é um espaço esotérico, formado pela união livre de maçons, sendo cada um considerado simbolicamente uma Pedra edificante. Maçonicamente é o lugar onde se reúnem as lojas ou trabalham os irmãos em Loja, cujo propósito simbólico é receber a Luz que os iluminará no aperfeiçoamento de si

próprios e da humanidade.

No trabalho maçônico a adoção mítica do Templo de Salomão é simbolicamente a imagem e representação do universo e de todas as maravilhas e perfeições da criação. Ele não deve ser considerado nem na sua realidade histórica, nem na sua aceção religiosa mas apenas na sua significação de alcance magnífico: a do Templo ideal jamais terminado.

À semelhança da generalidade de construção dos Templos, a sua forma é a de um quadrilongo (simbolismo do mundo ideal), cujo comprimento vai do Oriente (nascimento aparente do Sol; em alusão ao Tabernáculo do povo de Israel em demanda pelo deserto; no Templo de Salomão é o lugar onde se encontrava o Santuário; pelo Oriente ser reconhecido pelos ocidentais como o manancial da Sabedoria), ao Ocidente (num Templo constitui a entrada vindo do lado obscuro para a luz; esta orientação estabelece-se desta forma, por se crer na existência de uma outra corrente de forças, perpendicular a existente entre o Equador e os pólos), a largura do Meio Dia (hora simbólica do início dos trabalhos maçônicos), ao Setentrião (lado alegórico correspondendo à coluna do Norte) e a altura do Zénite ao Nadir (simbolicamente representam a energia ascendente e descendente que atravessa cada maçom).

A orientação do Templo deve ser no sentido este-oeste, (ficam assim completas as dimensões simbólicas da Loja, e cujo significado representa a Maçonaria Universal). A entrada é estabelecida por duas colunas: - Boaz e Jachim, que simbolicamente significam "Deus se estabelecerá em força". Elas assinalam os limites do Mundo criado. Os limites entre o mundo profano e o iniciático. São a contradição dos extremos de um simbolismo que tende para um equilíbrio que jamais será conseguido. Elas representam permanentemente duas forças opostas, o Sol e a Lua, a imaginação que reveste as ideias numa forma a vida e a morte, o mal e o bem, o calor e o frio, ou seja, o mundo dual. Resumidamente não se pode constituir uma coluna sem a outra.

Existem ainda outras duas colunas simbólicas: - a Coluna do Sul e a Coluna do Norte. Na primeira sentam-se os Companheiros (para aqui receberem a instrução a cargo do 1.º Vig:.. Ousam sentar-se neste lugar por lhes ter sido dada parte da Luz e portanto já não se encontram totalmente sob o domínio da escuridão) e na segunda os Aprendizes (iniciados nos Sagrados Mistérios da Maçonaria, ainda se encontram na escuridão, esta coluna é simbolicamente a menos iluminada, por tal motivo, é nela que os Aprendizes se sentam e recebem a sua instrução, a cargo do 2.º Vig:., com o objectivo de progressivamente irem recebendo a Luz).

Os Mestres e os Visitantes, podem sentar-se em ambas as colunas, pois já receberam a Luz. Podem sentar-se no Oriente os Mestres, sempre que o Venerável o solicite. Representando o Templo a imagem do Universo, as suas medidas não podem ser equitativamente definidas.

A essência simbólica das Lojas, é sustentada por três grandes pilares:

A Sabedoria personificada no Venerável, a ele lhe cabe a responsabilidade de conduzir os propósitos espirituais da sua Loja.

A Força representada no 1.º Vigilante, constitui simbolicamente o sustento de todas as nossas dificuldades e por fim

A Beleza, personificada no 2.º Vigilante, confere a beleza interior que cada homem deve possuir.

Estes devem situar-se em esquadro nos ângulos do quadrilongo, respectivamente. o Venerável no ângulo Oriente; o 1.º Vigilante no ângulo Ocidente / Setentrião e o 2.º Vigilante no ângulo Ocidente / Meio Dia.

Deve considerar-se simbolicamente o Templo, como o local ideal onde cada maçom combate os seus vícios profanos. O Templo torna-se na realização material da Loja em que cada sessão é, a consolidação espiritual dos Iir:., à Glória do Grande Arquitecto do Universo.

A Loja passa simbolicamente a representar um local de harmonia e simultaneamente um ponto de encontro entre o Céu e Terra. Nela se estabelece a harmonia entre a Razão Universal (como atributo divino), a Natureza (como dádiva divina), e o Homem Maçom (como interveniente). Todos os atributos divinos estão simbolicamente representados na Loja, sob a forma de ornamentos e utensílios.

Além da forma, extensão e orientação própria, a Loja deve conter os Ornamentos, dos quais faz parte o Piso Mosaico (em clara alusão às diferenças, mas unidas por um mesmo cinzento, representando assim a união livre de todos os Maçons do globo. Pode dizer-se ainda que ele representa no Templo, a continuidade da dualidade estabelecida pelas Colunas Jachim e Boaz, deduzindo-se daí, que ele constitui uma advertência ao Maçom, entre o Bem e o Mal, características inerentes à existência terrestre), a Estrela Flamejante ou Pentagrama .

Do Mobiliário fazem parte os Três Volumes da Ciência Sagrada (representando o ideal das condutas que cada Maçom deve possuir), o Esquadro (símbolo da Matéria) e o Compasso (símbolo do espírito). No 1.º Grau o Esquadro sobrepõe-se ao Compasso, é ainda o domínio da Matéria sobre o Espírito. Este domínio irá sendo sucessivamente contrariado até ao 3.º Grau, altura em que Compasso se sobrepõe ao Esquadro e o Maçom se torna Mestre, atingindo o último grau da Maçonaria Azul (Lojas Simbólicas) ou de Iniciação. É o domínio do Espírito sobre a Matéria.

As Joias, além das insígnias próprias de cada grau e função em Loja, existem as Joias Móveis (porque passam de irmão para irmão de acordo com a sucessão dos cargos em Loja), respectivamente o Esquadro, (símbolo da Retidão), o Nível (símbolo da Moralidade) e o Prumo (símbolo da Justiça) e as Joias Imóveis, que integram o equipamento necessário à execução dos trabalhos em Loja. Elas são imóveis por se acharem permanentemente expostas, solicitando à reflexão na divina natureza, traduzidas simbolicamente no Quadro de Traçar, no qual o Venerável projeta a Oficina que tem de transformar a Pedra Bruta (é a imagem alegórica do profano antes de ser instruído nos mistérios maçônicos; simboliza ainda a mentalidade rude do Aprendiz, cujas arestas ele aplaina e que lhe cabe disciplinar, educar e subordinar à sua vontade), tornando a numa Pedra Cúbica (que representa simbolicamente o Mestre Maçom).

No Oriente por cima do Venerável, encontra-se o Delta Flamejante (simbolizando uma tripla força: Polo positivo, Negativo e o efeito da sua união), o Sol (lado ativo) e a Lua (lado passivo), estes formam com o Venerável Mestre, as Três Luzes da Loja.

Uma Loja fica Justa e Perfeita quando três a dirigem (Venerável Mestre, O 1.º e 2.º Vigilantes), cinco a iluminam (os anteriores mais o Orador e o Secretário) e sete a tornam justa e perfeita (podendo ser mais um Companheiro e um Aprendiz).

Os Conhecimentos dos MM.'.

Como fostes recebidos VVen.'MM.'?

Passando do E.' ao C.'..

Por que o C.' é o utensílio particular dos VVen.'MM.'?

Porque só eles sabem manejá-lo com precisão.

Em que se baseiam os VVen.'MM.'., para usarem o C.' com precisão?

Medindo todas as coisas, levando, porém, em conta sua relatividade. A razão dos VVen.'.MM.'. , fixa como a cabeça do C.'. , julga os acontecimentos de acordo com as causas ocasionais. O julgamento dos iniciados inspiram-se, não nas rígidas graduações da Régua, mas num discernimento que se baseia na adaptação rigorosa da lógica à realidade.

Qual é a insígnia dos VVen.'.MM.'. ?

O E.'. unido ao C.'. .

O que significa a união desses dois instrumentos?

O E.'. regula o trabalho do Maç.'. , que deve agir com a máxima retidão, inspirando na mais escrupulosa equidade. O C.'. dirige esta atividade, esclarecendo-a, a fim de que produza a mais judiciosa e fecunda aplicação. Se um Ven.'.M.'. se perde, onde o encontrareis?

Entre o E.'. e o C.'. .

Por que?

Porque o Ven.'.M.'. procurado, distinguir-se-ia pelos respeitos aos costumes sociais vigentes; pela retidão de seus atos e pela justeza de seus raciocínios. É sob este ponto de vista que ele se conserva entre o E.'. e o C.'. .

OS TRÊS ASPECTOS DO MAÇOM NOS GRAUS SIMBÓLICOS

Os Trabalhos de uma Loja Maçônica, por sua vez, dizem respeito primeiramente à personalidade transitória de cada um dos indivíduos que a compõem, faz referencia ao ajuste do instrumento temporário da alma e do espírito do Maçom. Completamente, os trabalhos de uma Loja Maçônica fazem à construção Moral da humanidade com um todo, quem é a verdadeira obra da Maçonaria, enquanto ordem filosófica.

Pelo traçado maçônico, no Grau de “Aprendiz”, o homem é instruído a aparar as arestas da P.'.B.'. que dão apoio ao elemento, físico, elevando Templos à virtude e cavando masmorras ao vicio. Dessa forma, o Maçom aprende a reprimir seus instintos naturais e manter seus comportamentos sociais em níveis de controle satisfatório e, ao mesmo tempo, conservar sua natureza emocional dentro dos limites estabelecidos aos arquétipos da Ordem. Com isso, aprende também a conter os aspectos inferiores da sua alma, condição que lhe permite desenvolver a face superior da sua natureza humana.

No grau de “Companheiro”, o homem aprende a dominar essas emoções absolutas, à medida que começa a trabalhar no desenvolvimento gradual dos poderes de seu corpo mental, no despertar da sua vida espiritual e no condicionamento progressivo de suas faculdades intelectuais. Nessa fase de evolução o homem exercita, com mais liberdade, a paciência e a reflexão e começa a desenvolver sua consciência, pois necessita estar preparado para definir o caminho do que é certo ou errado, também para aceitar que muitas de suas ideias sejam rejeitadas, embora sejam boas. Esse comportamento não caracteriza um desperdício de trabalho, mas demonstra paciência e fortaleza de caráter. Só o tempo irá confirmar se sua obra pode ou não ser levada a efeito.

No grau de “Mestre”, o homem obtém o completo domínio sobre sua personalidade, tanto no que se refere ao desenvolvimento do raciocínio, quanto no que diz respeito ao controle das suas emoções. Detém capacidades para desenvolver atitudes fraternas, bem como empregar em suas ações cotidianas comportamentos de amor ao próximo, conduta que impulsiona a assumir o ponto de vista do ego, de maneira a não conseguir que o Esquadro obscureça o Compasso, mas de modo a permitir que esses

ensinamentos filosóficos o conduzam pelo vale das sombras até alcançar o início da morada da luz, onde habita o “Eu imortal”. Um dia o véu que cobre os olhos do iniciado será retirado pelas mãos que o teceram, e assim o homem será capaz de compreender a finalidade oculta de todas as coisas. Isso busca delinear os comportamentos, individual e coletivo dos iniciados em seus augustos mistérios. Sob a linha desse traçado, deve o homem subordinar suas ações pessoais à G.'.do G.'.A.'.D.'.U.'.e, ao mesmo tempo, aprender a trabalhar na tarefa que lhe haja sido prescrita, desempenhando a função que lhe tenha sido atribuída no grande plano da vida, traçado no qual é apenas uma fração, embora infinita, muito necessária.

Outros Segredos do Grau

O que procuram os VVen.'.MM.'?>

A PAL.'.PERD.'..

Que PAL.'.é essa?

É a chave do segredo Maçônico, ou melhor, é compreensão daquilo que permanece ininteligível aos profanos e os iniciados imperfeitos.

Como se perdeu a PAL.'?>

Pelos três grandes golpes que sofreu a tradição viva da Maç.', dados pelos CC.'. indignos e perversos.

Podeis dizer-me, como tornaram a encontrá-la?

Tendo sido assassinado o Ven.'.M.'. H.'.A.', seus discípulos mais fervorosos, resolveram descobrir sua sepultura, que lhes foi revelada por um ramo de A.'. Decidiram, então, desenterrá-lo e observar a primeira PAL.'.que se lhes escapasse dos lábios, à vista do cadáver e o gesto que indistintamente fizessem, uns aos outros, como Mistérios convencionais do Grau.

Qual é a nova P.'.S.'. de MM.'.MM.', que substitui a antiga?

M.'.

Que significa esta PAL.'?>

A c.'. s.'. d.'. dd.'. oo.'..

Nunca se suspeitou da primitiva P.'.S.'.que os conjurados tentaram arrancar do Ven.'.M.'. H.'.A.'?>

Sim, acredita-se que ela corresponda ao Tetragrama Sagrado, cuja pronúncia só era conhecida quando três Ven.'.MM.'. se reunissem.

Como se comunica a P.'.S.'?>

Pelos C.'.PP'.de PP'. do mestrado.

Quais são eles? P'.contra p.'.; j'.contra j.'.; p'.contra p.'.; mm'.dd'.unidas em g'.e m'.e'.sobre o o'.d'.do Ven.'.Ir.'..

A que fazem alusão estes PP'.de PP.'?>

À ressurreição do Ven.'.M.'.H.'.A.'.. A aproximação dos pp'.indica que os VVen.'.MM'.não hesitam em correr em socorro de seus Iir.'.; os jj'.que se tocam, são promessas de intercessão, em caso de necessidade; os pp'.unem-se em sinal de que abrigam os mesmos conhecimentos e que seus corações batem em uníssono, animados dos mesmos sentimentos; as mm'.dd'.em g'. indicam a união indissolúvel que os liga, mesmo em meio das maiores vicissitudes e finalmente, mm'.ee'.sobre os oo'.dd'. simbolizam que se ampararão mutuamente numa possível queda.

O Paine! de Mestre

Ao depara-se com os três grandes vícios, personificados por J.', J.' e J.' e reconhecê-los, o Iniciado sucumbe. Em uma primeira e grosseira interpretação, a Morte pode traduzir-se como o final, o caos, a desordem; porém em uma análise mais profunda deve-se compreender que ela é apenas a configuração da finalização definitiva de um ciclo que dará lugar a uma nova fase. Neste estágio devemos entender que estamos face a face com a total irrevocabilidade de nossa perda, isto é, que a partir de então, seremos obrigados a abandonar um padrão limitado de comportamento, em favor de uma visão mais plena e satisfatória do universo que nos cerca e do qual fazemos parte.

Uma luta se estabeleceu, a vida material foi mais fraca e cedeu lugar a morte. Isto significa que agora é preciso abandonar o passado, concentrarse no presente para vislumbrar o futuro. Futuro que deve ser estabelecido no equilíbrio exato entre o passivo e o ativo, na conciliação dos antagônicos, para resultar no encontro do caminho do meio.

Através da dualidade (2) somada ao ternário (3), atingimos o primeiro lampejo do caminho que deveremos seguir, o caminho interior para melhor agir. A força interior brota e encontramos a estrela flamejante, podemos reconhecer, portanto o homem perfeito que tendo integrado em si os quatro elementos, torna-se consciente da quintessência.

Os utensílios de trabalho servem agora para medir a nova maneira de agir. O malho nos ensina a derrubar os obstáculos e superar as dificuldades através de um raciocínio correto que nos faz agir e perseverar. Com o prumo aprendemos a aprofundarmo-nos no conhecimento e com o nível a considerar todas as coisas com igual serenidade. Deste modo, nos tornaremos capazes de aplicar tudo o que sabemos em nossas relações com o Cosmo.

Quando aptos a manejar os utensílios de maneira eficaz temos a permissão para atravessarmos o portal e nos encontrarmos com nosso Mestre Interior. Ele nos orientará a conhecer a Realidade Verdadeira que está acima do mundo das ilusões (mundo de Maya). A Câm.' do M.' é a imagem do laboratório onde se operam as transformações infinitas. Nela se opera a iluminação intelectual, diante da qual tudo é reduzido à sua verdadeira dimensão.

Dois caminhos de libertação abrem-se diante do Mestre: o caminho da sabedoria, para os que estão dispostos a meditar e o caminho da ação para os que preferem agir sem apego. Entretanto, devemos compreender que esses dois caminhos são um só, porque ninguém se liberta da escravidão do agir pelo fato de não agir e ninguém atinge a perfeição interior só por desistir da atividade externa.

Ao descer as profundezas da morte, podemos nos tornar seres despertos, abençoados pelas influências espirituais, refletindo e expressando-as de um modo atemporal, perene e continuamente renovado. É quando a c.'s.'d.'d.'oo.' que encontramos o princípio e o fim, que justificam as peregrinações simbólicas.

É o lugar, situado ao pé do espírito, onde, depositamos nossos ossos, sacralizando nossa existência; lugar este de renúncia e de passagem a um outro mundo. Esses oo.' não são senão o símbolo da nudez da Idéia, e neles se encontra o suporte ou a semente da regeneração do homem. As tíbias cruzadas assinalam, em sua interseção, o simbolismo de um mundo novo, que com a morte, transformamos em ato, em relação a todos os mundos.

Desde modo, já não podemos julgar a partir da exterioridade, aceitando definitivamente um modo de ser que tem a ver com a entrega sem explicações porque o telúrico e o celeste aqui se unem. Faz-se

necessário separa para unir, negar o mundo das ilusões, para entregar-se ao mistério. Se tudo faz parte do Si mesmo para voltar ao Si mesmo, é assim que pode ocorrer a entrega.

Podemos então através do trabalho sobre nossas energias harmonizadas e integradas com o Macrocosmo atingir a V.'L.'. e eis que encontramos o M.'P.', aquele que compreende que não foi ele que se entregou, mas o que foi acolhido. Torna-se, portanto o Ressuscitado, que a Divindade resgatou, quando tudo parecia perdido.

Poderá deste modo, trabalhar com as ferramentas utilizando-as sempre com j.' e p.'. exatidão, agora no plano mental, porque não se compraz de nenhum fruto de seu trabalho nem se apega a objeto algum da natureza; habita sempre sereno, na paz do seu Eu, porque sabe que não é ele que age, mesmo quando realiza alguma obra.

Transpando o esquife adquire finalmente a Plena Consciência de que para encontrar a Suprema Realidade, o G.'A.'D.'U.', não é necessário que o homem saia do mundo dos fenômenos transitórios, como pensam os dualistas, mas que penetre profundamente no último reduto desse mundo e descubra o Invisível nos visíveis, o Eterno nos temporários, a Realidade no meio das aparências, o Criador em todas as criaturas. Essa é a gloriosa conquista dos Iluminados, verem a Deus em todas as suas obras, só então a a.'n.'s.'.c.'..

Table of Contents

[Introdução](#)

[A ARCA DA ALIANÇA](#)

[A MAÇONARIA E O LIVRO DA LEI](#)

[INICIAÇÃO](#)

[ESPADA FLAMEJANTE](#)

[SIGILO MAÇÔNICO](#)

[PEDRA BRUTA](#)

[A TAÇA SAGRADA](#)

[AMOR AO PRÓXIMO](#)

[OS TRES PASSOS DO APR\](#)

[LOJA JUSTA E PERFEITA](#)

[A RECONCILIAÇÃO COM TEU IR\](#)

[O OLHO QUE TUDO VÊ](#)

[BENEFICÊNCIA MAÇÔNICA](#)

[TRANSMISSÃO DA PAL\ SAGR\](#)

[A PEDRA BRUTA E SUAS APLICAÇÕES FILOSÓFICAS](#)

[PREFÁCIO](#)

[INTRODUÇÃO](#)

[DESENVOLVIMENTO](#)

[CONCLUSÃO](#)

[A SACRALIDADE DO TEMPLO](#)

[ACENDIMENTO DE VELAS](#)

[ALTAR JUR .'. OS TRÊS GRAUS](#)

[AS PENEIRAS DE HIRAM](#)

[DIFERENÇAS RITUALISTICAS ENTRE RITOS](#)

[MAÇONARIA “CERIMÔNIA DE INCENSAMENTO”](#)

[JUBELAS, JUBELOS E JUBELUM Histórico](#)

[LENDA DE OSÍRIS E ÍSIS](#)

[LENDA DE HIRAM](#)

[O SIGNIFICADO ESOTÉRICO DA LENDA](#)

[LENDA DOS TRÊS MAGOS](#)

[LER NA EXALTAÇÃO](#)

[LUVAS NA MAÇONARIA](#)

[MAÇONARIA RITOS E RITUAIS](#)

[MENORAH](#)

[NÚMERO E MAÇONARIA](#)

[O CRIME DOS JUBELOS A traição do Companheiro](#)

[O GRAU DE MESTRE IDEAL](#)

[O LADO OCULTO DAS REUNIÕES DE LOJA](#)

[O TEMPLO](#)

[O TEMPLO DE SALOMÃO – A CONSTRUÇÃO](#)

[O TEMPLO MAÇÔNICO](#)

[OS TRÊS ASPECTOS DO MAÇOM NOS GRAUS SIMBÓLICOS](#)